

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
(MESTRADO)**

O PENSAMENTO ÉTICO-POLÍTICO

DE

EMMANUEL MOUNIER

WALDIR CAVALCANTE SANTANA

**JOÃO PESSOA
2009**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO**

O PENSAMENTO ÉTICO-POLÍTICO

DE

EMMANUEL MOUNIER

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de concentração: Ética e Filosofia Política

Orientador: Prof. Dr. Giuseppe Tosi

WALDIR CAVALCANTE SANTANA

BANCA EXAMINADORA

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ÉTICA E FILOSOFIA POLÍTICA

APROVADO EM ____/____/____

Dr. Giuseppe Tosi
Professor: Orientador - UFPB

Dr. Deyve Redyson M. dos Santos
Professor: Membro Interno - UFPB

Dr. André G. Ferreira da Silva
Professor: Membro Externo - UFPE

DEDICATÓRIA

Aos oprimidos,
Aos deserdados da justiça,
Aos violentados pela maldade,
Aos pobres,
Aos famintos,
Aos miseráveis,

Na esperança de um dia viver num mundo mais ético e democraticamente livre.

Em especial aos meus pais, Waldemar Santana e Helena Santana (*In memoriam*), de quem herdei a coragem de enfrentar longos desafios.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Giuseppe Tosi, em reconhecimento, pela gentil e zelosa orientação, sua atenção, espontaneidade e competência admirável fizeram com que os caminhos desta dissertação fossem traçados e delimitados que contribuíram para meu crescimento humano, espiritual e intelectual.

Ao meu irmão Pe. Waldemir Santana, em reconhecimento pela sua contribuição logística e animação para efetivação desta dissertação.

Ao Professor Dr. Deyve Redyson M. dos Santos pela contribuição significativa na arrumação das idéias.

Aos funcionários do Departamento de Pós-Graduação em Filosofia, Francisco da Costa Almeida, Paulo Costa e Maria de Fátima Souza Medeiros.

A minha esposa Suely Moreira, pela força.

Aos meus irmãos Valdilena Santana, Marilena Santana, Valmeluce Santana, Walmir Santana e Manoel Martins Santana, pelo apoio.

A minha amiga Oneide de Andrade pela força e carinho durante essa caminhada.

Enfim, a todos meus amigos que torcem por mim.

RESUMO

Este trabalho apresenta o personalismo cristão de Emmanuel Mounier, contemplando o aspecto ético-político e seus desdobramentos em favor do valor integral da pessoa: corpo e espírito. O pensamento mounieriano é uma reação contra toda forma de totalitarismo, faz críticas ao capitalismo, ao fascismo e ao marxismo, propostas políticas que não promovem os reais valores constitutivos da pessoa humana, levando à despersonalização e à perda da existência espiritual da pessoa. A pessoa deve estar acima de toda e qualquer instituição humana. Enquanto corpo e espírito, ela não pode ser vista como objeto que se olha de fora. Sendo cristão, Mounier critica o cristianismo que se coliga com governos totalitaristas. Ele prega o fim dessa cristandade, mas acredita no cristianismo autêntico. Mounier detecta as falhas e limitações no existencialismo de Sartre; mas reconhece o aspecto positivo do existencialismo quando traz a filosofia do mundo das idéias para a existência real. Dentre a democracia representativa e a participativa, Mounier opta pela participativa porque amplia a todos os cidadãos a participação sobre as decisões de seu Estado. Para Mounier, o indivíduo só se torna pessoa a partir do momento em que direciona o seu ser ao outro numa atitude dialógica, engendrando assim, a *comunhão*. A *pessoa-comunidade* é o elemento no personalismo que proporciona uma vida mais humana.

Palavras-chave: Pessoa, Personalismo, Existencialismo, Comunidade, Democracia.

RÉSUMÉ

Basé sur le référentiel théorique du personnalisme chrétien d'Emmanuel Mounier, ce travail a prétention de montrer l'aspect éthique et politique et les conséquences favorables de cette pensée pour la personne entendue comme corps et esprit. Le pensée mouniérienne est une réaction à toutes formes de totalitarisme. Elle fait critique au capitalisme, au fascisme et au marxisme, des structures politiques qui ne promeuvent pas les réelles valeurs constitutives de la personne humaine, jusqu'à la dépersonnalisations et la perte de son existence spirituelle. La personne doit être, au-dessus de n'importe quelle institution humaine. Autant que la personne est corps et esprit, la personne ne peut pas être prise comme un objet qu'on regarde du dehors. Comme chrétien, Mounier fait la critique d'une forme de christianisme qui se lie avec le totalitarisme, quel qu'il soit. Il propose la fin de la christianité, mais il croit au christianisme authentique. Il décèle des lacunes et limitations dans l'existentialisme de Sartre; mais l'existentialisme présente un aspect positif lorsqu'il amène la philosophie du monde des idées à l'existence réelle. Entre la démocratie participative et la représentative, Mounier choisit la première, vu que celle-là attribue aux citoyens les responsabilités publiques de l'État. D'après Mounier, l'individu devient personne qu'à partir du moment où on s'oriente vers l'autre, en attitude de dialogue, créant la communion. La personne-communauté est, dans le personnalisme, l'élément qui procure aux êtres humains une vie plus humaine.

Mots-clés: Personne, Personnalisme, Existentialisme, Communauté, Démocratie.

SUMÁRIO

RESUMO

RÉSUMÉ

INTRODUÇÃO.....	09
-----------------	----

CAPÍTULO I – O CONCEITO DE PESSOA

1.1. Biografia intelectual de Emmanuel Mounier.....	14
1.2. O Personalismo.....	20
1.3. A concepção de pessoa e seus fundamentos.....	23
1.3.1. A Existência incorporada.....	24
1.3.2. A Comunidade e a Comunicação.....	27
1.3.3. A Conversão íntima.....	30
1.3.4. O Afrontamento.....	35
1.3.5. A Liberdade.....	39
1.3.6. A Eminente dignidade.....	43
1.3.7. O Engajamento.....	45

CAPÍTULO - II - PERSONALISMO CRISTÃO E AS IDEOLOGIAS DO SEU TEMPO

2.1. Personalismo e Cristianismo.....	49
2.2. Personalismo e Liberalismo Capitalista.....	55
2.3. Personalismo e Fascismo.....	68
2.4. Personalismo e Marxismo.....	71
2.5. Personalismo e Existencialismo.....	77

CAPÍTULO - III - A DEMOCRACIA PARTICIPATIVA DE MOUNIER

3.1. O Estado segundo Mounier.....	97
3.2. Crítica à Democracia Participativa e a proposta política de Mounier.....	100
3.3. O Socialismo Democrático Personalista de Mounier.....	104

CONCLUSÃO.....	119
----------------	-----

BIBLIOGRAFIA.....	122
-------------------	-----

INTRODUÇÃO

O século XX foi caracterizado por uma profunda crise espiritual que despertou na Europa um vazio existencial provido pela decadência do império da razão. O clima do individualismo e coletivismo era potente e ao mesmo tempo devastador, pois conduzia os seres humanos a uma total despersonalização do seu ser. A partir de Emmanuel Mounier procurar-se-á refletir sobre a ética e a política e sua reação contra as ideologias do seu tempo que pairava sobre a Europa.

A secularização é um dos grandes fenômenos históricos da modernidade ocidental. A secularização tem o impacto na modernidade em diferentes níveis: econômico, social, político, intelectual, sobre a religião ou mais exatamente, sobre a configuração tradicional das relações entre religião e sociedade. A secularização significa a laicização da religião, a sua saída da esfera pública, e a sua limitação ao domínio privado. Com a Modernidade, a religião entra em concorrência com a nova visão do lugar do homem no mundo a conquistar e a organizar. Como a Religião era o principal dispositivo de socialização e do controle social das sociedades do passado, perde essa função; por isso, o processo de secularização pode, extensivamente, designar a perda da influência da religião na sociedade.

Para compreender melhor a forte secularização européia é preciso olhar a história e especialmente o espírito das luzes e da Revolução Francesa no século XVII. Neste período, a Europa conheceu um anti-clericalismo violento que, enfaticamente na França, deveria “esmagar a Igreja”, como disse Voltaire.

Os séculos XVII e XVIII foram herdeiros desse racionalismo que se desenvolveu no pensamento social. Nessa época triunfam a filosofia das luzes e o pensamento racionalista e individualista moderno; as artes e as ciências se emancipam da tutela da religião. O Estado moderno se encontra centralizado. Esse processo desenvolveu-se lentamente com elementos que influenciaram até o século XIX, relativizado valores que caracterizam nosso universo racional e intelectual em que na Europa as religiões, sobretudo o cristianismo, foram perdendo sua credibilidade.

O século XIX pode ser considerado como o século da consolidação da sociedade moderna, no sentido técnico que esse termo recebe como expressão das transformações que se produziram na Europa desde a época renascentista. A primeira e mais fundamental é a prioridade que se dá ao indivíduo, diante da sociedade. Inseridos nos tempos modernos, os pontífices romanos produzem um saber social na busca de uma emancipação humana que supere a dos sistemas capitalista e socialista. A *Rerum Novarum*, debatia sobre as questões das classes trabalhadoras, da revolução industrial. Ele apoiava os trabalhadores formando sindicatos, mas rejeitava o socialismo e defendia o direito à propriedade privada. Também criticava fortemente a falta de princípios éticos e valores morais na sociedade do seu tempo, uma das grandes causas dos problemas sociais. A *Rerum Novarum* buscava alguns princípios que deveriam ser usados na busca de justiça na vida industrial e sócio-econômica, por exemplo, a melhor distribuição de riqueza, a intervenção do Estado na economia a favor dos pobres e desprotegidos, a caridade do patronado aos trabalhadores.

Papa Leão XIII manifestou indignação contra a situação social da modernidade e da crise social que, o mundo passava, de conflitos, e se posiciona contra à situação de miséria e pobreza que os trabalhadores estavam submetidos em razão do liberalismo irresponsável, de um capitalismo selvagem e de padrões desumanos. Os trabalhadores estavam sendo vítimas da cobiça e da ganância desenfreada e de leis que haviam perdido o sentido e os princípios cristãos. O Papa Leão XIII deu início a uma nova forma de relacionamento entre a Igreja e o mundo moderno, que consiste na abertura da Igreja ao mundo moderno, em lugar de uma posição de mera condenação. Esta procurou soluções à luz do Evangelho e dos ensinamentos cristãos, para os problemas sociais da humanidade. Por isso, ele refutou como falsas as teorias socialistas marxistas e defendeu a propriedade privada, acreditando nas soluções das ações combinadas entre a Igreja, o Estado, os empregadores e aos empregados.

Contra a moderna sociedade burguesa, a Igreja aponta limites do sistema capitalista, negador de toda relação entre moral e economia. No início do século XX, a Igreja promove uma reforma tentando manter sua influência sobre as massas rurais e urbanas, e, sobretudo, recuperar a sua influência intelectual, cultural e moral sobre os intelectuais, que haviam perdido na modernidade.

É nesse contexto histórico, mais exatamente, na primeira metade do século XX, que está inserido o filósofo cristão Emmanuel Mounier, que procura um diálogo com a modernidade num dos períodos mais conturbados e trágicos da história da humanidade. Nessa mesma linha podemos encontrar o filósofo neotomista Jacques Maritain, que buscava a renovação do pensamento do Santo Tomás de Aquino. Mounier tem sua maneira própria e original de pensar o personalismo, dialogando, criticando, discutindo com as principais ideologias, filosofias, sistemas econômicos e políticos de sua época, na tentativa de elaborar uma proposta susceptível de construir uma alternativa as ideologias dominantes, que eram predominantemente materialistas e atéias.

O atual debate ético, econômico, social e cultural e as constantes iniciativas de estudo em torno das obras de Mounier, reforçam a convicção de que o pensador francês, hoje mantém uma vitalidade importante no sentido de que nele encontramos reflexões a problemas que hoje nos preocupam. Com o seu personalismo, Mounier parece-nos um pensador adaptado ao nosso tempo; graças ao personalismo que Mounier reivindica a necessidade não só da ciência, da técnica, da ação, típicas da sociedade contemporânea, mas também da sabedoria, da espiritualidade, da contemplação, exigências estas, que longe de mortificar aquelas, permitem-lhes não degenerar no cientificismo, na tecnocracia, no praxismo.

As posições indicadas por Mounier representam seguindo a escolha do personalismo, na sua radicalidade, uma denúncia e contestação dos erros e uma efetiva alternativa à crise contemporânea. Por isso, Mounier é filósofo do nosso tempo, enquanto ponderou com as questões mais vivas da época contemporânea, porque nossa época atual precisa particularmente da sua filosofia, fundada sobre o personalismo cristão, se quer evitar que a verdade enquanto valor inerente a filosofia caia no niilismo.

O grande esforço de Mounier foi pôr em evidência a compatibilidade entre religiosidade e laicidade, ambas necessárias para uma visão antropológica adequada. Neste perfil, a concepção de Mounier configura-se como um existencialismo cristão personalista, que se posiciona contra toda forma de reducionismo da pessoa humana. O personalismo mounieriano permite entender corretamente que o homem deve atingir em nosso tempo o homem integral: corpo e espírito.

Mounier denuncia as desordens do nosso tempo no aspecto econômico, social, espiritual etc. Com isso, não quer, certo, desconhecer a especificação da política, quer apenas evitar que a reivindicação de sua originalidade acabe por desembocar na absolutização do político. Ele procura a necessidade de superar o divórcio entre ética e política, confrontar-se para não se extraviar no conformismo das modas ideológicas e tecnológicas. A sua lição não está nas soluções dos problemas confrontados, mas no “estilo” com que afrontou-os, estilo que parece reassumível, na reivindicação do primado da pessoa. Portanto, dentre as várias definições que se dá para Mounier, a mais adequada parece-nos ser: “Filósofo personalista cristão da laicidade”. As contribuições que Mounier apresenta são úteis a todos: cristãos, não-cristãos e agnósticos. Em Mounier encontramos um dos teóricos contemporâneos de grande esperança para o início de século XXI.

O tema central da presente dissertação é a abordagem do pensamento ético-político de Mounier a partir do conceito central de pessoa e das polêmicas e confrontações estabelecidas por ele com as principais correntes do pensamento a ele contemporâneo. Ele será desenvolvido em três grandes partes que serão apresentadas a seguir.

Apresentarei no primeiro capítulo, para melhor elucidar o tema, um breve histórico deste ilustre filósofo contemporâneo e as características principais do seu personalismo. Conhecer a biografia de Mounier é fundamental para sabermos como seu pensamento foi construído, e dar uma idéia geral de como Mounier pensa o conceito chave de pessoa. Afinal, a pessoa é conceituável? O que é que faz a pessoa ser realmente pessoa? Existência incorporada, comunicação, conversão íntima, afrontamento, liberdade, dignidade eminente e compromisso são elementos importantes que poderão servir para definir a concepção de pessoa.

No segundo capítulo iremos constatar que o pensamento de Mounier foi produzido num contexto histórico-cultural bem definido. Sua filosofia não nasceu da abstração, mas da ação e do concreto. Nessa perspectiva, vamos focalizar a constatação da desordem estabelecida no seu tempo, indicando suas causas apresentadas no personalismo comunitário, como também indicando as influências do cristianismo, do

marxismo e do existencialismo que serviram de ar que respira o personalismo. Não devemos entender isso como um ecletismo, pois o seu personalismo está carregado de originalidade. A idéia de Mounier era de não permanecer somente no interior da Igreja, queria ser um fermento social e político; por isso, a definição do personalismo se dá no embate dialético com as outras perspectivas políticas dominantes na época: o liberalismo capitalista, o fascismo e o marxismo, sistemas que – em sua opinião, não propunham uma ética da pessoa. Mounier irá fazer críticas contundentes, propondo no seu personalismo cristão um convívio mais comunitário, mais socializável e mais humano.

O terceiro capítulo contempla o perfil do pensamento político de Mounier. Este pensador com sua filosofia praxista (de ação) opta por uma democracia participativa e não uma democracia puramente representativa. Mounier tenta com seus argumentos personalistas ir contra a engrenagem da democracia representativa. Essa engrenagem democrática representativa atende realmente os anseios do povo e de um Estado que vise à promoção da pessoa humana. Veremos como Mounier elabora uma política personalista, contemplando um Estado democrático servidor, um socialismo democrático livre e comunitário, tendo o personalismo como uma terceira via de superação diante capitalismo, do fascismo e do marxismo para efetividade de uma democracia participativa na perspectiva de um realismo integral.

Estamos conscientes de que a profundidade da ação cristamente esclarecida e da reflexão engajada do “pai” do personalismo francês, merece uma investigação que venha convidar e ajudar todos a se abeberarem do pensamento cativante e a inspiração no exemplo sempre atual do personalismo de Emmanuel Mounier.

CAPÍTULO - I

O CONCEITO DE PESSOA

1.1 – Biografia intelectual de Emmanuel Mounier

Emmanuel Mounier nasceu em Grenoble no dia 1º de abril de 1905 e morreu em 22 de março de 1950 em Paris. Saiu de uma família de condições modestas. É nos campos de Grenoble que ele vive sua infância, cercado dos pais, avós e de sua irmã. Calmo, tenaz como são os montanhese e cheio de ardor no trabalho; um pouco lento, de início, pois tudo quer aprofundar. Logo se faz notar pela dedicação e vivacidade intelectual, atraindo a atenção e a simpatia dos seus mestres. Mounier era atraído para uma verdade não abstrata, mas em relação direta com a vida, concreta, profundamente humana.

Mounier na adolescência, já propenso à meditação, desabrocha num ambiente de felicidade. Com quatorze anos sentia toda doçura do mundo com toda a ambição do seu tempo. Cedo aprendeu a encarar a vida de frente, a vida, na sua realidade total a um tempo trágico e luminosa: “Encontrar pessoas era tudo o que esperava da vida, e eu sentia que isto queria dizer: encontrar sofrimento [...] parecia-me não poder imaginar a alegria senão através da partilha do sofrimento”¹. Tinha uma visão interessante da juventude. Ela, dessa forma, se desenvolve com os anos que lhe trazem uma plenitude cada vez mais rica. A juventude não é somente uma evocação da infância, mas, sobretudo uma atitude de vida, uma luta incessante contra a rigidez do hábito, um questionar sobre cada dia. Para Mounier, “nós devemos permanecer com nossa juventude e sermos novos, não porque estamos em movimento, mas porque o tempo material mumifica, o que nos sobra como único meio de continuarmos puros, saudáveis e fecundos, que é sempre renascermos”². Ser jovem é estar sempre disponível aos acontecimentos e aos homens, jamais envelhecer, jamais aceitar o fato consumado.

¹ - MOIX, Candide. *O Pensamento de Emmanuel Mounier*, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra 1968, p.5.

² - MOUNIER, *Révolution personaliste et communautaire*, Tradução: Antônio Colaço Martins: Metafísica e Ética da Pessoa, Fortaleza, 1997, p. 53 (*Refazer a Renascença*).

Saindo da adolescência, chega o momento de Mounier decidir sobre sua vida, mas seus pais que escolhem por ele. Para equilibrar seu pendor para meditação, julgaram necessário dirigi-lo para estudos de medicina. Por sua timidez excessiva não teve força para objetar a esses desejos o que configurou o seu primeiro grande sofrimento e desespero até a tentação do suicídio. Foi do seu primeiro retiro espiritual fechado que Mounier decidiu sobre sua vida. Ele volta transformado; seu retiro foi uma revelação. Seus pais aceitaram sem dificuldades tal mudança de orientação do curso de medicina. Mounier seguiu cursando três anos Filosofia sobre a orientação de Jacques Chevalier³, em Grenoble. Sua inteligência e seu coração abrem-se amplamente ao ensino do seu novo mestre. Chevalier se esforça para dar a Mounier uma boa preparação para ação e um método seguro, rigoroso: seu cuidado pela objetividade, tão notável parece vir daí.

Não se pode imaginar um Mounier que recebe passivamente a influência de seu mestre. Sua personalidade é já forte sob uma aparente maleabilidade. Tudo o que vem de fora, ele o faz seu, transformando-o. O que faltou na época para Mounier eram contatos que favorecessem sua formação intelectual. No dia 29 de outubro em 1927, o jovem estudante chegara a Paris com vinte e dois anos imediatamente em contato com o Pe. Pouget, a quem Chevalier costumava indicar seus estudantes. Ficou muito entusiasmado com a oportunidade de conhecer Pe. Pouget.⁴ Trabalhou sobre sua direção até a morte em 1933, desse grande exegeta. Foi um novo sofrimento para Mounier, a morte de Georges Barthelèmy, em 5 de janeiro de 1928, seu estimado colega de classe de Filosofia e seu único amigo a quem abrisse certos santuários internos. Essa morte foi um duro choque. O sofrimento reconcilia-o com consigo mesmo, com as coisas e com a vida, enriquece-o e amadurece-o. A morte de seu amigo é, para ele, como um apelo, diz assim Mounier: “[...] Sinto que não tenho o direito de ordenar minha vida, como se a dele não tivesse sido interrompida”⁵.

Exerce, de certo modo, uma função de liderança. Em 1925, funda um círculo de estudos católicos, em 1926 dirige reuniões semanais de grupo dos “platonizantes”.

³ - J. Chevalier. Filósofo católico que atuou em Paris na década de 20, professor de filosofia em Grenoble.

⁴ - Não se encontra nenhuma fonte bibliográfica do Pe. Pouget. Mounier não faz muitas referências sobre este teólogo e exegeta, mas sabemos que atuou em 1933 em Paris como professor e orientador espiritual.

⁵ - MOUNIER, *Mounier et sa génération*, 1928, p. 34, 10 de agosto (a Jean Guiton).

Além disso, é membro da Ação Católica da Juventude Francesa (A.C.J.F.), e da Conferência de São Vicente de Paulo. Em 23 de junho 1927, Mounier defendeu em Paris sua tese sobre “*O Conflito do Antropocentrismo e do Teocentrismo na Filosofia de Descartes*”. Estudou na Sorbonne, deu aulas no ensino médio e fez parte do círculo de Jacques Maritain. É interessante notar que a escolha de sua tese foi motivada pela busca de uma filosofia da pessoa. Por isso, seu tema é bastante concreto e vivo, tanto mais vivo e concreto quanto parte de uma preocupação de vida interior e que, trazido à atualidade, abrangendo os problemas éticos, políticos e sociais. Em 25 de maio de 1928, Mounier escreve a Jacques Chevalier a carta que permite a exata compreensão do que representou o seu primeiro contato em Paris. Ele disse nessa carta:

[...] Esperava apenas que já tivesse voltado para lhe dar notícias da minha campanha sorbonnense. Agora estou convencido de que pode ter confiança em mim. Penso que estou para sempre impermeabilizado contra o veneno da Sorbonne. Não chega a molhar, como dizia Péguy. É subtil, mas é mais perigoso para aqueles que nunca foram suficientemente atingidos pela vida, ou que nunca se souberam entregar-lhe suficientemente e só pensaram no seu desenvolvimento intelectual (mais exato: universitário). Sou manifestamente incapaz da atitude objetiva de todos esses que se colocam diante de um problema como diante de uma peça de anatomia, e diante da sua carreira como diante de um mecanismo, que fosse preciso montar, metodicamente, até um certo ponto. Aliás, resta saber se não é um abuso de linguagem chamar objetividade a essa mutilação e a essa miopia. É exatamente isso que a Sorbonne alimenta, e pude aproximar-me o suficiente para perceber que, quando se olha de dentro, se não dá por isso, se não vê a estreiteza de tudo isso, e que, até, qualquer atitude parece ridícula⁶.

Acreditamos que Mounier tinha esta idéia que dos intelectuais da Sorbonne, porque se achavam os grandes detentores do universo intelectual do seu tempo. Esta idéia que teve sobre intelectualismo sorbonnista era porque os intelectuais da Sorbonne não tinham uma relação direta com a vida de pessoa no aspecto espiritual.

Mounier já conhecera Charles Péguy desde longa data, mas veio descobri-lo realmente nas férias de Natal de 1928-29. Acontece um fato importante na sua vida: a inspiração de Charles Péguy⁷, homem saído do povo, que renunciou à carreira e ao

⁶ - MOUNIER Apud COSTA, 1960 p. 26.

⁷ - Charles Péguy foi um escritor francês (Orleães, 1873-1914), filho de operários. Coursou a École Normale Supérieure, mas a abandonou, assim como abandonou a prática do catolicismo, embora tenha mantido sua fé. Em 1897, escreveu a primeira versão da peça *Jeanne d'Arc*, na qual afirma seus princípios socialistas e religiosos. Péguy é amigo dos pobres, desapegado das coisas materiais, ao deflagrar a Primeira Guerra Mundial, Péguy foi à trincheira como tenente e morre na primeira batalha do

sucesso, que escolheu a pobreza; um dos raros criadores, animado, não pela preocupação de produzir, mas de servir. Sua alma é de fiel, de testemunho cristão. Tudo isto poderíamos dizer do próprio Mounier. Péguy reuniu em torno de si católicos, protestantes, livres-pensadores que “não trapaceiam”. Este é o esforço que Mounier também iria realizar. Isso culminou na publicação da obra: *O Pensamento de Charles Péguy* em 1931, escrita com a colaboração de Georges Izard e Marcel Péguy. Sem Péguy, escreveu Albert Béguin, seria difícil compreender a brusca passagem de Mounier, em 1931-32, da filosofia como apostolado, ao compromisso no temporal. Péguy autorizou interiormente Mounier a tornar-se no que ele tinha que ser.⁸ A obra dedicada à memória de Georges Barthelémy. Uma grande crise começou após esta morte de Barthelémy e o encontro com Péguy contribuiu para Mounier sair dela. Péguy denunciava o mundo do dinheiro. Mounier denunciava também o mundo do dinheiro com o mesmo vigor do seu mestre. Mounier encontrou aí seu exemplo magnífico. É importante ilustrar que Péguy está no ponto de partida da decisão de Mounier buscar a verdade.

O pensamento de Mounier está marcado negativamente pela sua saída da universidade porque ela não estava ligada à vida espiritual da pessoa e, de modo positivo, pela responsabilidade de um movimento que se concretizava numa revista. Mounier contava com 27 anos com a fundação da revista *Esprit*⁹. Mounier tentava a aventura de uma filosofia não universitária. Sua sorte seria então, ao libertar-se da universidade talvez na década de 30 em Paris, pois o magistério é à sua maneira um compromisso com a pessoa integral, salvar-se do ócio, pela criação de um movimento a cujo serviço se colocou: o movimento *Esprit*. João Bernard da Costa procura traduzir o pensamento de Mounier, através de algumas passagens, do manifesto da revista *Esprit*:

Como é que se pode não estar em permanente revolução contra as tiranias desta época? Nela detestamos: uma ciência que se desliga da sabedoria, se perde em preocupações utilitárias; uma filosofia envergonhada, desconhecendo o seu papel e os problemas que nos importam, mendigando à

Marne franco-britânica que foi uma vitória sobre a Alemanha de 05 de setembro a 12 de setembro de 1914. Foi um dos momentos decisivos da Primeira Guerra Mundial por suas idéias socialistas e defensor dos pobres foi grande inspirador de Emmanuel Mounier.

⁸ - COSTA, 1960. p. 28.

⁹ - A revista *Esprit* foi fundada em 1932, por Emmanuel Mounier. *Esprit* é antes de mais nada “um laboratório de soluções novas, que mantém “ uma grande pureza de linha”. Acreditamos que Mounier buscou inspiração na revista francesa, *Esprit Nouveau*, concebida por Le Courbisier e Amédée Ozanfant em 1921, com objetivo de renovar a arte e a arquitetura.

ciência uma verdade que, de antemão, proclama relativa, e unicamente capaz de demonstrar que a ciência a não pode atingir; sociedades que se governam e funcionam como casas comerciais; economias que se esgotam para adaptar o homem à máquina e só utilizam o esforço humano na procura de lucros; vidas particulares invadidas pelos apetites, desenraizadas, conduzidas a todas as formas de homicídio ou suicídio, uma literatura separada da nossa natureza pelas complicações e pelos artifícios e que escorrega por um século que devia inspirar; a indiferença, mesmo ao nosso lado, daqueles que têm responsabilidades e as rebaixam, as desprezam ou as desbaratam. Não há nenhuma forma de pensamento ou atividade que não esteja sujeita a um materialismo próprio. Por toda parte o homem é obrigado a aceitar sistemas e instituições que o esquecem: se se curva, destrói-se [...] ¹⁰.

Essa crítica de Mounier ao sistema universitário de sua época, principalmente da Sorbonne que se considerava o centro do universo intelectual em Paris, tinha preocupações ordem utilitarista. Eram preocupações desnecessárias do intelectual Sorbonnista. Para Mounier, a pessoa tinha que se libertar de sistemas e instituições fechadas. Mounier estava mais preocupado com as questões que contemplavam o homem engajado na ação e no universo espiritual. Assim resume Mounier sobre a Sorbonne na tradução de Costa:

Queremos salvá-lo dando-lhe a consciência do que é. A nossa tarefa central é encontrar a verdadeira noção de homem. Estamos de acordo para basear na supremacia dos valores espirituais. O nosso primeiro olhar será o do homem, um olhar de amor. Nada há de mais contrário à complacência como ao pessimismo rígido. É tempo de libertar o heroísmo da amargura e a alegria da mediocridade. É a esta luz que procuraremos por todo um inverso os que nos estão próximos. Porque somos fiéis ao permanente destino de espírito, e não estamos ligados a nenhuma das manifestações temporais que dele se reclamam para seu próprio proveito. E é assim que, livres para uma absoluta franqueza frente à realidade, apoiando em todo o mundo as suas imprevisíveis invenções, e os seus eternos destinos, começam uma obra para um mundo novo. Alguns de nós têm uma fé religiosa. Inserem as nossas convicções comuns numa visão do universo que as transfiguram sem destruir. É sem restrições que a proclamam. Pensam que sua fé não autoriza a abstenção, mas, pelo contrário, lhes impõe deveres especiais quanto à organização das coisas terrenas; mas entendem também não a vincular a nenhuma das soluções provisórias que passam a vir a atingir. Vida social – A nossa hostilidade é tão viva em relação ao marxismo e ao bolchevismo. O capitalismo reduz, quer pela miséria, quer pelo conforto, uma multidão cada vez maior a um estado de servidão incompatível com a dignidade do homem; orienta todas as classes e toda a personalidade para posse do dinheiro, único desejo que alimenta o mundo moderno ¹¹.

¹⁰ - COSTA, 1960, pp. 32-33.

¹¹ - IDEM.

Ele protestava contra tudo que levasse à degradação da pessoa humana; por isso, participava de movimentos populares chegando a fazer greve de fome. Era contra toda forma de totalitarismo. A ação política de Mounier se expressava no *Esprit* que visava denunciar toda forma de totalitarismo, de opressão. Fazia muitas críticas ao capitalismo, ao espírito burguês e a coisificação do homem. Na *Esprit*, fundada em 1932, Mounier escreveu várias obras, as principais são: *Révolution Personaliste et Communautaire* (1936), *Manifeste au Service du Personalisme* (1936), *Introduction aux Existencialismes* (1946), *La Petite Peur du XX Siècle* (1948), *Le Personalisme* (1949), *Traité du Caractère* (1947).

O encontro de Mounier com Maritain remonta ao início da década de 30: freqüentava a sua casa, participava dos encontros que ali se realizavam. A *Esprit* irá reunir um grupo de notáveis colaboradores, onde encontramos nomes de tendências tão diversas: cristãos, existencialistas cristãos, neotomista como Jacques Maritain, Raissa Maritain, Gabriel Marcel¹² e Nikolai Berdiaeff, Jacques Lefrancq, Marxime Chastain, Pierre-Henri Simon, etc. A idéia elaborada por Mounier se localiza historicamente como uma compreensão do mundo que estava marcada pela recente experiência das duas devastadoras grandes guerras mundiais. Contara com um material rico do pós-guerra, tanto da Primeira Grande Guerra como da Segunda Guerra Mundial para abrir um debate e de uma crítica profunda ao capitalismo. Nesse sentido, Mounier dirige seu “*Manifesto*” contra as ideologias sócio-políticas de seu tempo, formulando pontualmente uma própria doutrina de índole personalista, porque põe ênfase na pessoa humana dentro do desenvolvimento de um povo organizado.

Falar a data e as circunstâncias da morte de Mounier

Se quisermos caracterizar, em seus traços dominantes, à vocação de Mounier, parece-nos que nada melhor podemos encontrar do que a estreita relação do seu pensamento à realidade histórica em que se inseria seu concreto assumir o mundo e o homem de cada dia, seu renovado e pleno compromisso com a pessoa. Sabemos que

¹² - Gabriel-Honoré Marcel (1889-1973), filósofo, dramaturgo francês de renome internacional, nasceu em Paris. Foi ator de muitas obras e conferencista muito requisitado. Para Marcel, a relação exige uma abertura franca, uma disponibilidade, envolvimento ou engajamento no dia a dia da existência. A posição oposta é a recusa de se abrir e de se engajar, dar crédito, ter confiança, uma disposição para pregar tudo, para o desespero e mesmo para o suicídio. Tais possibilidades são características da condição humana. O homem pode tanto negar ou afirmar sua existência e tanto cumprir quanto frustrar sua necessidade de participação. (<http://www.cobra.pagens.com.br>).

Mounier radicou tal compromisso na exigência da sua fé, na renovada compreensão do que significa o mistério da Encarnação.

Mounier também foi criticado por muitos intelectuais. Mas sempre aberto ao diálogo, jamais se afinou com a proposta do capitalismo que não prioriza a pessoa, com o marxismo socializante da época, com o fascismo e com o comunismo. A pretensão de Mounier é clara: ir além do fascismo, do comunismo, do marxismo e do mundo burguês decadente.

A influência exercida pelas idéias de Mounier sobre o ambiente intelectual em nosso século na Europa, América Latina e África é importante e generalizada. Seu personalismo influenciou muitos intelectuais, inclusive no Brasil. No Brasil o personalismo teve muita influência no tempo de ditadura, mais exatamente na década de 60 por suas idéias revolucionárias, por uma visão de homem e de civilização que não se limita apenas à teoria, mas se compromete num projeto de transformação que constitui a originalidade do personalismo.

1.2 - O Personalismo

O personalismo na sua acepção teológica significa a crença num Deus pessoal, transcendente ao mundo, em oposição ao panteísmo que identifica Deus com o mundo. Nesse sentido, o vocábulo foi usado pela primeira vez por Friedrich Schleiermacher em 1799 (*Discursos aos homens cultos*). No mesmo sentido empregou Ludwig Feuerbach em 1848 (*A Essência do Cristianismo*). Gustav Teichmüller (1882), adotou-o também num sentido mais amplo, dentro de certo perspectivismo metafísico, no qual o *eu* era entendido como ponto de união e de convergência de todo ser. Nos países de língua inglesa, atribui-se a Jonh Grote (1813-1866), defensor do neo-idealismo, haver tomado o personalismo como sinônimo de idealismo ou espiritualismo. Walt Whitman usou em seus ensaios *Democratic Vistas* em 1867. George Holmes Howison (1834-1916), nos Estados Unidos, defendeu um idealismo personalista contrário ao idealismo absoluto e ao impersonalismo em geral. A mesma posição metafísica em 1908 foi assumida por Borden Parker Bawne (1847-1910). Coube, porém, ao francês Charles-Bernard

Renouvier desenvolver toda uma metafísica personalista e criar o primeiro grande sistema personalista da história da filosofia, na sua obra intitulada *Le Personalisme*, em 1903¹³.

O personalismo de Mounier foi um movimento associado ao humanismo. Sendo considerado mais sistemático dos personalistas que o antecederam. Saiu o personalismo da crise de 1929 da Europa, desenvolveu-se em torno da revista “*Esprit*” e terminou com a situação de prosperidade da Europa, após a Segunda Guerra Mundial. A idéia central do pensamento personalista é a idéia de *pessoa*, na sua inobjetividade encarnada em um corpo, situada na história e constitutivamente comunitária. Escreve um de seus expoentes mais representativos, Jean Lacroix: “O personalismo, de certa forma, gostaria de situar-se como sucessor das filosofias do *Eu* para refutá-las no mundo físico social”¹⁴.

Para Mounier, a crise não era somente um desajuste técnico, senão algo muito mais profundo: era uma crise de estruturas, e, sobretudo, de atitudes morais. Assim, a solução não podia ser somente a reforma das estruturas que ignorasse a crise espiritual, nem uma reforma moral (puramente espiritual), que ignorasse a crise das estruturas. Ele acreditava que o problema das estruturas sociais era econômico e moral e a saída para isso estava na teorização e na construção de uma “comunidade de pessoas.” A tarefa de Mounier se delineia de uma parte como recusa da solução totalitária fascista e também, com reservas, da solução comunista e, como recusa também da solução individualista do capitalismo. De outra parte, oferece um projeto de reconstrução da sociedade, centrado na noção de pessoa. O que interessa aqui, mais do que reação aos problemas sociais do seu tempo, é o projeto positivo que visa à criação de uma civilização personalista.

O personalismo de Mounier buscava uma interpretação que trouxesse radicalmente a centralidade da pessoa. Ela se revela na experiência, na própria existência, nesta experiência podemos focalizar vários aspectos, camadas, estruturas sociais que aproxima mais do universo pessoal. O valor absoluto da pessoa é doutrina

¹³ - A origem do personalismo não está em Mounier. Na sua obra, *O Personalismo*, ele faz referências a dois autores: Walt Whitman e Charles Renouvier. O que aqui registramos sobre a origem do personalismo foi extraído do seguinte site: Personalismo. <http://encif.goldeye.com.br>. Acessado em 02 de março de 2003.

¹⁴ 14- LACROIX Apud REALE/ANTISERI, 1991, p. 727.

clara e incontestável, essencial no pensamento mounieriano. É a base sobre a qual repousa a ética e a política em Mounier. O personalismo é uma afirmação do valor absoluto da pessoa humana. O personalismo é um esforço para dar resposta à crise do século XX, como seu próprio nome indica, uma reflexão centrada na pessoa. A pessoa nunca pode ser reduzida a objeto, é uma realidade que se realiza em três dimensões: a corporal ou de encarnação, a universal ou de comunhão com outras pessoas e a espiritual ou sobrenatural. A idéia base do pensamento mounieriano é que o ato fundamental de constituição da pessoa não é um ato de individualidade, mas de comunicação.

Para Mounier o problema real está em que, comprometidos, enquanto durar a humanidade, numa luta de forças, nós temos simultaneamente um espírito vocacionado para lutar contra o império da força e contra a instalação de estados de força. É necessário que os poderes definam e protejam os direitos fundamentais da vida, que garantam a existência pessoal: integridade física e moral contra as violências sistemáticas, os tratamentos degradantes, as mutilações físicas ou mentais, liberdade de movimento, de palavra, de imprensa, etc. Ele, com sua preocupação obsessiva pela pessoa, registra no seu personalismo, as seguintes afirmações:

As mais solenes Declarações de direitos cedo se deturpam, quando não repousam sobre sociedades suficientemente ricas em caracteres indomáveis, e simultaneamente em sólidas garantias em estruturas. Uma sociedade cujo governo, imprensa, elites, não difundem mais do que cepticismo, engano e submissão, é uma sociedade que vai morrendo e só moraliza para esconder sua podridão¹⁵.

No personalismo existe uma intenção decidida de testemunhar a verdade, dizer só a verdade em toda circunstância; é preciso denunciar o que vai contra a verdade, por isso, o personalismo não podia se ligar, e não, se ligou aos particularismos táticos de um ou de outro partido. Ele nasceu e se desenvolveu como movimento, feito de idéias, críticas, estímulos, controvérsias e iniciativas, jamais pretendendo se esclerosar na forma de partido, bloqueado em uma idéia fixa e aprisionado pela máquina burocrática. Isso nos permite compreender melhor a afirmação de Mounier de que: “o personalismo é uma filosofia, não uma simples atitude; é uma filosofia, não porém,

¹⁵

- MOUNIER, *O Personalismo*, 1950, pp. 107-108.

um sistema”¹⁶. O Personalismo de Mounier é o princípio do *arché* da imprevisibilidade, com abertura hermenêutica, ecumênica e libertadora do homem. São vários os caminhos que o personalismo poderá seguir, pois não há uma única alternativa, por isso, Mounier diz que não é um sistema. O personalismo vem respeitar as diferenças culturais, étnicas e de classes, dando o sentido de ver que não há personalismo, mas personalismos.

1.3 - A concepção de pessoa e seus fundamentos

Para Mounier, a pessoa é indefinível. Só se definem objetos exteriores ao homem, que se podem encontrar ao alcance da nossa vista. A pessoa não é o mais maravilhoso objeto deste planeta, que podemos conhecer de fora como os outros. É verdadeiramente a única realidade que conhecemos e que simultaneamente, construímos de dentro.

Segundo Mounier na expressão de Gabriel Marcel a pessoa é o “*não inventariável*”¹⁷. Sem cessar a experimentar minha existência como algo que me ultrapassa. O pudor diz-nos: o meu corpo é mais do que o meu corpo; a timidez: sou mais do que meus gestos e minhas palavras; a ironia: a idéia é mais do que a idéia. No pensamento de Mounier, o próprio pensamento age sobre os sentidos; no pensamento, a “fé age sobre as determinações, como a ação sobre as vontades que a implicam, e o amor sobre os desejos que o despertam”¹⁸. É necessário reencontrar estes “caminhos do mundo”, que partem de seu centro, e por eles, remontar até a pessoa. É preciso recordar a advertência que Mounier faz no início de sua obra, *O Personalismo*:

Desde que a pessoa não é um objeto que se pode separar e observar, mas um centro de reorientação do universo objetivo, resta-nos fazer girar a análise em torno do Universo edificado por ela mesma, a fim de

¹⁶ - MOUNIER, op. cit. p.16.

¹⁷ - MOUNIER, 1949 p, 78. *Cette richesse intime de son être lui donne une continuité non de répétition, mais surabondance. La personne est le “non inventoriabile*. O que se quer dizer com o *não-inventariável*, é um movimento de interioridade que existe em cada pessoa. Sendo que a pessoa não será nunca uma coisa. Há uma dose de pudor na vida pessoal. É o que podemos chamar de “*não-inventariedade*”, ou seja, a pessoa não pode ser como uma espécie de inventário de bens (coisas que podem passar a outra pessoa). Cf. *O Personalismo*, 1950, p. 128. Cf. *Introdução aos existencialismos*, 1963, p.31, na tradução de João Bernard da Costa.

¹⁸ - IBIDEM. p. 128.

iluminar-lhe as estruturas nos seus diversos planos, planos dos quais nunca se poderia esquecer, pois não são mais que incidências diferentes sobre uma mesma realidade¹⁹.

A pessoa-comunhão²⁰ é à saída de si mesmo e a experiência do outro como pessoa, verifica-se em diferentes níveis, em quantidade e qualidade. Vai do casal à sociedade, da família à nação e ao mundo inteiro; sai do individual e social para culminar na comunhão de pessoas.

Temos que aclarar alguns termos para que o tema seja tratado com maior precisão e evidência. Indivíduo e sociedade são termos reservados à zona parcialmente “objetivada”, isto é, degradada em objeto do mundo das pessoas; pessoa e comunhão estão numa relação estritamente pessoais: “personalidade e comunidade”, são destinadas às cristalizações intermediárias entre indivíduo-sociedade e pessoa-comunhão. A pessoa-comunidade são cristalizações mais ricas de realidade pessoal do que individual e o social, mas, contudo, ainda situadas no mundo da dispersão e da separação. Mounier não emprega o termo “comunidade para indicar pessoa de pessoas”²¹. A via do paradoxo: a pessoa se encontra perdendo-se, superando o ter em vista do ser. A via da comunhão da pessoa com os seres está no acolhimento e na doação de si mesma²².

Encarnada e, ao mesmo tempo, transcendente, numa tensão entre exterioridade e a interioridade, a pessoa é ligada ao outro, dotada de liberdade, capaz de afrontar e se engajar. Na obra, *O Personalismo* (1950), pode-se encontrar sete fundamentos importantes para inserir no universo da pessoa: 1º- *A existência incorporada*, 2º- *a comunicação*, 3º- *a conversão íntima*, 4º- *o afrontamento*, 5º- *a liberdade*, 6º- *a eminente dignidade*, 7º- *o engajamento*. Desta forma, vamos ter uma idéia do que pensa Mounier sobre a pessoa em toda sua integralidade, espiritual e corporal.

1.3.1 - Existência Incorporada

¹⁹ - MOUNIER, op.cit. p.35.

²⁰ - A pessoa-comunhão tem grande importância para Mounier porque é um momento em que a saída de si como a experiência do outro, se dá numa cadeia extensiva de relação que vai do casal ao mundo inteiro. O momento de individualização e socialização recairá na comunhão de pessoa (pessoa-comunhão).

²¹ 23- MARTINS, *Metafísica e Ética da Pessoa*, 1997, p. 78.

²²

Mounier sempre se opôs aos “espiritualismos desencarnados”²³. Numa época que em ele não parou de insistir sobre esta verdade central: a pessoa está mergulhada na própria natureza: “O homem é corpo tanto quanto é espírito, inteiramente corpo, inteiramente espírito”²⁴. Os materialistas recordam com justiça esta verdade, mas não inventaram. Para Mounier a união da alma e do corpo é indissolúvel, é o eixo do pensamento cristão. A Encarnação é a viga mestra do cristianismo. Ela não existe fora da História, mas a realidade de todos os dias. Este mistério que transcende a História, entretanto, se desenrola em plena História. Ela não é uma data, um ponto, mas um foco da história no mundo, sem limites no espaço tempo. A Igreja cristã católica procura realizá-la corriqueiramente pela sua existência contínua. Para ela só existe substância completa na união indissolúvel da alma e do corpo. Mounier nesse aspecto registra que:

Os modernos espiritualistas separam o mundo e o homem em duas substâncias independentes, matéria e espírito. Aceitam como fato consumado a independência das duas substâncias (Paralelismo psico-fisiológico) e, deixando a matéria entregue às suas fatalidades próprias, reclamam, no entanto, o direito de legislar em absoluto no reino do espírito: a junção dos dois mundos é então inexplicável. Depois negam qualquer realidade ao mundo material, que consideram simples aparência do espírito: a importância dessa aparência assume, então, foros de paradoxo²⁵.

Mounier procura apontar muitas complicações para quem adere a essas posições sobre os espiritualismos desencarnados. Na primeira posição, encontra-se o problema da união do mundo espiritual e do mundo material, pois ambos são princípios antagônicos, como podem compor a mesma realidade? Haverá um terceiro princípio que, não sendo nem espiritual nem material, possa fazer a união dessas substâncias? No entanto, esta comunicação entre espiritual e o material permanece, nesta postura inexplicável. Já na segunda posição, é inevitável a constatação de um paradoxo. Sendo espírito uma substância simples e superior à matéria, qual é a necessidade ou importância de que eles

²³ - Refletindo sobre os espiritualismos desencarnados do qual fala Mounier, entendemos como a existência do espírito como realidade substancial, independentemente da matéria. Os espiritualistas dividem a realidade humana em duas substâncias distintas, *res cogitans* e *res extensas*, ou aceitam a independência plena dessas duas substâncias ou negam toda e qualquer realidade ao mundo material sendo mera aparência do espírito.

²⁴ - MOUNIER, op.cit. p. 39.

²⁵ - IDEM.

assumem uma aparência material qualquer? São questões insolúveis para uma postura que considere humana em sua globalidade.

Segundo Moix, Mounier relata que uma das grandes tentações do cristão é esquecer sua situação concreta. A pessoa é um absoluto, certamente, mas não destacada de todas as condições de servidão de ser no tempo e espaço. Ao lado de um realismo sólido, a Idade Média, conheceu seitas de iluminados que acreditavam em salvar mais as almas desprezando os corpos. Também não está imune da heresia Jansenista²⁶. A atitude de muitos cristãos é contrária à essência mesma do cristianismo, religião do verbo encarnado. Para Mounier, “a pessoa só pode-se elevar firmando-se sobre a matéria. Não é questão de evadir-se dela, mas transformá-la, pois quem quiser se fazer anjo termina tornando-se animal”²⁷. Talvez o que Mounier queira nos dizer com o termo *anjo termina como animal*, está referindo-se à experiência da encarnação da pessoa na sua integralidade é alma assim como é corpo, uma depende da outra para sua existência. Parece-nos uma reclamação de Mounier ao desprezo do corpo e a elevação da alma na Idade Média. O espírito nesse caso é superior ao corpo. Esse dualismo platônico não é cabível para Mounier.

Como filósofo cristão, Mounier eleva a pessoa ao mais alto posto da criação humana. Por isso, a existência incorporada nos mostra a indivisibilidade da pessoa que é corpo como é exatamente espírito. No afrontamento, Mounier nos revela os valores da ruptura e da pessoa como ser “protestante”²⁸. Existir é saber dizer não, protestar, romper barreiras, desligar-se. É aí que está à transcendência. A pessoa está sempre se fazendo, construindo o seu ser porque nunca está pronta, está enraizada na experiência que emerge na imanência e na transcendência. O espírito da pessoa se completa na matéria e a matéria no espírito.

Segundo Giovanni Reale, Mounier afirma em *Revolução personalista e comunitária*, que “a minha pessoa não é a consciência que tenho dela. Dentro da

²⁶ - Jansenismo é aquela teologia cristã que surgiu na França e na Bélgica, no século XVII e se desenvolveu no século XVIII. Tem esse nome porque tem origem nas idéias do bispo de Yprès, Cornelius Jansen, holandês. O Jansenismo era uma versão modificada do calvinismo que por sua vez se baseia na teologia de Santo Agostinho. Defendia a tese, entre outras, de que as pessoas nascem predestinadas ao céu ou ao inferno. Deus daria a graça suficiente de alguns se salvarem. O ponto central e essencial é uma antropologia pessimista que vê no pecado original a corrupção da natureza humana, doravante incapaz de qualquer obra boa e fatalmente inclinada para o mal.

²⁷ - MOUNIER, op.cit. p. 40.

²⁸ - MOUNIER, op.cit. p. 39.

consciência na realização de um ato, o que levanta eu? Não sendo firme, apenas fragmentos de individualidade, lábeis como o ar do dia”²⁹. Mas também a pessoa não se identifica com “aquelas personagens que eu fui no passado e que sobrevive por inércia ou por velhacaria, personagens que eu creio ser, porque invejo, represento ou lhes permito modelar-me segundo as vontades da moda [...]”³⁰.

1.3.2 - Comunidade e Comunicação

A pessoa só se realiza na comunidade. Não existe comunidade verdadeira a não ser uma comunidade de pessoas. Todas as outras não passam de uma forma do anonimato de pessoas. Alino Lorenzon relata que, após numerosas experiências, o despertar comunitário encontrou seu pleno desenvolvimento no começo do século passado.³¹ Intensificando em nossos dias, o despertar comunitário surgiu como reação veemente contra o individualismo e o coletivismo. É um grito de alarme contra o domínio da tecnologia e do gigantismo das grandes cidades. Com efeito, como se diz hoje em dia, pessoa e comunidade estão em reciprocidade de perspectiva, e devem ser estudadas como um par inseparável, para captar e compreender melhor sua força e fraqueza³².

Sabe-se que Mounier não teve um filosófico sistema fechado e preestabelecido. Sua rota partiu da pessoa para engendrar o personalismo, e todos os problemas suscitados pela pessoa em sua existência individual e relacional tinham como núcleo focal esse centro de reorientação que é o universo pessoal. A força de Mounier está centrada no aprendizado da pessoa e da comunidade. Isso explica o combate severo contra o individualismo que se apresenta como a metafísica da solidão integral.

A dialética do pensamento *engajado-desengajado* o levará a se engajar onde for preciso, a fim de fazer avançar esse movimento universal em busca de uma nova fisionomia do homem e da sociedade, sem deixar de um lado certo distanciamento. O enraizamento do ser humano é uma filosofia personalista e comunitária que Mounier

²⁹ - REALE, ANTISERI, 1991, pp. 732-733.

³⁰ - IDEM.

³¹ - LORENZON, 1996, p.7

³² - IBIDEM.

buscará desenvolver. Segundo Lorenzon, Mounier pensa que a experiência da comunidade é antes de mais nada uma experiência “próxima”, pois ela é a procura de relações verdadeiras. Assim como há um aprendizado *do eu*, deve haver um aprendizado *do nós*, contanto que se parta dessa proximidade afetiva. É o aprendizado do eu com tudo o que comporta de vicissitudes e de peripécias³³.

A comunidade, enquanto integração consciente das pessoas, só poderá se estabelecer se salvaguardar a vocação específica e insubstituível de cada um. Isto quer dizer que há reciprocidade e complementaridade. Por isso, como dialética dessas duas realidades, dialética difícil para quem deseja levar em consideração a dificuldade da vida pessoal, feita de um esquema, de um tempo de recolhimento e de outro de exteriorização. Todos os excessos cometidos de um lado ou de outro implicam numa certa degradação do ser humano em processo de personalização. Mounier procura afirmar contra os que afirmam a supremacia de uma ou de outra o seguinte: “A comunidade não é tudo, mas uma pessoa humana isolada não é nada.”³⁴

Para Mounier, “no início temos a pessoa para mais livres espaços. Interessa agora é procurar a base da experiência. Ao contrário do que pretende uma opinião espalhada, esta não está na originalidade, não está na auto-suficiência, nem na afirmação solitária, não reside na separação, mas na comunicação”³⁵.

A comunicação³⁶ tem um papel preponderante para experiência do outro. A experiência fundamental da pessoa encarnada não é a separação, mas a comunicação: “Sonho muito com um mundo onde pudéssemos abordar o primeiro transeunte na esquina de uma rua, e logo nivelando-nos a ele, em tudo que ele é, continuar com ele, sem mais espanto, sua conversão íntima”³⁷. Ela só começa com a experiência do outro, que é o respeito do outro. Ter o sentido do outro é admitir o outro como definitivamente diferente de mim mesmo, que pela atenção e o respeito que lhe consagra, torna meu

³³ - IBIDEM, p.12.

³⁴ - MOUNIER, Tradução do autor: *Révolution personaliste et communautaire*, 1935, p. 116

³⁵ - MOUNIER, *Le Personalisme*, Tradução do autor: 1949, p. 34. “*D'emblée, nous avons campé La personne au grand air. Il s'agit maintenant d'en rechercher l'expérience fondamentale. Contrairement à une opinion répandue, ce n'est pas l'originalité, le quant à soi, l'affirmation solitaire; Ce n'est la séparation, mais le communication*”.

³⁶ - Podemos também encontrar na obra de Ivan Gobry na obra *Le Personne*, 1966, p. 49. *La personne comme Communication. La solution apportée au problème de la limitation de l'esprit dans nos personnes pose elle-même un nouveau problème; car le comment n'est pas le pourquoi [...]*. No guia bibliográfico registra-se a obra *Le personnalisme*, 1949, p.136.

³⁷ - MOUNIER, 1950, p.59

semelhante, o outro eu mesmo. Disse Mounier: “*Sozinho, já não controlo meus atos*”³⁸. A comunicação tem grande relevância para um mundo de pessoa. Mounier considerou a comunicação como um fato primitivo, essencial de existência pessoal. Quando o individualismo apodera-se do *eu* como uma realidade isolada seu primeiro único cuidado é centralizar o indivíduo sobre si mesmo, o primeiro cuidado do personalismo é de descentralizá-lo para estabelecê-lo nas perspectivas abertas da pessoa³⁹.

Segundo Mounier, mesmo nos melhores momentos, o indivíduo, apenas com sua presença, dificulta a comunicação. Em qualquer lugar que se instale uma espécie de escuridão se desenvolve. O meu corpo dá-me a mais evidente imagem dessa escuridão, introduzindo um mal-estar dentro de uma confiança qualquer. Porém, esse mal-estar tem base mais profunda do que meu corpo. Assim Mounier resume:

Uma virtude demasiada que deixa algum vestígio faz-nos detestá-la, a intenção de seduzir empobrece o amor, a de converter irrita o que não crê. A mais ligeira presença parece, por vezes, segregar um veneno mortal nas relações de homem a homem⁴⁰.

Para Mounier, quando uma comunicação se enfraquece ou se corrompe perco-me profundamente eu próprio: todas as loucuras são uma falha nas relações com os outros. Sendo assim, o outro torna-se alienado, torno-me também estranho a mim mesmo, sou um alienado⁴¹. O primeiro ato da pessoa deve ser, pois, a criação com os outros numa sociedade de pessoas, cujas estruturas, costumes, sentimentos e até instituições estejam marcados pela sua natureza de pessoas: sociedade de que apenas começamos a entrever e a esboçar costumes⁴².

É importante salientar que Mounier tem uma visão de pessoa muito distinta de Sartre para uma adesão dentro do universo dialogal de pessoa. A pessoa não é objeto. Sartre vê o outro como um objeto; Mounier desde o princípio, nega esta possibilidade. Para Sartre cada pessoa basta a si mesma; o outro é empecilho. Logo, não havendo comunicação entre *eu-tu* formando um *nós* como pensa Mounier, só pode haver

³⁸ - IDEM, p.63.

³⁹ - IDEM, p.37.

⁴⁰ - IDEM, p. 61.

⁴¹ - IDEM, p.64.

⁴² - IDEM, p.65.

conflito. O que foi dito neste parágrafo, pode impossibilitar uma conversão íntima que é de grande riqueza para o personalismo de Mounier. Podemos ver melhor essa questão no segundo capítulo na relação personalismo e existencialismo de Sartre.

1.3.3 - Conversão Íntima

Mounier, ao tratar da pessoa, contempla com muita propriedade e equilíbrio o universo íntimo. Ela na sua intimidade enriquece o seu ser subjetivo, sua interioridade que é importante no seu “recolhimento”⁴³ existencial. Percebemos a investida que Mounier propõe para o universo espiritual, no seu recolher em si mesmo, no encontro com sua intimidade. Destarte, encontramos o movimento que centraliza a pessoa atingido o seu próprio ser subjetivo.

A pessoa é, desde o princípio, movimento para os outros, é verdade que, sobre um outro aspecto, nos surge caracterizada em oposição às coisas, pelo pulsar duma vida secreta onde incessantemente parece destilar a sua riqueza. Nesse intento, a conversão íntima de vida pessoal e comunicação está em pulsação complementar e não de oposição⁴⁴.

É importante para Mounier a riqueza da vida na sua intimidade. O seu universo secreto da pessoa. Mas, isso não significa que a pessoa caia numa vida egoística, parasitária. A pessoa no recolhimento existencial é o encontro da pessoa consigo mesma na sua mais profunda intimidade. Assim diz Mounier:

O mundo animal esboça uma ruptura com esta existência sem dimensão interior; fabrica no exterior um meio próprio à roda dos grandes sistemas biológicos. O homem pode viver como uma coisa. Mas, não é uma coisa, uma tal vida apresentará sempre o aspecto duma dimensão: seja o *divertissement* de Pascal, o *estádio estético* de Kierkegaard, a *vida inautêntica* de Heidegger, a *alienação* de Marx ou a *má-fé* de Sartre. O homem do divertimento vive como que expulso de si próprio, confundido com o tumulto exterior: assim o homem

⁴³ - Mounier usa o vocábulo *recolhimento* para falar de um movimento meditativo que também é um movimento simplificador, e não complicação ou requinte psicológico. Atinge o centro da pessoa e atinge-o diretamente. Não se refere a qualquer ruminação ou introspecção mórbida (1950, p. 83).

⁴⁴ - MOUNIER, op.cit. p.81.

prisioneiro de seus apetites, funções, hábitos, relações, dum mundo que distrai. Vida imediata, sem memória, sem projetos, sem domínio, e que é a própria definição de exterioridade, ou, à escalada humana, de vulgaridade. A vida de pessoa começa com a capacidade de romper contatos com o meio, de ripostar, de recuperar, para, através duma unificação tentada, se constituir uma só⁴⁵.

Quando Mounier faz referência aos filósofos na citação acima, procura criticar em defesa da não objetividade da pessoa. Tais filósofos, para Mounier, tratam o homem como se fosse um objeto, uma coisa, e sua vida perde sentido, não é uma vida plena, se reduz a uma vida não plenamente humana. O *eu* pascaliano é insuportável; nunca poderá estar em repouso. Quer tudo possuir e dominar para preencher o grande vazio que se instaura em seu interior. Para Kierkegaard, o esteta busca constantemente o gozo, é o que caracteriza o estágio estético em que o indivíduo se empenha com todas suas forças na busca do prazer imediato e desregrado. Heidegger com a vida inautêntica abre a questão de uma fuga perante si mesmo, deixando-se levar pelas pessoas e coisas, é o que ele denomina a existência inautêntica que se caracteriza pela superficialidade, o anonimato, a mediocridade e a responsabilidade. Quanto a Marx, Mounier refere-se à alienação tornando o outro sem interioridade. A alienação se manifesta a partir do momento que o objeto fabricado, ou seja, cria algo fora de si, daí o operário nega o objeto criado tornado-se alheio a si mesmo. A má-fé sartriana é o renunciamento de nossa liberdade, fazendo escolhas e atribuindo estas escolhas a fatores externos, ao destino, a Deus, aos astros, um plano universal. A má-fé é uma mentira para si mesmo.

Mounier procura fazer essas observações na sua obra *O Personalismo* referente à tradição filosófica para sublinhar a interioridade da pessoa, para uma vida de recolhimento interior. Já é de nosso conhecimento que Mounier, com seu personalismo caracteriza a pessoa na sua inobjetividade. O homem não consiste num simples conjunto de matéria. Seu personalismo se opõe a toda forma de materialismo. Defende a irredutibilidade da pessoa à matéria, afirmando-se numa concepção espiritualista do ser humano. Assume a tradição cristã face à redução materialista do ser humano a matéria, como também a irredutibilidade da pessoa ao todo. É interessante salientar que Mounier tem uma visão bastante equilibrada referente às contradições da nossa civilização. Elas como que destroem o sentido do tempo livre, o gosto pelo tempo que corre, a paciência

⁴⁵

- MOUNIER, op.cit. p.82.

da obra que amadurece, e vão dispensando as vozes interiores que, dentro de pouco tempo, só o poeta e o homem religioso escutarão.

Na conversão íntima, além da pessoa ser para o outro, como vimos na estrutura da comunicação, ela é para si, primeiramente, pela sua subjetividade e interioridade. Portanto, voltar-se para o outro não anula a sua subjetividade. Porque para sair de si e ir ao encontro do outro é necessário um voltar-se para si mesmo encontra-se intimamente num recolhimento interior⁴⁶. Segundo Mounier, os modernos espiritualistas separam o mundo e o homem em duas substâncias independentes, matéria e espírito. Aceitam como fato consumado a independência das duas substâncias (paralelismo psico-fisiológico) e, deixando a matéria entregue às suas fatalidades próprias, reclamam, no entanto, o direito de legislar em absoluto no reino do espírito: a junção dos dois mundos é então inexplicável. Depois negam qualquer realidade ao mundo material, que consideram simples aparência do espírito: a importância dessa aparência assume, então, foros de paradoxo⁴⁷.

Como tentar encontrar em suas profundidades este recolhimento? O aprofundamento pessoal precisa incontestavelmente de conceitos, esquemas e estruturas⁴⁸. É necessário que não nos precipitemos quando falarmos do inefável, ou seja, do que não se pode dizer com palavras. Mas, a explicação, por definição, deixa fugir o singular que é uno e indivisível. A pessoa não é uma coisa que se pode encontrar no fundo das análises, ou uma combinação definível de aspectos. A psicologia contemporânea explorou algumas das regiões infernais das suas profundidades. Já prestou menor atenção ao que poderíamos chamar os seus abismos superiores, àqueles onde a exaltação criadora e a vida mística têm raízes. De forma que os seus conceitos, as sugestões da arte, só muito parcialmente conseguem evocar uns aos outros.

Nessa perspectiva, elucida-se que a vida de pessoa esteja naturalmente ligada a um certo *segredo*. As pessoas voltadas para fora, para o exibicionismo, não têm segredos, não têm densidade, nem nada por detrás delas. “Lêem-se como um livro aberto, e depressa se esgotam”. Não têm experiência desta profunda distância, ignoram

⁴⁶ - IBIDEM, cap. III, p. 81.

⁴⁷ - IBIDEM, p.39.

⁴⁸ - MOUNIER, *Traité du Caractère*, cap. I, Subtítulo: *Les Approches du Mystère Personnel*. 1944, pp. 9-73.

o “respeito pelo segredo”⁴⁹. Gostam muito de contar, de se contar, de ouvir contar, de fazer alarde e de remexer. Ser reservado na expressão, a descrição, são manifestações de respeito da pessoa pelo seu infinito interior. Não se pode comunicar completamente através da comunicação e opta por vezes meios indiretos como ironia, humor, paradoxo, mito, símbolo, fábula, etc.

Mounier procura colocar em cena a questão do pudor existencial. O que vem a ser o pudor de inspiração personalista? O pudor é um sentimento da pessoa que não quer ser esvaziada nas suas expressões, nem ameaçada em seu ser pelos sentimentos que assumiria a sua existência. O pudor físico não engendra a mácula do corpo, porém antes significa que eu sou infinitamente mais do que esse corpo olhado ou alcançado. O pudor dos sentimentos revela que cada um deles me limita e me trai. Ambos são sinal de que não sou simples joguete nas mãos da natureza ou dos outros. Não fico envergonhado por ser essa nudez ou esse personagem, mas por parecer não ser mais do que isso. O contrário do pudor é a vulgaridade, o consentimento em não ser mais do que o que oferece a aparência imediata quando se exhibe perante os olhares do público⁵⁰. É necessário destruir os falsos pudores e um sentido mórbido do segredo⁵¹.

No que diz respeito à intimidade, encontramos um sentimento que não é simples. Exprime a alegria de reencontrar as fontes interiores e daí nos refrescarmos. Mounier faz uma metáfora da experiência vegetativa, fechada e bem rodeada, semelhante à que vive um feto no seio da mãe, ou a criança nos seus braços, magicamente isolada e protegida de qualquer contato. Este sentimento de em casa conserva, pela fusão de elementos muito diversos, uma profunda ambivalência. É nesta ambígua encruzilhada que se insere a zona do privado. Entre a vida privada e a vida pública, marca o campo em que procuramos manter o ser social. Assim diz Mounier:

É preciso, no entanto, que não nos pensemos puros espíritos. Seres feitos de luz e de sangue, nunca poderíamos chegar aos santuários das pessoas sem atravessar, aqui e ali, a paz vegetal da vida. Mas é preciso também que saibamos estar vigilantes para que esse peso vegetativo não abafe a vida espiritual. Acontece que o que havia de simples e acolhedor na intimidade pessoal se torna fechado e exclusivo. É o ponto em que o pudor endurece em prudência, em que a discrição se degrada em mania de esconder, distância ou

⁴⁹ - MOUNIER, 1950, p.84.

⁵⁰ - IDEM, p.85.

⁵¹ - IDEM, p.85.

maneirismo. A prática burguesa da vida privada desenvolveu largamente esta corrupção, multiplicou os pseudo-segredos (dos negócios, da casa, das doenças, das desordens domésticas, etc). Os regimes totalitários baseiam-se nesta sofisticação para radicalmente eliminar a esfera do privado: é para temer que tenham seus profundos recursos tanto quanto perversões [...] A consciência íntima não serve de bastidores onde a pessoa entorpeça, é como a luz, presença secreta e, no entanto, irradiando para o mundo inteiro⁵².

Para Mounier, a vida pessoal é sucessiva afirmação e negação de nós mesmos. Nesse plano de vida, o ritmo segue em todas as suas operações. Reiteramos que uma subjetividade pura é impensável para o homem. Para pessoa é necessidade elementar o dispor dum certo número de objetos com os quais, um pouco como acontece com as outras pessoas, se vá familiarizando com o correr do tempo e o hábito. Afirmar-se é, antes de tudo, ter espaço. É, pois nesse intento que Mounier registra não se opor demasiadamente o *ter* e o *ser*, como duas atitudes existências entre as quais fosse preciso escolher. Não é possível ser sem ter, embora nosso ser seja infinita capacidade de ter, não seja nunca inesgotável pelo que tem e o ultrapasse em muito pelo significado. Sem ter, a experiência não se agarra, perde-se nos objetos. Possuir é entrar em contato, renunciar à solidão, à passividade; há falsas pobreza que mais não são que escapatórias.

Segundo Mounier, o ter sob todas as suas formas, trata-se de uma atitude de espírito, é indisponibilidade. Aqui está a razão de ser contrário ao espírito cristão. O *ter* é reino cego em oposição ao *ser* que é o reino luminoso. Vemos qual deve ser a atitude da pessoa cristã diante desta ameaça. Toda situação que atenta contra o domínio do ter para liberar a fecundidade do ser é uma situação fundamental do personalista cristão: o sofrimento, o risco, a exposição, a insegurança que desarma nossa segurança, o sacrifício que imola um ter para se abrir a um progresso de ser; a morte, que significa o despojamento definitivo de todo ter, o desnudamento definitivo do nosso ser real, e que nos propõe “a tentação de pensar que não ter mais nada e não ser mais nada”: A humildade, enfim, que é o resumo de tudo⁵³.

Quando Mounier fala do volume de massa e peso do nosso ser, ilustra que o ter tem também o seu peso. Começa pela flutuação vibrante do desejo, pelo triunfo exaltante da conquista. Cedo, contudo, o vencedor se torna usufrutuário, aquele que

⁵² - IDEM, pp. 86-87.

⁵³ - MOUNIER. 1946, pp.39-40. Tradução: Candide Moix. *Liberte sous conditions*.

possui é possuído por seus extintos bens, já não goza do prestígio que eles lhe dão e morre sequioso no deserto de sua abundância⁵⁴. Para Mounier, é preciso acrescentar que esta degradação do ter parte de nosso coração como a podridão parte do fruto. No regime atual de bens não há somente uma alienação histórica contingente, chamada a desaparecer no dia em que desaparecerem as estruturas que a favorecem; há no centro toda uma possessão humana, uma alienação de trabalho sempre renovada. Mounier defende que a degradação dos seres e dos objetos que me apropriado está ligada à possessão, apresentando-se diante deles como conquistador que exige ou dono que submete. Segundo Mounier, muitas vezes fala-se em desenvolvimento pessoal, como se esse desenvolvimento aumentasse o valor, o valor de pessoa aumentando com o valor de posses⁵⁵.

A questão para Mounier é que exaltar-se a posse do mundo como se ela fosse por si própria libertadora. No personalismo de Mounier a dialética ter e ser, o primeiro é menos triunfante. Deve-se partir duma involução do ter. O desenvolvimento da pessoa se volta para condição interior, para um despojamento de si e de seus bens que despolariza o egocentrismo. A pessoa só se encontra nesta perspectiva quando se perde. A fortuna é o que lhe fica quando despojou de tudo o que tinha – o que lhe fica à hora da morte.

Para Mounier, a existência pessoal permanece sempre entre um movimento de exteriorização e um movimento de interiorização que lhe são essenciais e que podem, quer fixá-la, quer dissipá-la. Já foi registrada a questão da desgraça da objetivação da pessoa. Na maior parte dos homens e num largo setor da nossa vida sobrecarregada de solicitações exteriores, era preciso dizer com Valéry⁵⁶: “Encerramo-nos fora de nós próprios”⁵⁷.

A imagem do eu substitui-se ao eu vivo, mais propriamente diríamos que o *eu* se vê viver, não tem interesse senão pelo efeito que engendra ou pelo efeito que por ele é produzido. Levar a cabo essa imagem do *eu*, conservá-la, protegê-la, torna-se o único

⁵⁴ - MOUNIER, *De la propriété capitaliste à la propriété humaine* (1936), esta dialética está bem mais analisada. É um tema bem trabalhado por Mounier, pois foi reproduzido em *Liberté sous conditions* (1946), como em *Traité du caractère* (1946), cap.X - *L’Affirmation du moi* pp.538-581.

⁵⁵ - MOUNIER, 1950, pp. 90-91

⁵⁶ - Ambroise-Paul-Toussaint Jules Valéry (1871-1945). Foi filósofo, escritor e poeta francês da escola simbolista.

⁵⁷ - IDEM, p.94.

objetivo da vida. Pela infância muito mimada, bem protegida; como dizem os psicólogos, a vida “captativa” (segura) suplantou a vida “oblativa” (contemplativa) e faltou logo de início a adaptação à realidade e aos outros. Mounier ilustra que, desde o século XV, o homem ocidental escorrega sempre por esse caminho; que os valores foram arrastados para o teatro sofisticado de narciso: santidade e heroísmo para glória e sucesso, força espiritual para o gosto pela inquietação, amor para o erotismo, inteligência para o espírito, dialética para astúcia, meditação para introspecção, paixão pela verdade para as mais sujas “sinceridades”. A pessoa é uma interioridade que tem necessidade duma exterioridade. A palavra existir indica no seu prefixo que ser é expandir-se, exprimir-se⁵⁸.

É necessário ilustrar que a pessoa só se encontra fortificada por intermédio do objeto: é preciso sair da interioridade para alimentar a interioridade. Para Mounier, não devemos desprezar tanto a vida exterior: que sem ela, a vida interior torna-se-á incoerente, da mesma forma que a vida interior, aquela mais não seria um delírio.

1.3.4 - Afrontamento

Para Mounier, a pessoa expõe-se, exprime-se: faz face, é rosto. A palavra grega que mais se aproxima da noção de pessoa é *prósopon*⁵⁹: aquele que olha de frente, que *afronta*. Mas encontra por vezes um mundo hostil: atitude de oposição e proteção pertence, pois, a sua própria condição. É aqui que começam as confusões. A pessoa pelo fato de existir já possui a capacidade de projetar-se para fora de si mesmo em sua defesa própria perante o mundo que a cerca. Inúmeras pessoas, em todos os lugares, estão empenhadas por uma vida que seja determinada não pelo egoísmo, mas pelo compromisso em favor do próximo e do mundo em que vivemos. E, no entanto, existe no mundo atual uma quantidade infinita de ódio, inveja, ciúmes e violência: não só entre as pessoas, mas também entre grupos sociais e étnicos, classes e raças, nações e religiões.

⁵⁸
⁵⁹ - IDEM, p. 95.

Nos valores de ruptura, a pessoa como protesto, faz-se no afrontamento com a existência. De forma que existir é dizer sim, é aceitar, é aderir, mas não aceitando sempre, o outro nunca se recusar e nunca me recusar, deixou-me submergir. Existir pessoalmente é também, e muitas vezes, saber dizer não, saber dizer não é na maioria das vezes existir um protesto afrontando-se com a existência, um desligar-se. O filósofo alemão Karl Jaspers lança interrogação a todos os homens: pelas negações-limite do suicida e do místico, daquele que nega a vida, e daquele que nega o mundo, somos surpreendidos pelas perturbadoras indagações feitas por todo aquele que reflete sobre o sentido de sua aventura. Além disso, toda existência, mesmo a mais simples, a mais degradada, a mais humilde já é separação, decisão. Diz Mounier:

Cada ligação trava a minha liberdade, cada obra impõe-me o seu peso, cada nação imobiliza o meu pensamento. Tudo torna difícil a minha presença no mundo! Perco-me fugindo dela, perco-me também quando a ela me entrego. Só conseguirei sonhar, parece, tanto a minha capacidade para prosseguir como a própria juventude do meu ser, se a cada momento for pondo tudo em dúvidas, crenças, opiniões, certezas, fórmulas, adesões, hábitos, relações. A ruptura, a reviravolta, são categorias essenciais da pessoa⁶⁰.

A pessoa humana é generosa, é aberta, ou seja, é afrontamento. Ela se expõe em seu movimento de personalização e de exteriorização que é dinamismo criador do homem. A pessoa humana é capaz, tem poder de decisão, afronta os outros, os acontecimentos e a natureza. A existência humana significa, conseqüentemente, luta, movimento para frente, afrontar. A pessoa pode afrontar não somente o outro, mas as coisas e a natureza. Como esse afrontamento pode ser analisado? Entendemos que a pré-história e a história de cada pessoa são feitas em relação ao outro, em conflito com o meio humano, mas do que em oposição a um não-eu do universo material. É justamente na relação do eu com os outros que produzimos os afrontamentos na esperança entre eu e os outros e todos juntos. Charles Renouvier⁶¹ procurava ver na pessoa a sua possibilidade de dizer não, de se opor a todas as formas de opressão coletiva e de recusar-se a aderir ao que quer que fosse, sem uma decisão interior.

Às vezes, o afrontamento da pessoa não se confunde com sua singularidade e com seu caráter excepcional. Se for verdade que toda pessoa é única, não se pode

⁶⁰ - JASPERS Apud MOUNIER, 1950, pp.99-100.

⁶¹

deduzir que a originalidade é sua marca por excelência. Ela não exprime nossa personalidade, mas um aspecto negativo dela, um produto secundário. “Só somos típicos na medida em que deixamos de ser plenamente pessoais”⁶² A verdadeira originalidade é o desenvolvimento das virtualidades da pessoa e não a singularidade a qualquer preço. Alino Lorenzon dá exemplo do herói em plena batalha, do criador obcecado por sua obra, nos mostra que eles não procuram se diferenciar nem singularizar-se, mas realizar uma autêntica vida pessoal, e isso quase sempre nas mais comuns condições de vida⁶³. No afrontamento encontramos a pessoa como poder de protesto, a pessoa é essencialmente protestante. As rupturas existentes têm valor necessário para pessoa que se define também como possibilidade de oposição, de dúvida e de resistência, e se exprime igualmente pela adesão e pela aceitação.

Tentando não se abandonar à reação habitual de medo nem ao espírito de catástrofe, Mounier prega essa atitude: afrontar, inventar, ir até o fundo, a única que desde as origens da vida sempre sacudiu as crises. A capacidade de romper é um dado importante do ser humano, há momentos em que a pessoa deve opor recursos irreduzíveis e dar a vida se for preciso para defender sua dignidade. Foram essas situações que provocaram uma intensa reflexão em Karl Jaspers. Nessa perspectiva encontra-se aí, mais uma vez, esse fogo divino que inquieta a interioridade da pessoa humana e leva sua vontade a concretizar um gesto de uma rigorosa recusa a toda e qualquer servidão.

O protesto e a recusa não são valores supremos da pessoa. São atitudes e gestos necessários para a saúde da vida pessoal e comunitária. A pessoa é aceitação ou recusação, é seu sim ou seu não; quer dizer, somente ela tem o direito de escolher e de decidir no mais íntimo de sua interioridade. Num movimento vindo das profundezas, a pessoa se concebe a si mesma progressivamente através de sua escolha. Ela tem o poder sobre um universo de valores. O resultado é que ela também deve sacrificar outras escolhas. A pessoa está inteiramente ligada ao seu futuro, concentrada num ato duro e rico, que resume sua experiência e entrega-lhe uma nova experiência. As recusas, que resultam de escolha, nascem mais da plenitude exigente do que de uma indulgência. Aí nasce sua vocação fundamental: na escolha, e na escolha responsável.

⁶² - MOUNIER Apud LORENZON, 1996, p.53.

⁶³ - IBIDEM, ID.

A pessoa é uma possibilidade de recusa, de protesto e de decisão. Ela se mostra em seu movimento de personalização, como um ato que afirma e que se afirma em sua existência, ato complexo e frágil que pede força e violência ao sujeito. Dentro de sua própria dignidade a pessoa é chamada a afrontar os outros, as situações, os acontecimentos e o mundo.

1.3.5 - Liberdade

Segundo Antônio Martins, liberais, marxistas, existencialistas e cristãos ou não cristãos, dizem-se defensores da liberdade e a põem no centro de suas perspectivas. Porém, cada um apresenta de forma contrária entre si a concepção de liberdade. Por que então surge esta problemática da liberdade? Para Mounier, o problema resulta do fato de se esperar a liberdade da estrutura total da pessoa⁶⁴.

Há de se considerar que a liberdade não é uma coisa que podemos pegar com as mãos. Não podemos traçar uma fórmula geométrica para que a liberdade exista no mundo. Para Mounier, a liberdade não é uma coisa. A liberdade é a afirmação das pessoas, vive-se, não se vê. Se não existir liberdade, quem somos nós? Nós somos como um brinquedo em pleno universo. É esta a razão de nossas angústias.⁶⁵ Esta concepção de liberdade coisificada sob as formas negativas, é uma ausência de causa, uma ausência de lacuna no determinismo. Tal liberdade é privação. Não se pode entender liberdade como um surto espontâneo (*jaillissement*). Pois ela não é uma coisa, não podemos sugar sua presença em nada de objetivo. O objetivo, o Em-si (*en soi*) de Sartre⁶⁶, é *plenum*, idêntico e imóvel; perdura, repete-se indefinidamente. Uma existência livre, pelo

⁶⁴ - MARTINS, 1997, p. 71.

⁶⁵ - MOUNIER, 1950, p.109.

⁶⁶ - Se a experiência da náusea revela à gratuidade das coisas e do homem reduzido a coisa e submerso nas coisas, a análise desenvolvida em O Ser e o Nada revela, antes de mais nada, que a consciência é em primeiro lugar consciência de alguma coisa e de qualquer coisa que não é consciência. Sartre chama a este qualquer coisa de ser-em-si. O ser-em-si só pode descrever-se analiticamente como "o ser que é aquilo que é "(Ser e Nada p.33).

contrário, seria uma qualidade sempre mutável, um surto original, uma eterna invenção de si para si, ou seja, uma subjetividade absoluta⁶⁷.

Mas se a liberdade é absoluta, pelo simples fato de ser, a liberdade é total e sem margens, como deseja Sartre. Mounier não participa dessa idéia de uma liberdade absoluta, que não exprime nem uma natureza anterior a ela, nem responde a nenhum apelo, pois então não seria mais liberdade. Podemos ver a liberdade numa forma dialética: liberdade e pessoa em Mounier. Para Mounier a liberdade só é real quando “Ela se faz fazendo-se, nela e por ela me creio, crio os meus motivos, os meus valores e o mundo comigo, sem apoio nem ajuda”⁶⁸.

Podemos encontrar duas formas mal definida de liberdade. Uma é a liberdade da indiferença: liberdade de nada ser, de nada desejar, de nada fazer, não só como indeterminismo total. A liberdade não só ganha contra os determinismos naturais, conquista-se por cima deles, mas com eles. Para Mounier, o feitio e a maneira de se pensar são amoldados pelo clima, pela geografia, a nossa situação no mundo, a nossa hereditariedade, talvez pela ação maciça dos raios cósmicos⁶⁹.

Mounier procura elucidar a noção de natureza confusa e falseada pelos representantes da liberdade absoluta. A natureza nos mostra que a existência não é somente uma irrupção, uma criação, eu não sou somente o que faço e o mundo não é somente o que eu quero, porque o mundo me é anterior. Esta condição implica que minha liberdade carrega em si limites, que vem de mim, do meu ser singular, do mundo, de necessidades e valores. O grande erro é o de considerar a liberdade um fato puro, de tal modo implicado na afirmação bruta de existência, a ponto de fazer dela uma necessidade ou, como quer Sartre, uma condenação. Assim vista, a liberdade não passa de um poder puro e simples, de uma natureza míope.

Para Mounier a liberdade se encontra indissoluvelmente ligada ao ser pessoal, mas não como uma condenação e sim como um dom, o qual pode ser aceito e recusado. O homem livre é o que pode prometer e o que pode trair. A liberdade não é um arquipélago, cresce na comunidade de pessoas e na cooperação das liberdades dos

⁶⁷ - MOUNIER, *Le Personalisme* 1949, p.72. Tradução: Antônio Colaço Martins em *Metafísica e ética da pessoa*, 1977.

⁶⁸ - IDEM.

⁶⁹ - MOUNIER. 1950, p. 37.

outros. A reivindicação de minha liberdade está por demais misturada de instintos para não ser suspeita, de sorte que se pode dizer que o sentido da liberdade minha começa com o sentido da liberdade do outro. Mounier diz: “Não sou verdadeiramente livre senão quando todos os seres humanos que me circundam, homens e mulheres forem igualmente livres [...] não me torno senão livre através da liberdade dos outros”⁷⁰.

É importante salientar que tal cooperação se revela impossível quando se concebe a liberdade como um senhor ou um escravo, isto é, quando a liberdade de cada um só se aproxima de outra, escravizando ou se fazendo escrava. Em certo sentido, todo homem é interiormente livre; mas só no sentido, segundo o qual, todo ato propriamente humano tem que ser livre. Um deportado, por exemplo, pode gozar de plena liberdade, apesar da escravidão e da humilhação. É importante compreender que a liberdade do homem é a liberdade de pessoa e desta pessoa, assim constituída e situada em si mesma, no mundo e nos valores. Portanto, se encontra condicionada e limitada por nossa situação concreta. Ser livre é, antes de tudo, assumir esta condição: nem tudo é permitido, em todo tempo. “Liberdade é consciência da necessidade”. O verdadeiro escravo é o que não percebe suas cadeias e recusa sua situação de homem. Mas isto é apenas um início, pois a consciência é promessa e princípio de liberação e ainda não nos achamos de cheio num plano plenamente humano.

Minha liberdade é a liberdade de uma pessoa situada e também valorizada: não basta explicar minha espontaneidade para ser livre; tomo-me livre somente se direciono a espontaneidade para liberação, quer dizer, para a personalização de mim mesmo e do mundo. É assim que não se confunde com o impulso vital. Da existência à liberdade há toda a ser percorrida.

O homem livre é aquele que o mundo interroga e ao mundo responde [...] é o homem responsável. A liberdade não isola. Une. É religião, devoção no sentido original da palavra. “A liberdade não é o ser da pessoa, mas o modo no qual a pessoa é tudo o que é, e é mais plenamente do que por uma necessidade”⁷¹. O que diz Mounier sobre o homem no *Traité du Caractère*:

⁷⁰ - IDEM, p.73.

⁷¹ - MOUNIER, op. cit. Vol. III, p.484. “Elle (la liberté) n'est pas l'être de la personne, mais la manière dont la personne est tout ce qu'elle est, et l'est plus pleinement que par nécessité”.

É verdade que os homens são mais freqüentemente dispostos a transigir com o real do que a enfrentá-lo custe o que custar, mais freqüentemente dispostos a combater os adversários grosseiramente declarados do que salvar posições difíceis. As tentações de que aqui falamos são tentações de elite. Mas são próprias dos intelectuais e dos mais exigentes intelectuais. O menor abandono de luz lhes é cruel, como a mais leve indelicadeza a uma consciência nobre. Devem renunciar ao serviço da verdade ou da ação? Nem a uma, nem a outra. Dos dois lados uma situação cômoda lhes acena. E não foram poucos aqueles que no decorrer dos tempos deslizaram de uma a outra a pretexto de realismo lisonjearam os poderosos, justificaram ao seu dever de vigilância no seio dos partidos que adoptavam; a pretexto de integridade fugiram ao esforço da criação histórica para as facilidades peremptórias dos princípios desencarnados. A qualquer das posições o caráter faltou, embora a segunda atitude, menos proveitosa, engendre por vezes perseveranças heróicas dignas de uma maior lucidez. Quem escolhe o partido da inteligência não escolhe vida facilitada. Dever de testemunhar por uma verdade transcendente, a caminho da qual deverá combater os limites e as paixões dos seus próprios amigos, dever de se comprometer numa ação que cada passo atingirá as mais caras fidelidades, não podendo recusar nem uma nem outras nem se quer conciliá-las numa harmonia isenta de erros. Constantemente correr de um a outro ponto, acusado por uns de trair a disciplina do combate, por outros de sacrificar a verdade, dividindo na sua própria consciência em e por cada uma das decisões. Mas incansavelmente devem ser mantidas as duas extremidades da cadeia: Por uma lado lembrar, sem desfalecer, as exigências da verdade, lutando com toda a força contra a mentira e a exploração utilitária dos valores espirituais, salvar, salvar, salvar sempre e ainda no momento em que combatentes não pensam senão em confundir, odiar e destruir; mas ao mesmo tempo, escolher e sacrificar. Descomprometer-nos e comprometer-nos permanentemente, para edificar, ao mesmo tempo, uma e outra, uma apesar da outra, a liberdade e a eficácia do espírito⁷².

Segundo Mounier, quando entendemos a liberdade, que é afirmação absoluta, nada a poderá limitar, é total e sem limites (Sartre), simplesmente porque é. Não existe qualquer natureza que a ela antecede, não corresponde a nenhum chamamento: se isso acontecesse, deixaria de ser liberdade. A si própria se faz e faz-me fazendo-se, e nela e por ela me invento, invento meus motivos, os valores e o mundo comigo, sem apoio nem auxílio. Este tipo de liberdade absoluta é um mito⁷³.

A noção de natureza é uma noção confusa que é preciso purificar. Para Mounier, a existência, ao mesmo tempo em que é manifestação espontânea, é também espessura, densidade; ao mesmo tempo em que é criação, é dado. A pessoa, assim pensa Mounier, não é somente o que faz. O mundo não é somente o que ela quer. Assim ele diz:

⁷² - MOUNIER, Tradução do autor. *Traité Du Caractère*, 1944. pp. 696-697.

⁷³ - MOUNIER, 1950, pp.112-113.

Sou dado a mim próprio e o mundo antecede-me. Sendo esta minha condição, há na própria liberdade um peso múltiplo, o que lhe vem de mim próprio, do meu ser particular que a limita, o que lhe vem do mundo, das necessidades que a constroem e dos valores que a primem. A sua gravitação é verdadeiramente universal [...]⁷⁴.

Uma liberdade não pode brotar como puro fato, que tão estreitamente implica está afirmação bruta da existência que chega a evocar uma necessidade. Sartre fala de uma condenação, é como uma natureza cega, uma potência nua. Como distinguir então do arbitrário vital e da vontade de poder? Como pode a liberdade ser minha se não posso recusá-la? Onde há de assumir o caráter humano, se a pessoa não se afirma nas suas manifestações? Quem lhe poderia traçar os limites do inumano, uma vez que não há entre o humano e o inumano outras fronteiras do que aquelas que ela própria marca? Aquele que está condenado à sua liberdade, uma liberdade absurda e ilimitada, não está ligada ao ser humano como condenação, esta proposta é como um dom. Pode aceitá-la ou recusá-la.

Por fim, poderíamos indagar: o que aconteceria se a comunicação no mundo em que cada pessoa surgisse isoladamente? “Só serei verdadeiramente livre, escreveu Bakounine, quando todos os seres humanos que me rodeiam, homens e mulheres, foram igualmente livres [...] Só me torno livre através da liberdade dos outros”⁷⁵. Na verdade, a liberdade é fonte viva do ser, e que um ato não é um ato de homens e não transfigurar os mais rebeldes dados na magia dessa espontaneidade. Neste sentido, e somente neste sentido, o homem é inteiramente e sempre livre interiormente e quando o quiser. A liberdade não é como diziam os estóicos, a *consciência da necessidade*, segundo Mounier, é um princípio, porque a consciência é promessa e iniciativa de libertação; só aquele que não vê a sua escravidão é escravo, mesmo quando feliz na sua condição.

1.3.6 - Eminente Dignidade

A pergunta elementar para a eminente (sublime) dignidade é: existe uma realidade para além das pessoas? Segundo Mounier, alguns personalistas, como Mac Taggart, Renouvier ou Howinson, respondem negativamente a esta pergunta. Para Karl

⁷⁴ - IDEM.

⁷⁵ - BAKUNIN Apud MOUNIER, op.cit. pp. 114-115.

Jaspers⁷⁶, a realidade pessoal implica uma transcendência íntima, transcendência radicalmente inominável e inatingível, a não ser por qualquer forma de linguagem cifrada⁷⁷. A pessoa não se pretende e nem se fecha em si mesma, pois ela excede a si própria, num movimento em direção ao ser, isto é, à Pessoa Suprema que o próprio Deus. Mounier é um filósofo de inspiração cristã. O personalismo cristão procura ir até o fim em proveito da pessoa fazendo com que todos os valores agrupem para ele.

Há uma concreta proximidade da transcendência com a estrutura da pessoa humana. A transcendência da pessoa manifesta-se a partir da atividade produtora. “Realizar e, realizando, realizarmo-nos, nada mais sendo do que o que realizamos”: eis uma fórmula em que Sartre pretende encerrar o todo do homem, e que é quase marxista⁷⁸. O indivíduo produtor, não se basta a si mesmo; uma produção sem finalidades torna-se um suplício.

Mounier fala que no mesmo ato que uma pessoa se afirma, verifica-se que os seus atos mais profundos, as suas mais sublimes criações, surgem em mim como nada tendo que ver com a sua vontade. “Sou aspirado para os outros. Mesmo a minha liberdade surge-me como um dado, e não são seus mais altos momentos os mais imperiosos, que antes nos surgem em momentos de apaziguamento e de oferta a uma reencontrada liberdade ou um valor amado”⁷⁹.

Não se deve confundir o ultrapassar do próprio ser com a agitação do ímpeto vital: o ímpeto vital mais não nos leva do que a ele próprio; é paixão pela vida a qualquer preço, mesmo ao preço dos valores que lhe dariam sentido. Aceitar o sofrimento e a morte para não trair a condição humana, ir do sacrifício ao heroísmo é, pelo contrário, o ato supremo da pessoa. Segundo Gabriel Marcel, no momento em que se assume a consciência: “sou mais do que minha vida”⁸⁰.

A riqueza íntima do ser da pessoa é conferida na continuidade, mas não de repetição, e sim de superabundância. Para Mounier, sem cessar experimentamos a riqueza íntima como algo que nos ultrapassa. Nessa percepção dele, o pensamento age

⁷⁶ - Karl Theodor Jaspers (1883-1969) foi filósofo e psiquiatra alemão.

⁷⁷ - IASPERS Apud MOUNIER, 1950, p. 125.

⁷⁸ - Op. cit, p.127.

⁷⁹ - Op. cit. p.127.

⁸⁰ - MARCEL Apud MOUNIER, 1950, p.127.

sobre os sentidos; no pensamento a fé age sobre as determinações, como a ação implica sobre as vontades. E o amor sobre os desejos desperta para a eminente dignidade da pessoa. Como dizia Malebranche: “O homem é movimento para ir sempre mais longe”⁸¹. Ser pessoa é ser generosidade.

Ilustrando a questão da direção da transcendência, Mounier indaga sobre a questão dessa agitação do ser da pessoa, do seu ultrapassamento pessoal, do para além de si mesmo. Será que existe alguma orientação para esse agitar de ser pessoa? Diz Mounier:

O ultrapassamento da pessoa por si própria não é somente projeto, é elevação (Jaspers), *passar para além de*. O ser pessoal é um ser feito para se ultrapassar. Tal como a bicicleta ou o avião só se equilibram quando se movem para lá de um dado impulso, o homem se mantém de pé com um mínimo de força ascensional. Quando perde altura não se rebaixa ao plano duma qualquer humanidade moderada, ou, como foi dito, da animalidade, mas muito abaixo do animal: nenhum ser vivo, a não ser o homem, inventou a crueldade e baixeiras em que este ainda se compraz⁸².

O personalismo cristão vai até as últimas conseqüências: todos os valores devem se agrupar para ele debaixo do apelo singular de uma Pessoa Suprema, ou seja, um Ser Transcendente⁸³. Podem ser perdidas provas de transcendência do valor dos valores. Pertencendo ao universo da liberdade, a transcendência não é objeto de provas. A sua certeza surge na plenitude da vida pessoal e perde-se quando esta declina. A pessoa nessa perspectiva pode tornar-se cega aos valores, e a sua decepção ontológica transforma seu sentimento em ódio⁸⁴.

1.3.7 - Engajamento

⁸¹ - MOUNIER, *Le Personalisme*, 1949, p. 78. Tradução do autor: *L’homme, disait Malebranche, est mouvement pour aller toujours plus loin* ».

⁸² - IDEM, p. 78: “*Le dépassement de la personne par elle même n’est pas seulement projet, il est élèvement (Jaspers), surpassement. L’être personnel est un être fait pour se surpasser. Comme la bicyclette ou l’avion n’ont leur équilibre qu’en mouvement et au-delà d’une certaine force vive, l’homme ne tient debout qu’avec un minimum de force ascensionnelle. En perte de hauteur, il ne retombe pas sur quelque humanité modérée, ou, l’animal: aucun être vivant sauf l’homme n’a inventé les cruautés et les bassesses où il se complaît encore.*”

⁸³ - MOUNIER, 1950, p. 129.

⁸⁴ - MOUNIER, op.cit. p. 130.

A teoria da ação não é um apêndice do personalismo, mas seu capítulo nuclear. A ação contempla liberdade. Uma doutrina explícita ou implicitamente materialista não pode contemplar a ação, ação orientada. Se tudo que se passa no mundo fosse programado, por um inelutável processo, que nós teríamos que fazer, mais que esperar e prepararmo-nos para sofrer mais, como pretendiam os estóicos ou Espinosa?⁸⁵

Quando não existe uma maneira de atribuir um sentido, por mais aberto que este seja, à natureza humana, quando já não tem valores para propor, então ainda importa tirar uma conclusão: “faz não interessa o que, desde que a tua ação seja intenção, e vigilante em relação à espessura dos que nada fazem, dos que soçobram”⁸⁶. De forma que uns procurarão uma forma de auto-atribuição de valores, mas procuram-nos numa inteira arbitrariedade, e a sua fidelidade, embora voluntária, é precária.

Outros poderão concluir recusando a ação. Nada, num mundo da absurdidade, lhes parece justificar suficientemente esta em vez daquela ação. Um diletantismo artístico, um anarquista irônico, um gosto maníaco pelos sem partido, pelos abstencionistas, pelos que reclamam incessantemente, pelos libertários que reinam nestas paragens. Em geral não é mais do que um aglomerado de dissidentes, corações leais, espíritos conflituosos, boateiros simpáticos e cérebros vazios indistintamente misturados. Conhece-se por uma repugnância visceral pelo compromisso, uma impotência para realizar algo, que denuncia a recusa das fontes em que bebem para lá da eloquência por vezes coloridas com que se apresentam. Outros ainda, debaixo de uma ação libertadora de quaisquer regras e apaixonados por uma vida intensa, serão levados como que um delírio de ação, que se traduz nas naturezas pobres por uma inquieta e medíocre agitação, mas naturezas ricas por uma exaltação da exaltação e do poder⁸⁷.

Segundo Mounier, uma filosofia para a qual existem absolutos será tentada esperar, para se lançar na ação, por causas perfeitas e meios irrepreensíveis. O que equivale a uma renúncia à ação. O absoluto não é deste mundo e não é comensurável a este mundo. Só nos podemos comprometer em combates discutíveis e em causas

⁸⁵ - Op. cit. p.152.

⁸⁶ - Op. cit. p.153.

⁸⁷ - Op. cit. p.154.

imperfeitas⁸⁸. Recusar o compromisso é recusar a própria condição humana. Desejamos ser puros. Mas o que é ser pureza? Na maior parte das vezes, chamamos de pureza à repetição de lugares comuns, de princípios abstratos, de situação ideal, de bons sentimentos. A própria negação do heroísmo pessoal, esta inquietação preocupada pela pureza exprime também, uma preocupação egocêntrica de integridade individual, separada do drama coletivo. Diz Mounier: “Fala-se sempre de nos *comprometermos*, como se tal de nós dependesse: mas nós estamos comprometidos, embarcados, pré-ocupados. Eis porque toda abstenção é ilusão”⁸⁹.

Não temos que ter receio de reconhecer e combater abertamente às fraquezas de nossas próprias causas saber a relatividade que toda ação pressupõe, o permanente perigo de cegueira coletiva, a ameaça das aparelhagens e dos dogmatismos. Sabemos também que a ação é um modo de conhecimento, e que a verdade se dá àqueles que a reconhecem a aceitam, mesmo nas mais precárias bases.

Para Mounier, a educação nos dias atuais é distribuída prepara da pior maneira possível para cultura da ação. A Universidade, por exemplo: distribui uma ciência formalista que conduz ao dogmatismo ideológico ou, por reação, à ironia estéril. Os educadores espirituais conduzem, na maioria das vezes, para a formação moral para o escrúpulo ou para o caso de consciência, em vez de caminharem para o culto da decisão. É todo um clima a modificar, se não quisermos nossos intelectuais dar um exemplo de cegueira e, os mais conscienciosos, da covardia⁹⁰.

Antônio Martins, relata que esta comunhão se realiza no amor e os cristãos sabem que ela está ligada à aspiração do amor de Deus e que seu pleno sentido na comunhão dos Santos, na teologia do Corpo Místico, a qual bem poderia ser a teologia dos nossos tempos.⁹¹ Podemos constatar nas palavras deste filósofo Antônio Martins, que Mounier tem um vínculo íntimo com a teologia. Pensar a filosofia de Mounier fora de sua perspectiva cristã seria quase um absurdo.

⁸⁸ - Podemos encontrar este tema na revista *Esprit*, em número especial de P. Landsberg em *Réflexions sur l'engagement personnel* (*Esprit*, novembro de 1937). Acreditamos que o mundo de que fala Mounier, refere-se ao mundo metafísico-cristão.

⁸⁹ - MOUNIER, 1950, p.164.

⁹⁰ - Op.cit. p. 167.

⁹¹ - MARTINS, 1997, pp.77-78.

Como Mounier, Ricouer também teve uma preocupação antropológica sobre a questão do ser do homem. Para Ricouer, o homem tende a descobrir como alcançar a plenitude de seu ser, o homem precisa saber antes de mais nada, quem é ele. A reflexão deste filósofo num primeiro momento, passa pela crítica da subjetividade moderna, à luz das contribuições da fenomenologia das religiões, da psicanálise, da lingüística. Mounier procura mostrar que é a pessoa fazendo novas abordagens convergindo essas reformulações do conceito de pessoa pautadas numa perspectiva personalista cristã. Assim Ricouer diz:

O homem é pessoa enquanto capaz de identificar algo, se individualizar pela linguagem. Pessoa é um conceito primitivo, aquilo que o filósofo chama de “particular base”, ao qual sempre nos reportamos para identificar qualquer outra realidade distinta de nós [...] ⁹².

Entendemos que a regra de ouro de Mounier pode ser compreendida como regra da pessoalidade da pessoa-comunidade, com e para os outros, em instituições justas, na reciprocidade entre seres humanos, traduzindo-se no seu direito natural de pessoa e não ser tratado como uma coisa.

Diante de tudo que foi dito neste capítulo, podemos evidenciar a sua significativa preocupação com o universo pessoal do respeito que se deve ter pela pessoa na sua dupla dimensão integral: corpo e espírito. Partindo das considerações dadas, Mounier vai dialogar com as várias filosofias e ideologias de seu tempo.

⁹² - RICOUER. 2009, p. 222.

CAPÍTULO II

O PERSONALISMO CRISTÃO E AS IDEOLOGIAS DO SEU TEMPO

É de capital importância entender como o personalismo de Mounier se relaciona com o cristianismo, e com as ideologias de seu tempo: capitalismo, fascismo, marxismo e existencialismo. Mounier considera que é dever dos cristãos enfrentar os grandes problemas de sua época sem se refugiar em cômodas posições conservadoras: o cristianismo tem que ser antes de tudo, uma doutrina de renovação das almas, mas isso não exclui que seja ao mesmo tempo o fermento para renovação da realidade.

2.1. Personalismo e Cristianismo

Para Mounier, o cristianismo, como realidade sobrenatural, não tem nada que possa ser julgado; não pode ultrapassá-lo na sua essência. Mas a Igreja está ligada às realidades do tempo e do lugar, e como tal comete falhas. Misturada com carne e sangue do mundo, só pode ser imperfeita nos seus representantes; mas por trás desta imperfeição, há a voz de Igreja autêntica.

Segundo Mounier, é preciso que os cristãos aprendam a resolver “os problemas políticos com dados políticos, e não com conceitos gerais, com efusões sentimentais, com os a priori moralizantes ou por drogaria de dosagem dos contrários”⁹³. Tal usurpação de fórmulas morais para a ação temporal, Mounier via, em particular entre os democratas cristãos, aos quais reprovava a inautenticidade e verbalismo.

Mounier procura diferenciar o cristianismo e o mundo cristão como o fez Kierkegaard⁹⁴. Quando fala da crise do cristianismo ocidental, é sempre das insuficiências e das faltas do mundo cristão que está falando. O mundo moderno para Mounier é o mundo no qual vivemos. O mundo é sempre moderno para quem não

⁹³ - MOUNIER, *Esprit*, nº105, dezembro de 1944.

⁹⁴ - KIERKEGAARD, Sören. *Temor e Tremor*. In Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural. 1978, pp. 45-46.

agarra às formas mortas do passado e se volta para o futuro, para melhor compreender o presente.

Para Mounier, grande parte do mundo moderno prosperou fora do cristianismo, algumas vezes contra o cristianismo. Este mundo continua fechado à mensagem cristã. O mundo cristão está atrasado no domínio político, social e econômico. Deixou-se superar pelo movimento de descoberta científica e de organização técnica. Não encontrou a linguagem que estabelecesse o contato com as realidades novas. Para ele, “o divórcio do cristianismo com o mundo é de todos os tempos”. É irresolúvel. Mounier estudou longamente o diálogo entre o cristianismo e a civilização laica, e observou que a condição mais habitual entre eles foi o dualismo⁹⁵.

Para Mounier, a Igreja não tem por missão organizar o mundo, ela é uma comunidade de vida de Cristo. Mas é uma realidade espiritual encarnada, e sua missão se cumpre neste mundo. Não há para o cristão duas histórias estranhas uma a outra: a história sagrada e a história profana: “Há uma só história, a da humanidade em marcha para o Reino de Deus”⁹⁶. Quando Mounier fala da realidade religiosa concreta, é preciso diferenciar a sua dimensão de eternidade, seus amálgamas com formas temporais caducas e os compromissos para que os homens a arrastam. Diz Mounier: “O espírito religioso não consiste em cobrir tudo isto com apologias, mas muito antes, em libertar o autêntico do inautêntico, o permanente do caduco. Aqui encontra com o espírito do personalismo”⁹⁷.

Para Mounier, o cristianismo não tem uma varinha de condão para oferecer aos medrosos. É importante que os ateus cessem de ver na fé a garantia da certeza radical. É necessário ser justo: os cristãos não são os únicos a fraquejarem. Resta saber se esta maneira de cochilar no fio do destino de transformar o drama humano em excursão familiar, e os problemas cadentes em exercícios de escola, é monopólio do cristianismo desleixado. Kierkegaard já tinha pensado assim antes⁹⁸. Mounier afirma que: “Existe tanto um ateísmo confortável como um cristianismo confortável”⁹⁹. Moix registra que

⁹⁵ - MOUNIER, *Feu la Chrétiente*, Tradução: Antônio Colaço Martins p. 235, abril, 1949.

⁹⁶ - IDEM, 259.

⁹⁷ - MOUNIER, 1950, p. 206.

⁹⁸ - KIERKEGAARD, op. cit. pp. 45-46.

⁹⁹ - MOUNIER, *L'Affrontement Chrétien*, p. 35.

Albert Béguin disse “que Mounier era um dos únicos, o único talvez que chegou a se fazer ouvir pelos não-cristãos”¹⁰⁰. Esta idéia podemos encontrar em Kierkegaard

Mounier não vê o ateu com preconceito, mas busca um diálogo aberto, respeitando a liberdade de cada um. Não está em busca de adeptos para o cristianismo. O respeito pela pessoa do ateu ou do cristão se encontra na ordem do seu personalismo, lembrando que ele é um cristão convicto, apesar de suas críticas pesadas ao cristianismo inautêntico.

Segundo Moix, Mounier fez severas críticas ao cristianismo de fachada, apoiado na preguiça e na tranqüilidade. Sabia que o cristianismo autêntico tem outros recursos. Para Mounier o cristianismo, por pouco que compreendamos, corre o risco de encorajar uma espécie de fatalismo devoto, degradação da idéia de providência, um tipo de masoquismo beato, degradação do espírito da fé, um bom humor satisfatório, sentimentalismo invertebrado, degradação da caridade. Não é preciso insistir. Encontramos mais cristãos, talvez como imagem deste cristianismo desvitalizado do que com sua autêntica fisionomia. Aqueles que mesmo tivessem o gênio de Nietzsche, julgam o cristianismo a partir deste, subproduto, largamente espalhado, os remeteremos ao cristianismo autêntico, que renega aquele outro mais vivamente ainda que seus adversários¹⁰¹.

Mounier jamais desacreditou da solidez do cristianismo e da Igreja, porém muitas vezes emitiu a hipótese do esmagamento completo da cristandade corrompida pelo espírito burguês. Para ele, a ascensão dos fascismos nos países cristãos foi um sinal de fraqueza do mundo cristão. Segundo ele, há e sempre haverá cristãos corajosos.

Os compromissos do cristianismo contemporâneo acumulam muitas sobrevivências históricas: a velha tentação teocrática do domínio das ciências do Estado; o conservantismo social que liga o destino da fé a regimes ultrapassados; dura lógica do dinheiro, que guia o que deveria ser servir¹⁰². O que está acontecendo com o cristianismo? Diante do problema crucial de nosso tempo que põe ao cristianismo, ele não está sozinho. Realidades maciças e valores incontestáveis nascem aparentemente

¹⁰⁰ - MOIX, 1968, p. 327.

¹⁰¹ - IDEM, 335.

¹⁰² - MOIX, 1968, p. 207

fora de seu âmbito, suscitam morais, heroísmos, quase santidades. O que faz entender por outro lado que o cristianismo ainda não realizou com o mundo moderno a união conseguida com o mundo medieval. Será que o cristianismo estará atingir seu fim? Não será este divórcio prova da evidência de um cristianismo fadado ao fracasso?

Mounier ilustra que um estudo mais apurado dos fatos leva-nos a pensar que esta crise não é o fim do cristianismo, mas o fim duma cristandade, dum regime corrompido do mundo cristão que rompe com suas amarras e parte à deriva deixando atrás de si os pioneiros duma nova cristandade¹⁰³. Assim escreve Mounier:

Parece-nos que, depois de durante séculos ter talvez roçado a tentação judaica da instalação direta do Reino de Deus no plano dos poderes terrestres, o cristianismo regressa lentamente à sua posição primitiva: renuncia ao governo da terra e às aparências da sua sacralização, para formar obra própria da Igreja, comunidade dos cristãos em Cristo, com os outros homens unidos para as obras profanas¹⁰⁴.

A crise do cristianismo, segundo Mounier, não é somente uma crise histórica da cristandade, é uma crise de valores religiosos num mundo neutro. A filosofia Iluminista julgava-os artificialmente os valores religiosos e acreditava na sua próxima desapareção. Essa ilusão foi alimentada durante certo tempo com a ascensão do entusiasmo científico.

O cristianismo de Mounier rompe com as desordens estabelecidas. A atitude do personalista em relação à história, para Mounier, é a posição do otimismo trágico. O otimismo é dado pela convicção de que, de qualquer forma, a verdade está destinada ao triunfo. Verdade nesse contexto pode estar relacionada ao valor de pessoa. A tragicidade desse otimismo já depende da aceitação realista da crise em somos chamados a atuar. O otimismo trágico de Mounier é a expressão da lucidez da inteligência diante da realidade social e, ao mesmo tempo, da esperança de que a ação personalista influa sobre a crise que assola o mundo.

A construção político-filosófica do personalismo-comunitário inspirado nos princípios e valores do cristianismo, exerceu forte influência nos meios acadêmicos e intelectuais. Influenciou principalmente a juventude e os militantes sociais e políticos

¹⁰³ - IDEM, p. 208

¹⁰⁴ - IDEM, p. 209.

cristãos, entre os anos 30 e 60 do século passado, abrindo, inclusive, importantes frentes de diálogo e cooperação com outras tradições e vertentes religiosas e filosóficas. Por volta do ano mil, o medo dos medievais diante do iminente fim do mundo constitui o estímulo para construção de uma sociedade melhor, foi o aguilhão que levou a melhoria, para que os homens não tivessem que se apresentar de mãos vazias diante de Deus. Pois o século passado teve também seu medo, o grande medo de que toda humanidade pudesse desaparecer. Mas, para Mounier, esse medo não gera atividade operosa, e sim muito mais parece bloquear qualquer iniciativa, lançando as consciências nas jaulas do egoísmo que inibe o amor e agiganta o ódio.

Para Mounier, é a fé cristã que pode transformar a pessoa em iniciativas preñhes de força libertadora. Mas, para que a fé possa readquirir tal força, o cristianismo contemporâneo deve varrer com os compromissos que constituem incrustações históricas:

A velha tentação teocrática de intervenção do Estado nas consciências; conservadorismo sentimental que liga a sorte da fé à sorte de regimes já superados; a dura lógica do dinheiro, que guia o que, ao contrário deveria servir. “Quem quiser manter todo vigor dos valores cristão deve, em todos os campos, preparar a ruptura com todas essas desordens estabelecidas”¹⁰⁵.

Com referência à Igreja Católica, Mounier teve um papel preponderante de inspirador, de “orientador”. A Igreja Católica adotou nas décadas de 30 a 60 dentro do seu Ensino social uma fonte de inspiração filosófica: o personalismo-comunitário de Mounier. Ele foi um dos precursores das idéias e práticas que pautaram o Concílio Vaticano II no pontificado de João XXIII, que levaram ao aprofundamento e universalização do ensino social da Igreja. A Constituição pastoral : *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje teve inspiração no personalismo de Mounier¹⁰⁶.

João Paulo II orientou seus ensinamentos na ordem econômica e social dentro do arcabouço do personalismo cristão onde a pessoa é o ponto de partida para análise e o primeiro critério de avaliação. Ele durante 25 anos do seu pontificado no ensinamento do Concílio do Vaticano II, afirmou que a verdadeira natureza da pessoa humana é plenamente revelada em Cristo e que cada pessoa tem vocação fundamental revelada

¹⁰⁵

- MOUNIER apud REALE e ANTISERI, 1991, pp.738-739.

¹⁰⁶

- Cf. Compêndio do Vaticano II: Constituições/ Decretos/ Declarações. Mútua dependência entre Pessoa Humana e a Sociedade Humana. 1978. pp.168-169-179.

pelo mandamento do amor e de dar-se a Deus e ao próximo.¹⁰⁷ Na sua Carta Encíclica *Evangelium Vitae*, sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana temos o valor incomparável da pessoa humana¹⁰⁸. A presença do personalismo de Mounier podemos encontrar também na Filosofia do Direito do referido Papa:

[...] os homens agem e existem “junto com os demais”; e isso como consequência de que a correlação dinâmica do ato e da pessoa permanece como “a realidade essencial e fundamental, igualmente importante quanto à riqueza do agir de caráter social, comunitário e inter-humano. Com efeito, “os atos do homem, entendido como membro de diferentes sociedades e comunidades, são ainda atos da pessoa. Seu caráter social e comunitário fica arraigado em seu caráter pessoal, e não ao contrário¹⁰⁹.

Para Mounier, o importante é que o cristianismo não se torne o selo da esclerose das situações de fato (regimes, partidos, etc.). E, mais essencial ainda, é que o mundo não perca os valores cristãos. A generosidade da pessoa tem por paradigma a virtude teológica da caridade, a mutualidade, tem sua base estrutural no bem comum, na reciprocidade solidária da caridade que Cristo ensinou a seus seguidores. Mounier pergunta se seria o caso de pensar num personalismo por excelência cristão e católico? Não poderá ocorrer a comunidade um risco de se tornar uma projeção temporal e laicizante do “reino de Deus”, como precisamente a cidade dos fins do kantismo ou a sociedade sem classe do comunismo? Por outro lado, não é apenas uma questão de ortodoxia cristã, mas algo que diz respeito à colaboração de cristão de confissões diferentes e não de cristãos no seio de um personalismo relativamente coerente. O personalismo não se restringia só aos católicos, mas a todas denominações cristãs e não cristãs. Mounier sempre esteve aberto para outras denominações religiosas. Na verdade Mounier nunca deixou de afirmar que tal colaboração era, em princípio, possível¹¹⁰.

Para o cristianismo o homem ético, o homem capaz de civilização, abre-se às suas próprias antecipações, as suas previsões nas tomadas de atitudes. Se é assim, então o personalismo não será nem confusão no que toca ao cristianismo, nem ecletismo no que toca ao lado não cristão. É nesse sentido, parece para Ricouer, que Mounier se

¹⁰⁷ - Queremos aqui mostrar a grande influência de Mounier no seio da Igreja Católica. Cf. João Paulo II e o Consumismo no site ([www.cieep.org.br / index.php?page=artigomena&codigo=489](http://www.cieep.org.br/index.php?page=artigomena&codigo=489)).

¹⁰⁸ - PAULO II, João. *Evangelium Vitae*. 2004, p. 6-10.

¹⁰⁹ - JOÃO PAULO II Apud GROCHOLEWSKI, 2002, p.62. *Filosofia do Direito nos ensinamentos de João Paulo II*. Tradução do espanhol para o português pelo Cônego Martin Segú Girona.

¹¹⁰ - MOUNIER, 1950.

refere a “valores”, a “escala de valores” (materiais, vitais, racionais, espirituais), mais ou menos como Max Scheler e seu discípulo Paul Landsberg¹¹¹, de quem foi amigo até sua morte trágica no exílio. Mounier interpreta os valores como exigências permanentes, mas inconsistentes fora da história escrita por pessoas. O personalismo supõe uma ética concreta, relativamente independente da fé cristã, independente de suas significações, dependente quanto ao ato de seu aparecimento em tal ou tal consciência.

Segundo Mounier, o cristão não é obrigatoriamente o pedagogo do agnóstico. O que se acha na obrigação de ensinar um agnóstico a ser um bom cristão, mas aprende sem cessar com o não-cristão. Da mesma forma, está o cristão muitas vezes bastante atrasado em relação ao não-cristão, por exemplo, na linha da compreensão da história, da dinâmica social e política¹¹².

Mounier não sabe o que é “pensamento cristão”¹¹³. Para ele, não existe uma filosofia cristã, assim como não existe uma doutrina social cristã, ou uma política cristã. O que pode existir é uma inspiração cristã, que atravessa a história. O cristianismo é um Evangelho de vida, não é uma filosofia. Maritain ainda acreditava na possibilidade de um Humanismo Integral e com a própria doutrina social da Igreja Católica de tipo integralista: O humanismo integral é capaz de assumir tudo, porque sabe que Deus não o opôs e que tudo é irresistivelmente arrastado pelo movimento do governo divino¹¹⁴. Podemos entender que o personalismo de Mounier nega a cristandade da Idade Média porque não condiz com o cristianismo autêntico que privilegia a dignidade da pessoa humana. Pelos erros da cristandade medieval, Mounier julgou necessária uma renovação espiritual no mundo real: o homem buscando um novo humanismo.

2.3. Personalismo e liberalismo capitalista

Confrontar o conceito de pessoa do personalismo com o conceito liberal de indivíduo(continuar na parte que o espírito burguês é inimigo do espírito comunitário)

¹¹¹ - Cf. em Landsberg na *Esprit*: abril de 1937.

¹¹² - MOUNIER, em *Révolution personaliste*, 1935, pp.103, 115, 121-131.

¹¹³ - MOUNIER, em *Esperança dos Desesperados*, 1972, p. 113, ao responder a pergunta sobre o que é pensamento cristão deixa claro que a desgraça é que ele não sabe o que pensamento cristão.

¹¹⁴ - MARITAIN. *Por um Humanismo Cristão*, 1999, p.57.

Quando Mounier escreveu o *Manifesto ao Serviço do Personalismo* (1936), a Europa estava marcada pelo predomínio, de um lado de dois sistemas políticos totalitários, o fascismo e o comunismo, e do outro pelo liberalismo capitalista. Mounier procurou se inserir de forma autônoma e original entre esses sistemas. O capitalismo proclamava a liberdade do indivíduo e o seu direito à propriedade privada, porém não estabelecia mecanismos de ação solidária, nem uma ordem sustentada e segura, entre os sujeitos, mas cada um terá de resolver seus próprios problemas, com suas próprias forças e com os seus próprios recursos.

A desordem, para Mounier, é concretizada inicialmente, pela presença da miséria: a prosperidade permite o jogo e mascara a injustiça. A miséria esmaga o homem sobre seus problemas essenciais e põem a descoberta, em amplas áreas, os pecados de um regime. A experiência ou a proximidade da miséria é o nosso batismo de fogo. A presença da miséria é o ponto de partida da luta contra a “desordem estabelecida”: “Passou a miséria com seu séqüito de grandezas. Eis a chave. Quem não sentir a miséria como presença e uma queimadura em si mesmo, nos farão objeções levianas e falsas polêmicas”¹¹⁵. Nessa perspectiva, o resultado de toda desordem provém da desordem econômica, fruto do regime capitalista. Mounier começa por fazer críticas contundentes ao regime capitalista.

Está escrito na revista *Esprit*¹¹⁶ que há Estados violentos como há atos violentos, mas como os primeiros são menos visíveis, não temos a mesma consciência de sua existência. A propósito, escreve Mounier: “Há pessoas que têm e pessoas que não têm consciência de que vivemos num mundo amplamente bárbaro; quase todos os mal-entendidos vêm daí”¹¹⁷. A estes inconscientes ele lembrou que a raiz do mal é o mundo do dinheiro que podemos ver instalado no coração dos homens. Mounier fala de uma realidade capitalista que faz o homem ficar reduzido à paixão do lucro que acumula ou à paixão do lucro que lhe é recusado; os benefícios e o controle da economia concentrada em um reduzido número de poderes que regulam loucamente a produção, escravizam-na os caprichos das finanças e apoderam-se, em seu próprio interesse quer seja dos governos, quer seja da imprensa da opinião e da paz dos povos; um maquinismo orientado para seus fins, em vez de estar a serviço da expansão da vida mais humana: a

¹¹⁵ - MOUNIER, *Révolution personnaliste au communautaire*, 1935, p.11.

¹¹⁶ - MOUNIER, *Esprit*, 1933, p.666 em 04 de janeiro, “Crônica do mundo bárbaro.”

¹¹⁷ - IBIDEM, ID.

anarquia, o desemprego com o também a miséria. Mounier procura convidar a todos para uma vida mais humana. Ilustra que “não devemos cessar de denunciar incansavelmente àqueles que ainda ignoram isto”¹¹⁸.

Mounier não se cansa de dizer que “o regime capitalista representa a desumanidade tanto odiosa quanto se dissimula sob o silêncio e o anonimato. O tirano por excelência é ele: o regime capitalista, sabemos por que as crises, e as guerras, e a corrupção, e as greves, e os ódios [...]”¹¹⁹. Existem duas vias para se criticar o capitalismo, porque ele promove, a um tempo a desordem econômica e a desordem espiritual. De fato, o capitalismo cai sobre um julgamento técnico e sobre um julgamento moral. Não se pode separar um do outro, e Mounier faz crítica completa aos dois aspectos. O capitalismo recorre ao princípio metafísico do otimismo liberal. Se caracteriza, fundamentalmente, pelo primado da produção (o homem a serviço da economia) e pelo primado do dinheiro (o homem ao serviço do lucro).

Segundo Mounier, a economia é dirigida por interesses privados, submetido ao poder financeiro anônimo que coloca a seu serviço o organismo social, por isso, dela decorre a corrupção parlamentar. O próprio organismo social se enrijece em classes e hierarquias fundadas sobre o dinheiro: rico, burguês, proletário¹²⁰.

No sistema capitalista, o dinheiro pela facilidade que dá, avilta os homens criando o tipo padrão, de idéias feitas: o medíocre. Cria o reino do anonimato, do homem irresponsável, transtorna profundamente a atitude de vida, mata a gratuidade e, por meio dela, o amor: “Impõe uma medida matemática a toda a vida, um avareza a toda generosidade, tende a transtornar as intercomunicações humanas num perfeito sistema de intercâmbios de equivalências”¹²¹. Bane o espírito de pobreza, escraviza todo o valor espiritual, terminando por nivelar as energias num ideal de riqueza mesquinho e estreito, de mediocridade confortável, segurança tranqüila, generalizada¹²². O reino do dinheiro produz uma dupla tirania: a tirania da riqueza e a da miséria, ambas inimigas da vida espiritual:

¹¹⁸ - MOUNIER, *Esprit*, nº 3, dezembro 1932, p.367.

¹¹⁹ - MOUNIER apud MOIX, 1968, p.63.

¹²⁰ - MOUNIER, 1950. pp. 192-200.

¹²¹ - MOUNIER: *Esprit*, 1935, nº 29, p.309.

¹²² - IBIDEM, ID,

uma como a outra esterilidade dos verdadeiros esplendores humanos. O miserável não pensa mais na transfiguração da sua alma, da sua vida, do mundo, o novo rico se satisfaz com a aparência superficial, fácil e enganadora. A riqueza pode ser, ara o homem, a herança mais perigosa, pois no dia em que ela é objeto de poder, e não mais de conquista, priva-o de todos os instrumentos da grandeza humana: o obstáculo, o fracasso, o sacrifício, a dificuldade, a experiência da angustia, a compaixão¹²³.

O capitalismo burguês instalou o egoísmo no coração: ele é o principal responsável pela luta das classes. Diz Mounier que:

Desde o princípio da história que são mais os dias consagrados à guerra do que os consagrados à paz. A vida de sociedade é uma permanente guerrilha. E onde a hostilidade cessa começa a indiferença. Os caminhos da camaradagem, da amizade ou do amor parecem perdidos nos imensos revezes da fraternidade humana¹²⁴.

Quando se fala em trabalho, Mounier vê que o capitalismo escraviza a pessoa, embora a dureza esteja vinculada ao trabalho. Ainda que guardando sempre um caráter de dureza, o trabalho só é humano se acompanhado de uma alegria profunda. Esta alegria não existe, se ele for considerado sob o único ângulo da renda. A heresia do trabalho consiste em desviar o próprio sentido do trabalho para a mística da produção, que é a abolição de toda dignidade. Segundo Mounier, onde o capitalismo floresça dá ao trabalhador o sentimento de estar executando um trabalho forçado num regime que lhe é imposto contra sua vontade; esta violência anônima, ele a sente de maneira mais esmagadora ainda nos vastos centros desumanos pela concentração industrial. A finalidade do trabalho não é nem a riqueza, nem a obra em si, considerada no seu valor material: “é, antes de tudo, o meio para cada um assegurar o mínimo de subsistência e a subsistência daqueles que estão naturalmente sob seu encargo; normalmente o trabalho deve permitir-lhe maiores condições de uma vida plenamente humana”¹²⁵.

Nesta perspectiva, o capitalismo constitui-se como uma frente puramente defensiva para conservar seus privilégios. Almejou sempre fazer crer que os valores essenciais da humanidade: valores religiosos, sentimento nacional, cultural, valores de propriedade pessoal, de iniciativa, de liberdade responsável, eram solidários de sua

¹²³ - MOUNIER: *Traité du Caractère*, 1947.

¹²⁴ - MOUNIER, 1949, p.59.

¹²⁵ - MOUNIER, 1933, p. 205.

existência, e que tocar no seu poder, era lutar contra esses valores, era atingir a própria civilização. Ele manteve pela mentira esta ilusão, com o objetivo de melhor mascarar suas operações odiosas. O capitalismo é, de fato, inimigo direto dos valores que defende ou pretende defender: “Do direito à responsabilidade, ele fez um direito ao lucro e a impunidade. Tem a pretensão de defender a pessoa e a esmaga sob o mecanismo anônimo do dinheiro; a liberdade, ele abafa debaixo de guerra econômica, de exploração social e das oligarquias” [...]¹²⁶.

O capitalismo foi “o principal agente de opressão da pessoa humana ao longo de um século de história”¹²⁷. É nessa linha de pensamento que Mounier está afinado com Marx e Engels. A aversão que Mounier tem ao capitalismo permanecerá irredutível; ele denunciará incansavelmente as faltas desse regime desumano. Segundo Mounier, contra o capitalismo devemos travar uma guerra até o fim de nossa resistência”¹²⁸.

Para Marx e Engels, na Revolução Francesa de 1789, a burguesia, aliada ao povo, lutou contra a monarquia, contra a nobreza e contra a Igreja dominante: para eles a burguesia era a classe que realmente encabeçava o movimento. O proletário e as camadas da população urbana que não pertenciam à burguesia ainda não tinham quaisquer interesses separados dos interesses da burguesia, ou ainda, não constituíam classes ou setores de classes com desenvolvimento independente¹²⁹.

Mounier estava bem sintonizado com Marx no que diz respeito à crítica a burguesia. Aquele dava grande importância à luta contra o espírito burguês, e não contra a burguesia simplesmente. A fórmula não visa a um grupo social, mas a um espírito que não atingiu ainda a parte conquistadora e aventureira da burguesia. O espírito burguês encontra-se em todos os meios. Nascido de uma classe acabou atingindo, mais ou menos profundamente, todas as camadas sociais. Ele criou um tipo de humanidade: o burguês. A propósito, Mounier escreveu:

Hoje, dizia Péguy, há já trinta anos, todo o mundo é burguês. Do homem de dinheiro, a lepra alcançou o comerciante, o operário, o artesão, o homem do

¹²⁶ - MOUNIER Apud MOIX, 1968, p. 68.

¹²⁷ - MARX, ENGELS, 1998, p. 147.

¹²⁸ - MOUNIER, *Esprit*, nº 30, março, 1935, p. 876.

¹²⁹ - MARX, ENGEL, Obras Escolhidas, Vol. I, p. 49.

interior, a família tradicional, o novo rico. Em todas as classes, ele deixou áreas de saúde, mas também em todas as classes fez seus estragos¹³⁰.

É de capital importância reconhecer que a Renascença propôs libertar o indivíduo da opressão social. O homem impulsionado por um ardente desejo de liberdade, se revolta contra tudo que pode pressioná-lo. Descobre o mundo e sente tornar-se senhor do mundo. As sociedades de tipo burguês não passam de indivíduos ampliados. Este espírito burguês, Mounier denunciou-o como inimigo temível do espírito comunitário. São pouco os que não se vacinaram contra tal epidemia. Pouquíssimos os que não se ressentem de sua influência. Para Mounier, o indivíduo busca com o individualismo cortar o vínculo com a comunidade e a transcendência. O burguês é um estilo de descendência: do herói ao burguês; dos valores da conquista e criação aos valores do conforto. Essa intuição do negativo no burguês conduz a todas as reflexões sobre a oposição entre indivíduo e pessoa. O indivíduo é um contrapólo; sob esse termo, Mounier identificou a coalisão de diversas tendências em aparência disparatadas entre os quais e divide o homem sem interioridade, a complacência nessas imagens superficiais. Mundo do indivíduo é um mundo da aparência. O indivíduo é exigente e se apodera; a pessoa dá e dá-se.¹³¹ Para o liberalismo, o indivíduo é uma peça utilitária provedora do lucro. O lucro precede a pessoa humana.

Para Mounier, no individualismo, o indivíduo é o primeiro sob o ponto de vista lógico e o único real ontológico. Indivíduo, entendido como círculo fechado, sem abertura interna e essencial para os outros; ser auto-suficiente, autárquico e autônomo. Ontologicamente, o homem é um indivíduo atomístico, associal. Sob o ponto de vista ético, ele é livre de todo vínculo, fonte dos valores e das leis; fim em si, sem ligações morais¹³². O burguês é a inautenticidade, manifesta na mediocridade, duplicidade e mentiras congênicas, que formam uma segunda natureza e contagiam todas as relações do burguês. Para Mounier, a pessoa está acima do lucro. O burguês é, antes de tudo, o homem que perdeu o senso de *ser*. Fez para si um mundo à sua medida, sem mistério, que não participa de Deus porque só participa de si mesmo. Ele achou duas maneiras de possuir as coisas. A maneira fácil, que consiste em gozar dos prazeres do *ter*, sem querer para si, por um enriquecimento do ser, as concisões primeiras de posse do

130

Esprit, nº 102, julho, 1941, p.613. Tradução: Candide Moix.

131 - MOUNIER, *Révolution Personnaliste*, p. 69.

132 - MARTINS, 1997, p.136.

mundo. A pessoa, para ser, engaja-se, mais sabe a serviço de que causa está se doando, e através de tal ação se justifica como fim, e por meio desta causa, a pessoa se realiza. Mounier faz lembrar que a pessoa não deve se deixar alienar em consequência do peso da matéria. E não mais sendo animada pelo espírito, mais pelo jogo das estruturas políticas ou econômicas. Esta conduta da pessoa é regredir à semelhança do espírito burguês e leva a pessoa perder-se.

Para Mounier, a filosofia personalista opõe o homem como indivíduo e o homem como pessoa. O indivíduo é o homem físico, parte do universo, fechado em si mesmo, opondo-se a qualquer outro indivíduo. A pessoa é o homem espiritual, transcendente ao universo por sua liberdade, aberto a todo ser capaz de entrar em comunhão com outras pessoas.

Segundo Marx e Engels, ser um capitalista e ter não só uma condição puramente pessoal, mas uma condição social na produção¹³³. Nessa perspectiva, Mounier está bem afinado com esses dois grandes do pensamento revolucionário. Mounier tinha fé na morte do espírito burguês e trabalhava para expressá-la. Sabia perfeitamente que tal luta duraria longo tempo, duraria sempre porque o mal é sempre renascente. Podemos dizer que o burguês é um ser artificial, que gosta da evidência. Por isso, no décimo capítulo, *Afirmção de mim* do livro *Tratado do Caráter*, Mounier fala do burguês que busca acima de tudo consideração. Ele se agarra menos a ter do que à reputação decorrente. Ter, desviado do ser, acabou devorando-se a si mesmo¹³⁴.

Mounier busca fazer umas críticas pertinentes em favor da pessoa humana. Faz críticas severas ao capitalismo por não incluir a pessoa no seu projeto. Para Mounier, há nas pessoas uma consciência, como também, a falta de consciência de que vivemos num mundo amplamente bárbaro; quase todos mal-entendidos vêm destes inconscientes, ele lembrou que a raiz do mal é o lucro¹³⁵. Há uma realidade capitalista atual diz Mounier:

Homens que acumulam ou à ganância do lucro que lhes é recusado; os benefícios e o controle da economia concentrada em um reduzido número de

¹³³ - MARX, ETC.1998, p.32.

¹³⁴ - MOUNIER, *Traité du Caractère*, 1947, p.548. Tradução do autor: *L'affirmation du moi. Pour l'homme de l'ostentation, l'important n'est plus même de posséder, mais de faire savoir qu'il possède. Le conquérant est si sûr du lien vivant qui l'unissaient à sa conquête qu'il ne songe pas cesse à l'affirmer publique*

¹³⁵ - MOUNIER, 1933, p.666.

poderes que regulam loucamente a produção que escravizam-na aos caprichos das finanças e apoderam-se em seu próprio interesse dos governos, da imprensa da opinião a da paz dos povos, um maquinismo orientado para os seus fins, em vez de servir a expansão de uma vida mais humana; anarquia, o desemprego, a miséria. Não cessaremos de incansavelmente de criticar àqueles que ainda ignoram isto¹³⁶.

As críticas que Mounier faz ao capitalismo são bastante contundentes, o capitalismo é o filho perverso da filosofia racionalista e individualista da modernidade e do princípio do otimismo liberal. Caracteriza-se, fundamentalmente, pelo primado da produção e pelo primado do dinheiro. A economia é dirigida por interesses privados, submetido ao poder financeiro anônimo que coloca a seu serviço o organismo social: dela decorre a corrupção parlamentar. O próprio organismo social se enrijece em classes e hierarquias fundadas sobre o dinheiro: ricos, burguês e proletário¹³⁷.

Segundo Mounier, a busca do conforto conduz o capitalismo à facilidade, isto é, quase sempre a diminuição do homem¹³⁸. Para Mounier, o homem do conforto não é senão como um animal doméstico, dos objetos do seu conforto, o homem reduzido a sua função produtora ou social é uma peça numa engrenagem¹³⁹. Podemos acrescentar seguindo o personalismo de Mounier, que o homem do conforto faz do objeto o sujeito do seu conforto. Ainda mais, o homem sujeito do conforto, se converte por assim dizer, em objeto dos objetos do conforto. O seu referencial para pessoa é o cargo que exerce ou o posto que tem. A pessoa não é mais a referência, ela é funcional produtiva ou a classe privilegiada a que pertence.

Para Mounier, o capitalismo exerce um direito de propriedade absoluta sobre o mundo. O universo é “aquilo que pode ser explorado”, não tem outro sentido. O capitalismo já não trava um verdadeiro diálogo entre o homem e a natureza. O mundo que ele explora é vazio de humanidade, inerte, sem alma, “sem nenhuma presença anterior à reivindicação do homem”. O homem nessa perspectiva fica sob um único referencial, o lucro, cortado do universo. Subordinando tudo ao lucro, o capitalismo tornou-se direitos ilimitados sobre coisas e, por via de conseqüências, sobre pessoas. Ele utiliza as guerras a seu serviço, alimenta o conflito permanente na vida econômica. A

¹³⁶ - MOUNIER, 1932, p. 91.

¹³⁷ - MOUNIER, 1950, pp.192-200.

¹³⁸ - MOUNIER, 1936, p. 26. Tradução do autor. *De la propriété capitaliste à la propriété humaine*.

¹³⁹ - MOUNIER, 1950, pp.81-96. A conversão íntima. Podemos constatar a crítica de Mounier para as pessoas reduzidas as funções sociais, que vivem de exibição, do artificialismo, da superficialidade etc.

máquina, enfim, foi o meio de realizar os milagres.¹⁴⁰ Voltando-se para uma perspectiva personalista, podemos dizer que esta crítica se encontra em ressonância com a análise de Marx. Assim resume Mounier:

O homem que politicamente começou a tornar-se sujeito com a democracia liberal, manteve-se geralmente objeto no plano de sua existência econômica. O “anônimo poder do dinheiro,¹⁴¹ o seu privilégio na distribuição das riquezas e das vantagens deste mundo, endurecem as classes e alienam o homem real¹⁴².”

Na exposição de Antônio Colaço Martins, Mounier ilustrou que o burguês se apavora, vai novamente à missa, com finalidade de garantir a conservação de privilégios e de abrigar da cólera popular; ao mesmo tempo, à sombra da religião, empreende as maiores acrobacias para inocular nas massas a mística do conforto¹⁴³. O dinheiro estragou os valores autênticos da burguesia: a coragem, a iniciativa e a fidelidade. A causa desse estrago, segundo Mounier, foi oriundo no seio do *individualismo* que foi trazido da Renascença, sistematizado pelos teóricos políticos e pelos moralistas do século XVIII e, em certa medida pela Declaração dos Direitos do homem e pelo código de Napoleão foi a consagração do egoísmo e inimigo direto do espírito comunitário¹⁴⁴.

O trabalho é uma mercadoria para o regime capitalista. O que não deve ser entendido assim. O capitalismo não deve converter a pessoa humana em mercadoria. O trabalho é o “único agente propriamente pessoal e fecundo da atividade econômica: o dinheiro só pode ser ganho quando em ligação pessoal com o trabalho; a responsabilidade não pode ser assegurada senão por quem trabalha”¹⁴⁵. O trabalho é um meio de realização do homem como pessoa. Ele é, de fato, um notável instrumento de disciplina; faz o indivíduo sair de si mesmo. Enfim, oferece ocasião de estabelecer contatos humanos: [...] num estado econômico onde ele ocupa a maior parte das obras do homem, é umas das fontes principais da camaradagem que prepara as comunidades mais profundas¹⁴⁶.

¹⁴⁰ - MOUNIER, *De la propriété capitaliste à la propriété humaine*. 1936, p. 21-25.

¹⁴¹ - MOUNIER, *Esprit*, outubro de 1933: O dinheiro, miséria do pobre, miséria do rico.

¹⁴² - MOUNIER, 1950, p. 181.

¹⁴³ - MARTINS, 1997, p.17.

¹⁴⁴ - MOIX, 1968, p. 144.

¹⁴⁵ - MOUNIER Apud MOIX, 1968, p. 67.

¹⁴⁶ - MOIX, Op. cit. p.66.

O capitalismo defende a propriedade privada: “*Propriedade da qual privamos os outros*”, como gostava de dizer Mounier. De fato, neste regime uma casta de privilegiados reduz os outros à condição de vida desumana:

Tal como a concebe o capitalismo, a apropriação privada comporta uma detenção perpétua, sem reexame, incontrolada, pelo indivíduo, de todos os bens que lhe permite adquirir um regime em que a fecundidade do dinheiro e a lei do mais forte levam de arrastão bem depressa, para certo número de mãos, tesouros de iniquidade, e lhes permitem exercer sobre a massa dos desfavorecidos uma tirania inadmissível¹⁴⁷.

A questão da propriedade e de modo particular da propriedade privada tem suscitado muitos estudos e debates. Desde os Padres da Igreja a Santos Tomás de Aquino, de Proudhon a Marx e Engels, de Rousseau a Stuart Mill, dos socialistas e anarquistas aos liberais, questões como a origem da propriedade, a ocupação dos bens, a sua destinação individual ou social, por que possuir bens têm produzido amplas investigações e acalorados debates. Mounier não ficou fora dessa questão. A posição dele referente à propriedade privada se encontra na obra *De la propriété capitaliste à la propriété humaine* (1934). Para ele, a propriedade se inspira exclusivamente na Bíblia. A doutrina de Santo Tomás de Aquino serviu de base para que Mounier elaborasse a concepção personalista comunitária da propriedade, bem como nos ensinamentos dos papas Leão XIII (*Rerum Novarum*) e Pio XI (*Quadragesimo Anno*). Uma das possíveis explicações dessa opção se deve a influência de Jacques Maritain¹⁴⁸.

A discussão da fundamentação moral e metafísica da propriedade tanto por parte de Maritain como de Mounier não se situa no campo teológico, ou seja, baseado na argumentação da fé, mas sim na da filosofia. Mesmo a expressão “teoria cristã da propriedade”, usada por Mounier, deve ser entendida pelo fato da tradição cristã por seus pensadores eclesiais haver consagrado toda uma visão coerente de pessoa, de mundo, de finalidade dos bens terrestres e de sua destinação, visão inspiradora na palavra divina, mas totalmente conforme o discurso filosófico¹⁴⁹.

¹⁴⁷ - MOUNIER, 1936, p. 69.

¹⁴⁸ - LORENZON, 2001, p. 36.

¹⁴⁹ - IDEM, p. 38.

Quando nos deparamos com a questão da propriedade privada, percebemos nos últimos tempos que aumento populacional do mundo se encontra mais ameaçadores, para a vanguarda e para o centro do palco histórico. O problema da relação entre o número total de seres humanos, que aumenta rapidamente, e os recursos naturais, a estabilidade social, e o bem-estar dos indivíduos, é agora o problema crucial da humanidade, e continua sê-lo, com certeza, durante um bom tempo, e, talvez durante séculos. A época que estamos será a “era da apropriação e da propriedade privada”. O acúmulo do espaço tem, representado acúmulo de capital e poder. De forma que a propriedade privada nessa “Idade do Espaço”, assim podemos chamar, terá valor relevante diante de nosso sistema capitalista. Como engendrar uma política diante desse contexto onde a soberania do consumidor é o postulado de que toda atividade econômica para o lucro recorrendo à propriedade privada?

Segundo Mounier, o capitalismo coloca-se como defensor da propriedade privada. Apropriação privada composta de detenção perpétua, sem reexame, incontrolada, pelo indivíduo de todos os bens que lhe permite, adquire um regime de fecundidade do dinheiro e a lei do mais forte levam de arrastão, bem depressa, para certo número de mãos, tesouros de iniquidades, e lhes permitem exercer sobre a massa dos desfavorecidos uma tirania inadmissível¹⁵⁰. Fazer mais um confronto com o liberalismo.

Para Mounier, o rico é escravo. É possuído por seus bens, não está disponível ao outro; não se possuindo, não pode dar-se, comunicar-se. Suas relações para com os outros são sempre relações comerciais e guardam proporções aritméticas bem definidas, relações que vão esbarrar no desejo e no fato de fazer dos outros meios para seus fins. O burguês desfigurou todas as coisas¹⁵¹. O homem privado, modelo burguês, é a individualidade encolhida sobre suas propriedades privadas, seus segredinhos, sua inviolabilidade impura, vida privada, feita não de amor, mas recusa o privado, aquilo do qual a gente priva os outros. “O burguês é a inautenticidade, manifesta na mediocridade, duplicidade e mentiras congênitas, que formam uma segunda natureza e contagiam todas as relações do burguês”¹⁵².

150

- MOUNIER, *De la propriété Capitaliste a la Propriété Humaine*, 1934, p. 69.

151

- MOUNIER, *Ouevres*, Tradução: Antônio Colaço Martins, Vol. I, p. 430.

152

- MOUNIER, 1950

Segundo Marx e Engels, a Revolução Francesa aboliu a propriedade feudal, em favor da propriedade burguesa. A propriedade privada burguesa moderna é a expressão final e mais completa do sistema de produção e de apropriação de produtos, que é baseado no antagonismo de classes, na exploração de um homem pelo outro. Propriedade conquistada duramente, dignamente, adquirida e merecida! Esta se referindo à propriedade do pequeno artesão e do pequeno camponês uma forma de propriedade que precedeu a burguesia. Não é aboli-la. O desenvolvimento da indústria em boa parte já destruiu e continua, dia-a-dia, a destruí-la¹⁵³.

Mounier justifica sua opção teórica registrando que a doutrina e os ensinamentos de inspiração cristã concernente à discussão da propriedade são também de ordem filosófica, porquanto possuem argumentação racional e se coadunam melhor à natureza ontológica e a dignidade da pessoa humana com finalidade dos bens costumeiramente denominados materiais¹⁵⁴. Inserido numa perspectiva capitalista e utilitarista esse bens representam meras mercadorias, cujas apropriações e uso dependem dos proprietários. Mounier procura evitar tanto o individualismo possessivo e as práticas do capitalismo referente à propriedade privada, quanto à usurpação coletivista que concentra nas mãos de um Estado Absoluto totalitário. Destarte, a propriedade que ele defende está dentro de uma ordem cristã, de forma que se denomina *propriedade humana*. É nessa concepção que ele considera que se deve existir a humanização da propriedade quer esteja nas mãos de cristãos como de não-cristãos em nosso entendimento. Assim resume Mounier:

Existe uma teoria cristã da propriedade. Ela é vigorosa, muito desconhecida, de modo particular pela maioria dos cristãos. Sendo que precisamente os interesses econômicos tentam às vezes nela apoiar-se, faremos dela a estrutura deste estudo, esperando abordar o problema por vias suficientemente diretas para inaugurar entre cristãos e não-cristãos uma conversa que estas páginas não pretendem encerrar de forma alguma, e que apenas desejam iniciar.¹⁵⁵

O capitalismo busca exercer um direito de propriedade absoluta sobre o mundo. O universo é, para ele, aquilo que deve ser explorado, não tendo outro sentido. Ele já não trava um verdadeiro diálogo entre o homem e a natureza. O mundo que ele explora é vazio de humanidade, inerte, sem alma, sem nenhuma presença anterior à

¹⁵³ - MARX, ENGELS, 1998, pp. 30-31.

¹⁵⁴ - MOUNIER, 1950.p.?

¹⁵⁵ - MOUNIER, *Refaire La Renaissance*, É o título do primeiro artigo escrito por ele em outubro de nº 1, 1932. p.364.

reivindicação do homem. O capitalismo é uma mentira, porque se diz defensor da propriedade privada, mas cria uma casta de privilegiados e reduz os outros à condição de vida desumana:

Tal como a concebe o capitalismo, a apropriação privada comporta uma detenção perpétua, sem reexame, incontrolada, pelo indivíduo, de todos os bens que lhe permite adquirir um regime em que a fecundidade do dinheiro e a lei do mais forte levam de arrastão bem depressa, para certo número de mãos, tesouros de iniquidade, e lhes permitem exercer sobre a massa dos desfavorecidos uma tirania inadmissível.¹⁵⁶

A finalidade da propriedade privada em questão, diz respeito à responsabilidade ética e à utilização dos bens. Na perspectiva personalista, não podemos negar que as responsabilidades éticas estão voltadas para dupla finalidade: pessoal e comunitária da propriedade. O direito a propriedade é um direito humano, misto é, exigência dum ser temporal e espiritual, inserido num mundo inter-humano. Enquanto ser mundano e social, o homem precisa de um mínimo de bens, segundo uma escala de necessidades individual e comunitária. O *eu* precisa dum espaço físico para se afirmar. Este espaço se compõe de um conjunto de objetos e de pessoas, com o qual ele estabelece uma certa intimidade. A vida pessoa se afirma num duplo movimento de exteriorização e interiorização. O domínio do ter é um espaço humano. É a afirmação em direção à exteriorização, cujo movimento pode, ao mesmo tempo, enriquecer ou empobrecer a proprietário.

Mounier ilustra que a realização de uma propriedade humana, necessita de instituições novas, jurídicas, políticas e econômico-sociais à altura da dignidade da pessoa. E o Estado, nesse caso, tendo como função primordial a gestão do bem comum. A vida não pode ser considerada como uma propriedade privada. A pessoa para Mounier, não é uma propriedade privada. Cada pessoa existe enquanto parte de uma comunidade. Pessoa e comunidade estão em reciprocidade, uma não existe sem a outra. A comunidade não é uma entidade abstrata que domina a vida de todos que pertencem a ela, ela é a pessoa.

O domínio do ter é uma das dimensões essenciais da pessoa humana e, conseqüentemente, um apoio ao movimento de personalização. Entendendo que a propriedade não é um mal em si, nem mesmo uma maldição, considerando as ambigüidades que acompanham toda apropriação.

Para o cristão, Deus somente é o verdadeiro proprietário de todas as coisas: “Em cada objeto, em cada ser, reencontramos quem se antecipou a nós, uma presença anterior, a presença transcendente de Deus. Sobre ninguém, temos o poder absoluto do criador sobre um nada que teria de obedecer-nos a nosso arbítrio, mas uma delegação condicionada: Deus propõe, o homem dispõe. O capitalismo, como o paganismo ou o comunismo é heresia que atribui ao homem o domínio eminente de Deus, de Deus, precisamos acentuar, que seria avidez e não amor. O capitalismo na perspectiva mounieriana não propõe uma ética, nem uma política econômica que venha privilegiar o bem-estar da massa, mas de alguns poucos capitalistas. Sendo que o lucro é o princípio e fim do capitalismo. O que para Mounier, como temos visto, a pessoa deve estar em primeiro lugar.

2.4. Personalismo e Fascismo

A posição de Mounier com relação ao fascismo é complexa. Tudo indica que ele viu no fascismo inicialmente uma alternativa ao liberalismo burguês, mas logo se deu conta dos perigos do fascismo e assumiu uma posição radicalmente crítica, tanto no aspecto teórico como no prático.

Na origem, para Mounier, é incontestável a grandeza do despertar fascista aos povos aviltados pela mediocridade, arrastados para a decadência e para a morte coletiva. Ele reativou-lhes um novo sangue e um vigor digno de admiração¹⁵⁷. Era uma ideologia nova; não tinha passado. Por algum tempo foi remédio eficaz contra as desordens dos regimes apodrecidos; repôs nos seus lugares aos valores de engajamento, devotamento, sacrifícios. Suas reações contra os desvios do nacionalismo, do liberalismo e do individualismo eram saudáveis na sua origem. Sobre o nazismo escrevia Mounier:

¹⁵⁷
1938, pp.13-14.

- MOUNIER, *Esprit*, nº 73, outubro de

Ainda mesmo quando comporta um mal absoluto, não é, em todas as suas peças, mal absoluto. A rude purificação dos fascismos ateia fogo a todo um aparelho contra o qual nunca deixamos de combater em nome de outros valores¹⁵⁸.

Enquanto homens de elite se deixaram deslumbrar pelo prestígio dos regimes fascistas nascentes, a Mounier jamais faltou à lucidez. Bem sabia ele que andavam com erros inaceitáveis. Despertar espiritual, dizem os fascistas; mas já em 1934, Mounier responde; pseudo-valores espirituais.

A tirania da democracia majoritária e as desordens democráticas são a matriz do totalitarismo¹⁵⁹. O personalismo recusa esta solução aparentemente benfazeja que consiste em se entregar cegamente ao bom alvitre de um homem. Um povo esgotado, arruinado pela anarquia, incapaz de se refazer por si mesmo, clama por um salvador que fará milagres. Mas este homem que toma rédeas do destino de um país não é um santo, talvez seja honesto, carregado de fraquezas. Mais freqüentemente é um tirano. “A unidade do poder não está na fácil abstração do governo de um só, mas é na pluralidade orgânica de responsabilidades que a encontraremos”¹⁶⁰.

Para Mounier, o despertar nacional e a exaltação da pátria são um valor, mas a pátria para edificar tem que esmagar os homens por meio de métodos de escravidão, não é pátria, é um monstro. Ele rejeita reconhecer esta nação abstrata que se fortifica de sua soberania como um burguês se fortifica com sua vida privada sem saber compreender que o rosto mais belo é aquele que é aberto. Rejeita reconhecê-la neste Estado policial se chama totalitário, no sentido de que ele? O fascismo é a “verdadeira realidade do indivíduo” e que para ele tudo está no Estado, e nada de humano nem espiritual existe e não tem valor, fora do Estado. O fascismo não é outra coisa senão o próprio totalitarismo: uma ditadura espiritual do Estado¹⁶¹.

Segundo Mounier, o fascismo visto no âmbito político, no âmbito social e econômico, uma reação de defesa que separa o liberalismo por um capitalismo de

¹⁵⁸ - IDEM.

¹⁵⁹ - MOUNIER, *Manifeste au service du Personnalisme*, p.196. O estatismo “democrático” passa a totalitário como o rio para o mar”.

¹⁶⁰ - MOUNIER, *Révolution personaliste et communautaire*, 1935, p.133.

¹⁶¹ - IDEM, p. 132.

Estado, mas sem fazer uma revisão profunda das próprias bases do capitalismo: o primado do lucro, fecundidade do dinheiro, poder das oligarquias econômicas. O fascismo, que integra o movimento operário no governo do Estado, sob a ditadura do poder autoritário, e, através dele, do capitalismo, que não conseguiu submeter; tenta, enfim, levantar o país para uma mística vital de salvação pública e de grandeza nacional, uma e outra encarnadas na mística de um homem, chefe do partido, encarnação do Estado, revestido de autoridade totalitária em nome do Estado-Partido, exercendo, através dela, o governo dos homens com apoio de uma polícia espiritual.¹⁶²

O fascismo coloca o indivíduo subordinado à nação, que necessariamente não está a serviço da pessoa, mas ao contrário, a pessoa está à disposição do Estado, pois este é a necessidade central da pessoa, a expressão completa do devir do espírito.¹⁶³ Perante essa constatação, percebe-se de uma possibilidade de um antipersonalismo que anima o sistema. Partindo desse princípio, o Estado é mais interior ao sujeito do que consigo mesmo, ou seja, com o próprio Estado. E com isso, pode-se dizer que a verdadeira liberdade se constitui na adesão total à vontade do Estado que, por sua vez, engloba e estimula vontade individual. Portanto, o fim do indivíduo é a identificação ao Estado, como o fim para o cristão é a sua identificação com Deus.

O fascismo não é a salvação para pessoa. Na linguagem personalista, o fascismo jamais formou uma verdadeira comunidade de pessoas livres e responsáveis, no máximo teremos uma sociedade no nível do conformismo, muitas vezes, aliás, sustentado pelo terror. Todas as vontades particulares se consagram na mística do chefe. Cada homem abandona sua dignidade de homem, demite-se de sua responsabilidade, de toda iniciativa e de toda vontade. Para o fascismo, os direitos dos indivíduos parecem que não põem problemas, por quanto há identificação entre o Estado e o indivíduo. Já o mesmo não acontece com o personalismo: as pessoas puras não existem, por conseguinte as comunidades também não, de tal forma que entre todas as instituições política e a pessoa, há necessariamente tensão, conflito. Para Mounier os fascistas crêem no seu sistema político como infalível como se crê numa providência infalível. Assim diz Mounier: “Nós cremos em qualquer sistema político, como se crê num organismo

¹⁶²

- IDEM, p. 130.

¹⁶³

- MOUNIER, 1961, p. 47.

delicado, sempre ameaçado de esclerose, fazendo continuamente medicina preventiva”¹⁶⁴.

É necessário evidenciar que Mounier não era simpatizante do fascismo ou do nazismo, mas lutou contra estes dois movimentos totalitários: o nazismo que pregava a supremacia de uma incomparável raça ariana sobre todas as raças existentes, deduzindo o poder de dominar todos os povos do planeta; o fascismo que também defendia o homem como um momento de manifestação concreta que se adapta ao Espírito Absoluto. Ele fez severas críticas ao fascismo; é contra uma política conduzida por um líder autoritário, repressivo baseado no terror, montado para eliminar pessoas e movimentos dissidentes. Diz Mounier: “Não cedamos hoje à angústia dos nossos corações aos prestígios do fascismo, senão quisermos que amanhã possua também nossas vidas, nossas liberdades, nossos destinos”¹⁶⁵.

Em vista do que foi dito sobre o fascismo, Mounier propõe uma nova civilização. Esta nova civilização vai contra o conceito de civilização individualista e burguesa que, até então, imperava e continua presente em nossa sociedade, mas vai contra também, o conceito de civilização coletivista. Sendo assim, pessoa e comunidade vêm caracterizar a proposta personalista de Mounier. Para melhor elucidar seu pensamento anti-coletivista, apresentar-se-á o pensamento de Karl Marx.

2.5. Personalismo e Marxismo

Para Mounier, abrir um debate com o marxismo confrontando com o personalismo esta ciente de que estava entrando no âmago de um dos problemas mais brilhante do seu tempo. O marxismo exerce tal poder no mundo moderno que seria muito ingênuo e perigosos subestimar sua importância, ou simplesmente recusar totalmente sem tentar responder à questão que ele nos lança. É bem verdade que o marxismo ocupava um lugar central na consciência contemporânea. Diz Mounier: “nem

¹⁶⁴ - MOUNIER, *Esprit*, nº 35-36, 1935, p.730.

¹⁶⁵ - MOUNIER, 1935, p. 153.

os fracos gritos do ódio, nem os efeitos da eloquência, nem a força bastarão para expulsá-lo da consciência de nossos tempos¹⁶⁶.

Para Mounier, o humanismo marxista aparece como a filosofia última de uma era histórica que viveu sob o signo das ciências físico-matemáticas, do racionalismo particular e bastante estreito que delas nasceu, da forma de indústria, desumana, centralizada, que de tudo isto encarnava as aplicações técnicas¹⁶⁷. O marxismo pretendia preparar um novo homem libertando o indivíduo de duas maneiras: pelo ateísmo, que significa, sobretudo, recusa das evasões espiritualistas; pelo trabalho (razão científica e esforço industrial), graças ao qual o homem transforma a natureza. O sentido desta libertação marxista é para Mounier, “término da evolução humana” a “sociedade sem classes” o “reino da liberdade” em que a plenitude prometida assegurará por um perfeito ajustamento do organismo social econômico¹⁶⁸. Quiçá para o marxismo a luta entre exploradores e explorados findará com a harmonia. Nessa perspectiva, o único instrumento desta transformação é o proletariado, único que tem consciência da sua missão, único capaz de realizá-la. Mas como, se o proletariado não tem suficiente consciência de sua missão no seu conjunto, é o partido que representa seus interesses e quem o dirige.

É preciso ver mais de perto o que é que entendemos por materialismo. A proposição materialista que é o ponto de partida da teoria de Marx constata em primeiro lugar um fato histórico, ao expor o caráter materialístico da ordem social vigente, na qual uma economia descontrolada regula todas as relações humanas. Concomitantemente, essa proposição de Marx é crítica porque indica que a relação dominante entre consciência e a existência social é uma relação falsa, que deve ser superada antes de uma verdadeira relação possa nascer. A verdade da tese materialista deve ser efetuada pela sua negação¹⁶⁹. Marx reiteradamente ilustrava que o ponto de partida materialista lhe era imposto pelo teor materialista da sociedade que ele analisava. Para ele, começa com um “fato”, um “fato econômico”. Reconhecido pela economia política clássica.¹⁷⁰ É importante não ocultar que ele nasceu numa época em que o espírito fora traído porque arrancaram suas amarras concretas. Destarte, Mounier

¹⁶⁶ - MOUNIER, *Esprit*, nº 145, maio-junho de 1948, p. 706.

¹⁶⁷ - MOUNIER, *Manifeste*, p. 50.

¹⁶⁸ - MOUNIER, *Esprit*, nº 37 outubro de 1935.

¹⁶⁹ - MARCUSE, *Razão e Revolução*, 1978, p.252.

¹⁷⁰ - IDEM, p. 252.

procurou pensar que na sua vontade profunda, o primeiro materialismo exprimia apenas “um desejo de viver um realismo plenamente humano”¹⁷¹. Mas há um materialismo mais radical para Mounier: O materialismo como uma filosofia que, insistindo exatamente sobre um humanismo do trabalho e da função produtora, considera como ilusórias outras dimensões não menos essenciais do homem, notadamente a interioridade e a transcendência¹⁷².

Nessa perspectiva, parece-nos que o marxismo está em perfeita harmonia com esta definição. Mas, ressalta Mounier que não devemos confundir o materialismo de Marx com o de seus seguidores. Marx falou de um “realismo dialético” de preferência a materialismo. Tal “materialismo” se aproximaria da perspectiva cristã que condena tão severamente quanto Marx o falso espiritualismo. Mounier sempre chamou atenção nesse aspecto para o que Marx diz do seu humanismo, que difere de idealismo tanto quanto do materialismo e é, ao mesmo tempo, a verdade que une a ambos¹⁷³.

Procurar dar crédito à infalibilidade subjetiva de um só homem ou a infalibilidade do número (este também pode ser tirânico), são duas maneiras de hipostasiar o relativo. Mounier ressalta que estes dois erros se opõem ao regime personalista “que assegura a cada pessoa, realmente, e não por delegação coletiva, seu posto de autonomia e responsabilidade eficaz no organismo coletivo, e que não recusa a nenhuma, mesmo reticente sob o regime, o mínimo de direitos da pessoa”¹⁷⁴.

Na crítica à desordem estabelecida, bem como na direção geral do seu pensamento, encontramos heranças e influências do marxismo no personalismo de Mounier. Com o marxismo Mounier sempre teve uma atitude de diálogo, de assimilação inteligente e simpatia, motivadas não pela moda, nem por pretensões ecléticas, mas por uma compreensão eficaz do valor identificado nessa corrente. Não ousamos fazer aqui uma análise comparativa entre personalismo e marxismo, limitamo-nos a acusar a presença, no pensamento de Mounier, de algumas perspectivas e temas provindos do marxismo. Mounier tinha uma afinidade com o marxismo, ele tinha fé na morte do espírito burguês e trabalhava para expressá-la. Sabia perfeitamente que tal luta duraria

¹⁷¹ - MOUNIER. Apud MOIX, 1968, pp. 243

¹⁷² - MOUNIER, *Qu'est-ce que le personnalisme*, p. 14.

¹⁷³ - IDEM, pp. 86-87.

¹⁷⁴ - MOUNIER, *Révolution Personnaliste et Communautaire*. p. 24.

muito tempo, duraria sempre porque o mal é sempre renascente. Para ele, só liberta o mundo e os homens, aqueles que primeiro liberta si mesmo.

A crítica de Mounier ao capitalismo se inspira nas críticas de Marx ao capitalismo. Contudo, não somente nele, posto que haja convergência, a crítica de Mounier promana, o mais das vezes, de outras fontes: do espiritualismo cristão e de sua intuição do absoluto da pessoa. Para Mounier, o marxismo é mais do que um método; tem a ambição de dar explicação total do homem. Pretende ser um humanismo. Mounier vai contra o marxismo quando este rejeita o espiritual. Para o marxismo o espiritual não passa de um produto das condições sociais e econômicas.¹⁷⁵

No diálogo com marxismo, Mounier entendia que seria preciso eliminar três fórmulas infecundas: 1ª- o *quase marxismo*, 2ª- o *pseudo-ultrapassamento do marxismo* e o 3ª- *diálogo complacente e interminável*. O quase marxismo poderia ser uma espécie de lambuzamento do marxismo pelos valores espirituais. O pseudo-ultrapassamento seria uma forma da tolice. Antes de ultrapassar, será preciso compreender e reconhecer as possibilidades “desta doutrina erigida solitária, frente ao mundo moderno, como acusadora de todas as demissões do mundo”¹⁷⁶. Para Mounier, só há uma maneira de ultrapassar: “Atingir certo o coração e abalar as próprias potências de ultrapassamento”¹⁷⁷. Não para além, mas exatamente no coração do materialismo, do coletivismo e do espiritualismo. Melhor entendendo, o marxismo primeiro tem que ultrapassar a si mesmo, que ele lute contra suas próprias cristalizações, que desembarace das contaminações da época, que descubra novas perspectivas.

Para Mounier, quanto à sociedade econômica, não se pode deixar de razão ao marxismo quando afirma um certo primado do econômico. Geralmente só desprezam o econômico, aqueles que deixaram de ser perseguidos pela nevrose do pão cotidiano. Em vez de argumentos, um passeio pelos subúrbios talvez fosse preferível para convencê-los. Na ainda tão primária fase da história em que vivemos as necessidades, os hábitos, os interesses e preocupações econômicas determinam maciçamente os comportamentos e opiniões dos homens. Daqui não resulta que os valores econômicos

¹⁷⁵ - IDEM, p.241.

¹⁷⁶ - MOUNIER, *Qu'est-ce que le personnalisme*, p. 79.

¹⁷⁷ - IDEM, p. 61.

sejam exclusivos ou sequer superiores a outros: o primado do econômico é uma desordem de que urge libertarmos¹⁷⁸.

Crítico rigoroso do capitalismo, nem por isso caiu nos braços do marxismo. A posição de Mounier em relação ao comunismo marxista não se configurou nem como oposição nem como complacência. Embora seja verdade que, na realidade histórica do comunismo, há elementos essenciais de libertação que cristãos e não cristãos têm o direito de desconhecer ou rejeitar, entretanto, o comunismo centra todo problema humano na história econômico-política, como círculo em torno do seu eixo; ao passo que o realismo cristão configura a história humana em torno de dois pólos, como uma elipse, um pólo material e um pólo sobrenatural, o primeiro subordinado ao segundo, ainda que o segundo esteja ligado ao primeiro. Mounier não acreditava no monopólio do partido comunista sobre as transformações necessárias para reconstrução da ordem e da justiça. E não pensava se quer que só o marxismo possa interpretar a história contemporânea.

É importante salientar que Mounier pretendeu um debate do seu personalismo com o marxismo, entretanto tinha pleno conhecimento de estar inserindo num dos problemas de grande envergadura de nosso tempo. O marxismo estava exercendo uma poder significativo no mundo moderno seria ingênuo e perigoso relegar sua importância, ou recusar totalmente, sem tentar buscar responder à questão que ele nos propõe. Reiteramos o dissemos no início, para Mounier, o marxismo ocupava um lugar central na consciência do povo contemporâneo no seu tempo. Nada foi suficiente para arrancá-lo da mentalidade do povo de nosso tempo.

Segundo Mounier, o marxismo é uma poderosa análise do homem situado, e o personalismo se sente de acordo com ele nesse ponto. Ambos relembram o valor do impessoal e das mediações. O marxismo é antes de tudo um notável método de análise e de ação.

A crítica personalista encontra-se também com a crítica marxista da alienação sob o regime capitalista. O marxismo foi, de fato, um protesto legítimo contra a

¹⁷⁸

- MOUNIER, 1950, pp.179-180.

desordem econômica e social. Infelizmente, nem sempre conservou o acento nitidamente personalista que dera ao ponto de partida da sua crítica.

Não há dúvida que também o personalismo de Mounier tem como projeto político uma nova civilização, ou como ele mesmo propõe uma “Nova Renascença”. Mounier tinha simpatia pelo marxismo quando se voltava contra o capitalismo desumano, mas discorda em muitos fatores, principalmente quando Marx esvazia a pessoa de sua espiritualidade. Na época do *Manifesto ao serviço do personalismo* de 1936, essa crítica tinha certo saber idealista; dirigia-se particularmente contra a mentalidade “cientificista” do marxismo e sua enfeudação ao positivismo. O marxismo não foi uma educação, mas um amestramento: eis que mascara um pessimismo radical da pessoa. O erro do marxismo baseia-se em querer dar uma explicação como válida para todos os tempos. O materialismo dialético, na maioria das vezes, nada mais é que um materialismo dogmático e positivista. Aliás, o marxismo propõe leis sociológicas as quais quer dar valor ilimitado, ao passo que as leis aparentemente fixas tornam-se anacrônicas. Tudo isso passa como se o marxismo fosse anacrônico¹⁷⁹.

Para Mounier, Marx de fato analisou o animal político econômico, como Freud generalizou os resultados através de observações clínicas. Existe algo mais grave do que o excesso econômico no realismo marxista: o excesso materialista e cientificista que deixa a pessoa esvaziada de si mesma. O marxismo não é, em última análise, senão uma posição política e outra econômica. Certos domínios são mal conhecidos de Marx, ou interpretados para as necessidades de sua causa comunista, como o caso da religião, como uma alienação. Enfim, toda reflexão que não coincide com a sua é tachada pelo marxismo de ideologia ou de subjetivismo. É o que torna tão difícil o diálogo com ele:

O ponto de vista do marxismo é legítimo como o do psiquiatra, como o de toda especialização científica: mas abusa dele, desde que pretende exprimir todo homem. Sem dúvida este é o seu desejo, e é por isso que o marxismo é um humanismo, mas não pode passar por cima das limitações do seu ponto de partida¹⁸⁰.

É esta vida interior da pessoa, vibrante, em todas as nossas ações, que é o ritmo sólido da existência humana. Ela só responde à necessidade de autenticidade,

¹⁷⁹

- MOIX, 1968, p. 251.

¹⁸⁰

- MOUNIER, *Esprit*, Tradução: Cândide Moix, nº150. p. 690.

compromisso, plenitude que o materialismo marxista e naturalismo fascista tentar estabelecer o objetivo de conquistas do homem. É insubstituível¹⁸¹. Mounier ilustra que o erro do fascismo e do marxismo é o de acreditar que a nação ou Estado ou humanidade pode e deve assumir, no seu desenvolvimento coletivo que pode e só deve tomar cada pessoa humana no seu desenvolvimento pessoal¹⁸².

É preciso que o debate profundo seja fecundo. A simpatia necessária deve-se acompanhar de forma equilibrada, harmônica, buscando incansavelmente a verdade. Não se trata nem de diversão nem de passa tempo de maníacos. o importante para todos é que alimente a espiritualidade. A não espiritualidade para Mounier, não tinha nenhum sentido, não seria possível nenhuma aproximação com o marxismo. Mounier não vê a possibilidade de um diálogo com o marxista quando este nega a espiritualidade voltando-se para uma perspectiva puramente materialista para o proletariado.

O personalismo reconhece a importância da crítica marxista. Mas procura ir mais longe que o marxismo, Sua tarefa é descerrar o véu sobre a mais vasta realidade que o marxismo desconhece: a realidade do universo pessoal, do universo interpessoal e da transcendência. Para Mounier, poderemos ter nossa própria maneira de ser marxista. Diz Mounier: “Será para nós reencontrar a universalidade da Encarnação e dar-lhe nossa presença”¹⁸³. Entendendo por presença aqui, fazer o homem encarnada na História voltar-se para os valores que transcendem a História.

É importante reconhecer que nenhuma das ideologias que Mounier criticou no seu tempo deu respostas para humanidade. Nessa perspectiva, podemos entender a posição de Mounier diante do universo ditatorial em que viveu, tentou uma solução para desordem estabelecida do seu tempo. Procuraremos no capítulo III mostrar que Mounier tentou uma solução com socialismo democrático livre que se realiza numa comunidade de pessoa.

2.6. Personalismo e existencialismo

¹⁸¹ - MOUNIER, *Manifeste au service du personalisme*, 1936. p. 51.

¹⁸² - IDEM. p.52

¹⁸³ - MOUNIER, *Révolution Personaliste e Commaunitaire*, p. 379.

O existencialismo não é uma corrente filosofia inventada por nossos contemporâneos, apesar de não parecer claro a todas as pessoas. Mounier teve o mérito de lembrar as fontes antigas desta filosofia. Na sua obra, *Introduction aux Existencialismes*¹⁸⁴, ele delineou a árvore existencialista onde suas raízes se estendem até Sócrates, aos estóicos, a Santo Agostinho e São Bernardo. Nesta perspectiva, busca evidenciar o desenvolvimento desta corrente filosófica no mundo de hoje, insistindo com todo direito na contribuição de Pascal, além de Kierkegaard e Nietzsche, Marcel, Blondel, Bergson, Heidegger, etc.

Pretendemos fazer um diálogo do personalismo mounieriano com o existencialismo sartreano no que se refere ao homem. Mounier sabe ver o lado positivo e o lado negativo referente ao existencialismo de Sartre dentro de uma postura meramente filosófica. É importante termos agora a idéia do que pensa Sartre sobre o homem e a crítica de Mounier sobre o existencialismo de Sartre.

Para Sartre, O homem nunca é meta, está sempre por fazer, construindo-se a cada momento da existência. Procura fazer ligação entre transcendência (não no sentido que Deus é transcendente, mas no sentido de superação) e a subjetividade (na medida em que o homem não está fechado em si mesmo, mas sempre presente num universo humano)¹⁸⁵.

O humanismo de Sartre destaca a impossibilidade da existência de um ser absoluto ao dizer que “fora do homem não existe outro legislador a não ser ele próprio”¹⁸⁶. Isto significa o seguinte: o homem encontrando-se numa determinada situação difícil de sua existência, ele sozinho no desamparo decidirá sobre si mesmo, realizando-se plenamente como ser humano. O importante é que o homem se reencontre consigo mesmo e nada poderá libertá-lo de si próprio. Isto é, ainda que a prova da existência de Deus fosse comprovada. Ele declarou mais exatamente: “mesmo que Deus existisse, nada mudaria, eis o nosso ponto de partida”¹⁸⁷.

A questão nuclear colocada por Sartre não é provar a existência de Deus. O que interessa para ele é o fato de o homem reencontrar-se, tomando consciência “de que

¹⁸⁴ - MOUNIER, *Introduction aux existencialismes*, Paris: Donöel, 1946.

¹⁸⁵ - SARTRE, 1987, p. 21.

¹⁸⁶ - IDEM, p. 21.

¹⁸⁷ - IDEM, p. 23.

nada pode salvá-lo dele próprio, nem mesmo uma prova válida da existência de Deus”¹⁸⁸. Isto quer dizer que o ateísmo de Sartre é prático. Elimina qualquer possibilidade a cerca da transcendência divina. O homem sozinho, que utilizando apenas os seus próprios recursos constrói o seu próprio mundo e é por ele totalmente responsável.

Sartre não fala de uma “natureza humana superior ao homem”¹⁸⁹. O que significa esta atitude? Que o próprio homem, numa escolha livre, porém, “situada, quem determina sua própria existência. O homem se projeta no mundo sozinho em busca de sua realização. O homem existencialista carrega sobre seus ombros uma responsabilidade social. Assim, os membros de cada homem consiste em suportar o mundo. É a situação homem, de dever escolher seu destino, sem apoio e orientação de ninguém que vai tecendo a existência.

Segundo Sartre, o homem a sós e sem desculpas no mundo “está condenado a ser livre. Condenado, porque não criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz”¹⁹⁰. O homem como ser condenado à liberdade se encontra sozinho para decifrar os sinais que se apresentam na sua existência. Ele se constrói a si mesmo, a partir da ação e do engajamento em relação com tudo aquilo que tem existência. A vida surge do nada e a existência vai construindo a cada momento, na medida em que se engaja num projeto concreto de sua existência e realizando-se a cada instante.

Finalmente, o homem existencialista fica desamparado, porque não há sinais que orientem, não há moral nem cristã, nem kantiana, nem outra que lhe possa indicar com certeza, na hora da escolha individual, o caminho a seguir. O homem tem de duvidar de si próprio: ele se torna sua lei e sua moral. Ele deve ser capaz de responder no pleno exercício de sua liberdade sem nenhum sentimento de culpa. É o único responsável por tudo que fizer perante os outros homens no conjunto da sociedade.

Segundo Mounier, o último absurdo deste século havia de ser o existencialismo, a entrega à tagarelice quotidiana de uma filosofia cujo único sentido é arrancar-nos à

188

- IDEM, p. 23.

189

- IBIDEM, p. 23

190

- IBIDEM, p.11

tagarelice. Outrora, os estúdios, quando pretendiam cobrir de belas razões o seu desatino, tinham o instinto suficiente para não aflorar mais do que a nata das idéias. Hoje, os estúrdios são tão estúrdios que, na procura de excitantes, se manifestaram com um conjunto de doutrinas que abrem qualquer reflexão com uma condenação à morte da insensatez. Amargura do mundo encerrado nos estreitos limites dum café em que se conversa. Esta é a primeira desgraça do existencialismo. Mas esta desgraça grotesca desperta já o interesse: em geral, a irrisão habita as olímpias moradas¹⁹¹. Uma desgraça nunca vem só. Assim ele resume sobre existencialismo enquanto uma moda:

Se há palavras que por si mesma parecia anunciar possibilidade de erro, essa palavra era existencialismo. Mas, quando abandonou o convívio dos filósofos para se lançar no mundo, foi justamente designar uma moda que fez do nada o tecido da existência. Ninguém imagina, afora alguns círculos mais avisados, que o “existencialismo” representava já a mais rica e abundante corrente da filosofia contemporânea numa época em que o grande talento de Jean-Paul Sartre se interessava por estes assuntos sob aspectos mais imediatos que os da psicanálise existencial. E não se pense que é nosso intuito exercer represálias e excluir Jean-Paul Sartre do existencialismo, apenas porque o aspecto mundano de sua influência se presta a duvidosa manobras de etiquetas. Pensamos, outrossim, que chegou o momento de dar a cada um o que lhe é devido e de, afastado o turbilhão da moda, reconduzir essa mistura de existencialismo e inexistencialismo que constitui o sartrismo [...]¹⁹².

Podemos entender porque Mounier fez severas críticas ao existencialismo sartreano. Para ele, esse existencialismo não passava, por assim dizer, de uma filosofia etiquetada, de uma moda sartrista. Daí, é que vem o sucesso do existencialismo de Sartre. Para Mounier, a rigor, não há filosofia que não seja existencialista. A ciência dispõe as aparências; a indústria ocupa-se do que é útil. O que faria a filosofia se não explorasse a existência e os existentes? Por essa razão é que toda filosofia é

¹⁹¹ - MOUNIER, *Introduction aux existentialismes*, 1946, p.7. Texto no original: *Introduction. La dernière du siècle devait être la mode de l'existentialismes: la livraison au bavardage quotidien d'une philosophie dont tout le sens est de nous arracher au bavardage. Naguère, les étourdis avaient assez d'instinct pour ne boire que de la moue de pensée, quand ils tenaient à griser leur étourderie de belles raisons. Les étourdis sont aujourd'hui si étourdis qu'en veine d'excitants, ils ont piqué juste sur l'essai de doctrines qui introduit toute réflexion par une condamnation à mort de l'étourderie. Ils ne le savent même pas. La détresse du monde enfermée entre les limites d'un café où l'on cause, et voilà leurs chers cœurs apaisés[...]*. Podemos entender nesta citação que Mounier está fazendo duras críticas aos existencialistas que adotaram a moda do existencialismo, uma verdadeira zombaria na casa dos deuses.

¹⁹² -MOUNIER 1963, pp.9-10.

existencialista. “O problema primeiro da filosofia para Mounier, não é tanto o da existência das coisas, mas o da existência do homem”¹⁹³.

Segundo Mounier, a filosofia existencialista conheceu duas desgraças: esta filosofia séria entregou-se a tagarelice; por outro lado, confundiu-se bastante com a filosofia do desespero¹⁹⁴. O personalismo de Mounier é diferente do existencialismo ateu. De maneira geral, concordam num ponto: a luta contra o sistema. O personalismo e o existencialismo concordam com a primazia do existente. O existencialismo é uma reação da filosofia do homem contra os excessos da filosofia das idéias e da filosofia das coisas. A existência do homem, eis o primeiro problema da filosofia. Nesta perspectiva, Mounier credencia o personalismo como um dos ramos da ciência humanista. Nem o personalismo, nem o existencialismo tratam o homem como um ser impessoal, pensa que para conhecer o homem é preciso primeiramente existir.

Segundo Mounier, o existencialismo é uma reação contra a filosofia da felicidade. “Deus está morto!”, gritam os existencialistas ateus depois de Nietzsche. Não será esse um grito desesperado por um Deus? Para Mounier, a crise contemporânea é burguesa: assistimos ao deslocamento da noção clássica do homem. É certo que também em parte deve-se ao desnorreamento originado das duas guerras mundiais: a crise dos campos de concentração com as suas técnicas mais refinadas de maldades e mortes. Em suma, o homem contemporâneo perdeu seus sentimentos, nada mais está adaptado ao mundo de sua existência. O sistema mecanicista arquiteta a armação do mundo, e da desagregação do átomo floriu o terror para humanidade. Os ídolos que substituem o Deus perdido: razão, Estado, raça esboroam-se um depois do outro. É justamente nestes períodos de crises acentuados que o homem interroga a si mesmo e o sentido da existência humana.

A filosofia não pode ficar estranha ao homem. É preciso que o pensamento se faça carne. Na filosofia da tradição, a pessoa que conhece se coloca diante do mundo que é para ele objeto de espetáculo. O existente está no mundo. O *ser-para* no entender de Gabriel Marcel: é um “concerto inesgotável.”¹⁹⁵ Conhecemo-lo mais ou menos, não

¹⁹³ - MOUNIER, 1963, p.11.

¹⁹⁴ - MOUNIER Apud MOIX, 1968, p. 198.

¹⁹⁵ - MOUNIER, 1950. O Ser-para, no entender de Gabriel Marcel não pode ser entendido como objeto. O Ser-para que não se esgota como objeto. Ele está sempre em processo e nunca acabado, ou seja, como um objeto esgotado, manipulado e conhecido inteiramente.

podemos jamais possuí-lo como objeto. O ser é o inquebrantável. O inapreensível, não pode ser posto em sistema. Na realidade profunda, o ser apenas pode ser aclarado, e nunca compreendido porque ele é mistério.¹⁹⁶

Para Mounier, o sujeito que conhece, participa intimamente do objeto de conhecimento. “Eis o verdadeiro conhecimento, o do pensador subjetivo. Existir é a sua preocupação primeira, a existência à sua volta o seu supremo interesse.”¹⁹⁷ O pensador existencial tem uma consciência aguda do caráter complexo do ser humano. Desconfia de toda exagerada segurança. As harmonias racionais o deixam insatisfeito. As filosofias existencialistas, o existencialismo cristão, o personalismo cristão e o existencialismo ateu, começam por uma conversão, uma metanóia a ser retomada sempre. Primado do existente e exigência de autenticidade são preocupações comuns a estas duas filosofias. É o lugar central dado a existência como surgimento espiritual permanente, constantemente ameaçado de recair numa alienação em que a pessoa se esvazia, se atordoa, se engana ou se cristaliza, constantemente desta sobrevivência inautêntica por um apelo à existência autêntica liberada e responsável.

Assim, para estas duas filosofias existenciais, o homem não é alguma coisa abstrata, é um existente, uma pessoa viva e jamais um esquema. De forma que podemos encontrar no existencialismo os próprios temas do personalismo. É importante examinar alguns deles. Para o cristão, o mundo e o homem são criados por um ato de amor, mas não é possível concluir daí que a existência seja perfeita harmonia. O homem encontra-se dilacerado entre o absoluto e sua realidade miserável; pela provação imediata de sua situação concreta.

O existencialismo ateu caracteriza-se pela irracionalidade pura, pelo absurdo total. Aí está o ser, sem razão, estupidamente, para nada. Está sobrando. O homem é frágil, dividido entre o fracasso e a vitória, a paz e a angústia, dilacerado pelas antinomias. A angústia não é somente a expressão da desorientação, mais é o sinal do sentimento autêntico da condição humana. A opção engrandece o homem, ajuda-o a tornar-se ele mesmo. Porque opção também é risco, desafio, drama. O cristão e o ateu nenhum têm o monopólio do drama. Segundo Mounier, Lévinas salientou que a angústia que revelam não é somente uma angústia diante das limitações do ser, ou do

¹⁹⁶

- MARCEL Apud MOIX, 1968, p. 199.

¹⁹⁷

- MOUNIER, 1963, p.29.

nada, que ele se mescla nas inquietudes através dele. É uma angústia da própria existência. Para toda experiência um pouco profunda, a existência é, salvo os raros momentos da graça, carregada de uma espécie de peso interior, de dor de ser, de uma necessidade dolorosa, cujo sentido se esconde sob a espessura de ser.¹⁹⁸

A alienação ocupa um grande espaço no existencialismo ateu. Sartre tem verdadeira obsessão pela *idéia viscosa* no qual o ser *Em-si* ameaça sempre enviscar o Para-si.¹⁹⁹ A verdadeira *idéia* do viscoso se encontra ao final do capítulo de *O Ser e o Nada*, este sentimento de ameaça perpétua não tem origem no egocentrismo quanto na análise ontológica. A própria obsessão pela alienação é a reação típica do paranóico. O existencialismo, cristão ou ateu, reserva largo espaço à solidão do existente. Se não são possíveis as relações objetivas da vida exteriorizada, mesmo não acontece quando se trata da existência absoluta, a existência da fé. “*Tu es vere Deus absconditus*” (És o Deus que se oculta).

Tanto para Heidegger como para Sartre, a solidão do existente é absoluta. Não é condição passageira, mas uma estrutura inelutável da existência. Mounier pensa diferente esta *idéia* de prostração total. Por mais obscuro que seja o caminho do existente para a transcendência, há uma voz que responde àquele que chama: “Não será a solidão absoluta um pseudo-conceito, um conceito insustentável, a se alimentar clandestinamente do outro que ele nega como o conceito do nada absoluto?”²⁰⁰

Para Sartre, o ser é uma falta de ser. Mas, se a realidade humana é uma falta, é, ao mesmo tempo, um esforço para uma plenitude jamais atingida. Mounier busca sintetizar o pensamento sartreano assim: “Bem queríamos o ser *Em-si*, plenitude acabada, mas não quereríamos o ser à maneira de um ser *Para-si* no surgimento e no progresso. Quereríamos ser deuses”²⁰¹. De fato, escreve Sartre: “O homem é o ser que projeta ser Deus”²⁰². O homem é fundamentalmente desejo de ser Deus. Tudo se passa

¹⁹⁸ - MOUNIER, 1972, p.121.

¹⁹⁹ - A *idéia* de viscoso é uma metáfora. As moléculas aderem reciprocamente. Podemos encontrar ao final do capítulo de *O Ser e o Nada*, 1997, p.753. O Para-si e o Em-si estão reunidos em uma conexão sintética que nada mais é do que o próprio Para-si.

²⁰⁰ - MOUNIER Apud MOIX, 1968, p.204.

²⁰¹ - MOUNIER, Introdução aos existencialismos, 1963, pp. 84-85. Tradução: João Bernard da Costa. Original: *Introduction aux existencialismes*, 1946, p.57.

²⁰² - SARTRE. *Ser e Nada*. 1997.

como se o mundo, o homem e o homem no mundo, mal chegassem a realizar um Deus frustrado”²⁰³.

Para o cristianismo o nada também tem um sentido. Não deixa de ser o primeiro tempo de uma afirmação mais segura. E este abismo inquieto não deixa de ser uma revelação do absoluto do ser. Tal faz parte integrante da existência. O próprio desespero tem várias dimensões. Pode ser o prelúdio da esperança. Nessa perspectiva, para Heidegger, o supremo desespero é não ser desesperado. Mas, só é válido quando ultrapassado. Frente ao absurdo professado por certo existencialista, Mounier tem uma posição muito categórica: “É absurdo que tudo seja absurdo”.

Para Mounier, a fé é um desafio e nunca segurança. O desespero não tem sentido, não é desespero por esta fé. Em contrapartida, de nossa miséria mal teríamos uma satisfação seca e sem dor, dor que não lançaria tantos gritos. É por isso que Gabriel Marcel pode, sem minimizar o trágico da existência, desenvolver perante o desespero absoluto uma ontologia da esperança. Para Mounier, existe uma diferença entre o desespero: o desespero fechado e o desespero aberto. O primeiro é rejeição, voltado para o egoísmo sobre si mesmo, crispação, indisponibilidade. Enquanto que o segundo, abandono da indisponibilidade. A esperança é um elemento essencial do estatuto ontológico do homem: aceitá-la ou rejeitá-la, é o mesmo que aceitar ou rejeitar ser homem.

Segundo Mounier, Sartre buscou sempre uma linguagem de aspecto religioso, analisou a contingência do ser: a existência não é jamais necessária, existir é ser aqui, simplesmente a existência não se dá, mas se deixa achar, ela não dá nada, sem mais, sem necessidade, sem adiantamento algum, nada tem o direito de existir; nada, quase se dirá, tem gosto o gosto de existir, ou a alegria de existir: tudo é demais. Por mais perdida que queira ser essa linguagem para Mounier, Sartre não se abstém, entretanto, de dizer ao menos uma vez, que devemos nos lavar do pecado de existir²⁰⁴.

Segundo Mounier, uma das grandes conquistas da filosofia existencial foi o problema do outro, que a filosofia clássica tão estranhamente abandonara. Assim, se enumerar seus problemas primaciais encontra-se o conhecimento, o mundo exterior, o

²⁰³

- MOUNIER, Tradução: Bernard da Costa.1963, pp.84-85.

²⁰⁴

- MOUNIER, 1972, p. 123.

eu, a alma e o corpo, a matéria, o espírito, Deus, vida futura, mas nunca entre eles figura a relação com outrem; pelo menos no mesmo plano dos restantes. Foi o existencialismo que a promoveu subitamente ao seu lugar central²⁰⁵.

Para Sartre, o pecado original é a existência do outro. O pecado original e a eterna danação, porque a morte definitivamente me constituirá num *para-outro*, sob o olhar de todos os homens que sobrevivem e não de vir. “O inferno são os outros”²⁰⁶. Através dos outros, caio literalmente no mundo, todo o meu ser sai de mim exposto e sem defesa. Desde que o outro se apodera mim, deixa de haver esperança para mim. Deixo de ser liberdade que se faz e se projeta. Corro o risco da escravidão, entregue a apreciações no que sou no momento do ataque. A presença dos outros atinge-me em cheio, doravante há quem detenha o segredo do que sou. Compreende-se o mal-estar que de mim se apodera, desde seu olhar sobre mim²⁰⁷.

Segundo Mounier, para Sartre o amor só pode nascer de o desejo de outro-sujeito. Mas, este desejo é um desejo de desforra, a vontade de triunfo do escravo de ontem sobre o senhor de ontem, de forma alguma um desejo de reconciliação. É preciso assegurar esse triunfo que liberdade do outro não seja apenas reencontrada, mas que se torne minha prisioneira. Quero infectar com o meu mal, com minha tendência para subjetividade, com minha facticidade. Eis para Sartre a alegria do amor.²⁰⁸ o outro que com ela me infesta. Posição extremamente divergente do pensamento de Mounier, uma forma de amar egoísta assim pode-se dizer. Para Mounier, reiteramos, o amor é luta; a vida é luta contra a morte; a vida espiritual é luta contra a inércia material e o sono vital. Resumindo Mounier diz: “Amo, logo existo” (*Amo ergo sum*)²⁰⁹. De forma que, para Mounier, somos obrigados a admitir: “O mundo dos outros não é um jardim de delícias. É antes uma provocação permanente para a luta, para adaptação, para superação.”²¹⁰ Quanto ao outro visto por Sartre, nos damos conta que o outro, é uma espécie de juiz que me faz ver a mim mesmo como o outro, me comunica o olhar, o julgar e o

²⁰⁵ - MOUNIER, 1947, p.92. *Le problème de l'autre est une des grandes conquêtes de la philosophie existentielle. La philosophie classique le laissait dans une étrange délaissement. Dénombrez ses problèmes de première ligne: la connaissance, le monde extérieur, le moi, l'âme et corps, la matière, l'esprit, Dieu, La vie future, le rapport avec autrui n'y figure jamais au même rang que les autres. L'existentialisme l'a promu d'un seul coup à sa place central.*

²⁰⁶ - SARTRE Apud MOUNIER, 1963, p.145.

²⁰⁷ - IDEM.

²⁰⁸ - IDEM. P.147.

²⁰⁹ - MOUNIER, 2004, p. 49.

²¹⁰ - MOUNIER, 1950, p.36.

denunciar. O outro é o mediador indispensável entre mim e mim mesmo, sinto de mim tal como apareço ao outro. Eis o que disse Sartre: “Reconheço que sou como o outro me vê”²¹¹. O amor de Sartre é egoísta, individualista, volta-se a si mesmo. Em contrapartida, Buber disse que o amor é:

Responsabilidade, pois, necessariamente, aquele que ama sabe dizer *Tu*, porque aquele que responde, a partir de uma contemplação, doa-se ao o outro e este o aceita, de modo que um torna-se presente ao o outro e, com isso, gera-se a reciprocidade. A reciprocidade existente entre *Eu-Tu*, gera a unidade, a vida em diálogo, ou seja, não é o eu e nem o tu, mas sim *Eu-Tu*, que por sua vez gera o amor²¹².

Na obra *O Ser e o Nada* (1943) de Sartre, o outro é aquele que me vê, que me objetiva com o seu olhar, que me rouba o mundo da paz, me arrebatando a liberdade. Posso retrucar fixando, por meu turno, o outro como objeto. Mas, a verdadeira defesa é o ataque. Tenho dois meios à minha disposição. O primeiro em atingir o outro na sua liberdade, em mantê-lo como objeto, afim de que ele não possa me objetificar. Para Sartre o amor consiste na posse de uma liberdade como liberdade. Nasce do desejo do *outro-sujeito*. Tal desejo, no entanto, é a vontade de triunfar do outro, e não o prelúdio da reconciliação. Nesta perspectiva, Mounier procura esclarecer que este pensamento implica contradição: “Desejo que o outro venha se prender na minha liberdade, e que ele o faça livremente, pois eu quero possuí-lo como liberdade. Desta feita, que seja objeto, ao mesmo tempo que o quero sujeito. E, para apreendê-lo sujeito, é preciso que eu continue objeto para ele, um objeto especial. Mas, assim, *eu-sujeito* não o apreendo mais como projetara²¹³. Posso objetivá-lo por indiferença. Busco reagir como se o outro não me olhasse. Quiçá ele me coisifique, mas disto já não tomo conhecimento, pois é uma atitude defensiva. Resta ainda a comunhão dos corpos. Esta é também uma forma de objetivação. Para que eu me aproprie do corpo do outro é preciso que eu despoje de sua liberdade. De forma que nessa perspectiva, já não posso possuir de sua liberdade. Isso significa dizer, que o outro em última insistência é inacessível. Assim se explica a raiva do sádico que humilha a quem não pode possuir.

²¹¹ - SARTRE, 1997, p.55.

²¹² - BUBER, 1977, p. 17.

²¹³ - MOIX, 1968, p.206.

Mounier retomou a análise de Sartre e mostrou detectando as falhas. Para o personalismo não se atinge o outro colocando-o como objeto. Pelo contrário, a presença do outro, quer dizer, a aceitação do outro como o outro diferente de mim mesmo, é o fato primitivo da comunicação. Mounier acha que Sartre foi longe demais. O olhar pode congelar, objetivar, fixar o movimento dos seres e das coisas, mas, não se reduz a isso. Sobre a existência do outro em Sartre descobriu-se que a sua descrição é incompleta, ou melhor, ela apresenta apenas um tipo de relacionamento caracterizado como sendo inautêntica. O olhar do outro longe de imobilizar o eu é uma presença provocadora, pois desperta o indivíduo a tornar-se pessoa. Neste encontro para que se tenha reciprocidade e maturidade interpessoal não se pode tratar o outro como simples objeto, mas, sim, como outro, aquele que é diferente do eu e, por ser diferente traz a sua novidade. Esta novidade que contribui para a autenticidade e o conhecimento mútuo, porém isso não significa tomar posse do outro para si, mas aceitá-lo como uma presença criadora, tendo em vista que existe em cada pessoa um mistério a ser contemplado. O olhar é a janela mais direta, aberta para o ser pessoal. O caminho central da invocação de pessoa para pessoa. Mensageiro do interior soberano, ele chama e oferece²¹⁴. Segundo Mounier, o verdadeiro mal da comunicação tem na sua rejeição antecipada de se abrir ao outro: o egocentrismo, a indisponibilidade. Encerrando-me em mim mesmo, tornando-me “proprietário”, reduzo-me a objeto, torno-me indisponível ao outro. Essa é uma posição cristã do problema da comunicação:

O movimento mais fundamental da espiritualidade cristã é precisamente desapropriar o existente de suas atitudes de posse: em linguagem cristã, a disponibilidade é a caridade ou já uma predisposição para caridade. A disposição é também uma espécie de graça, prelúdio para a graça. Vamos encontrar aí toda uma dimensão da experiência humana, à qual a obra de Sartre parece tão radicalmente quanto possível²¹⁵.

Para Mounier, “o melhor espelho para o olhar do homem é o olhar do outro homem [...]. Entra um ser novo no espaço é posto em questão por esta simples presença”²¹⁶. Sobre a existência do outro em Sartre, descobriu-se que a sua descrição é incompleta, ou melhor, ela apresenta apenas um tipo de relacionamento caracterizado como sendo inautêntica. O olhar do outro longe de imobilizar o *eu* é uma presença provocadora, pois desperta o indivíduo a tornar-se pessoa. Neste encontro para que se

²¹⁴ - IBIDEM, ID.

²¹⁵ - MOUNIER Apud MOIX, 1968, p. 207.

²¹⁶ - MOUNIER, 1947, p. 517.

tenha reciprocidade e maturidade interpessoal não se pode tratar o outro como simples objeto, mas, sim, como outro, aquele que é diferente do *eu* e, por ser diferente traz a sua novidade, esta que contribui para a autenticidade e o conhecimento mútuo, porém, isso não significa tomar posse do outro para si, mas aceitá-lo como uma presença criadora, tendo em vista que existe em cada pessoa um mistério a ser contemplado.

A comunicação só começa com a experiência do outro, que é o respeito do outro. Ter o sentido do outro e admitir o outro como definitivamente diferente de mim mesmo, que pela tentação e o respeito que lhe consagra, torna-se meu semelhante, *outro-eu-mesmo*. Constatamos que Mounier nessa perspectiva, não insinua qualquer necessidade de um eu egoístico. Isso se deve porque o meu semelhante torna-se o *outro-eu-mesmo*, admitindo, pois esse *outro-eu-mesmo*, como *eu-outro* distintamente como pessoa. Elucidando, cada *eu-outro* é cada *eu-outro* na sua singularidade.

No cuidado da conversão da pessoa, personalismo e existencialismo têm interesses comuns, Gabriel Marcel e Nicolai Berdiaeff chamaram a atenção para a solidariedade profunda destas duas filosofias neste ponto. Mounier o reconhece igualmente: “O existente humano se apresenta sobre uma estrutura que o constitui em ser pessoal perante a inércia e a impersonalidade da coisa”²¹⁷.

O interessante é que o existencialismo, de maneira geral, nem sempre evitou o fechamento da pessoa sobre si mesma. Apresenta, diz Mounier, a imagem de um “personalismo um pouco crispado”²¹⁸. Podemos insinuar como um personalismo de fechamento da pessoa sobre si mesma. O que não é possível para Mounier. A reação contra o impersonalismo das filosofias idealistas ou materialistas encerrou várias vezes o indivíduo na solidão. Possivelmente como observa Kierkegaard, a solidão é necessária ao recolhimento, ao aprofundamento de si, à transfiguração de toda existência.

Em que consiste a conversão pessoal? Consiste em sair do estágio da indiferença para se recolher, se reaparelhar, aprender a decisão, a opção. O personalismo comunga com o existencialismo neste ponto. Mas, o personalismo insiste na ambivalência da interioridade. Não há interioridade sem exterioridade que lhe sirva de âncora neste aspecto. Interioridade não é um ostracismo egocêntrico: ignorância do impessoal e das

²¹⁷ - MOIX, 1968, p.209.

²¹⁸ - IBIDEM, ID, p. 209.

mediações sociais. O que chamamos de recolhimento é ambíguo e pode desenvolver uma espécie de abafamento de mim mesmo. Encerrar o existente numa solidão altaneira e com ares de desprezo pelas coisas do mundo é um dos maiores perigos do existencialismo. Para o personalismo, o recolhimento tem um sentido muito diferente: mesmo que comece com um fracasso, não busca a fuga, mas uma concentração de forças para um melhor engajamento na vida. Nem busca o silêncio pelo silêncio, nem a solidão pela solidão, mas o silêncio porque nele preparamos a vida, e a solidão porque nela reencontramos a pessoa. A conversão pessoal não é para Heidegger, uma transfiguração, mas uma transparência do existente. Não leva a nada. A mesma insuficiência nós encontramos em Sartre. Para este, o primeiro passo do existencialismo é fazer com que o existente se conscientize de sua liberdade e, também de sua responsabilidade para consigo mesmo e que se estenda a todos os homens. Essa tal liberdade, diz Mounier, “é o oposto da disponibilidade de Gabriel Marcel. Porque não se abre para nada, não se oferece a nada, é uma liberdade para o nada”²¹⁹.

Segundo Sartre, só há uma realidade na ação²²⁰. O existente é aquilo que faz, e nada mais. O homem não recebe suas finalidades de fora, nem do interior. Ele mesmo as constrói. Sua liberdade é total. Para Mounier, o contrário, a liberdade não é o ser da pessoa, mas a maneira como a pessoa é tudo o que ela é e o é mais plenamente do que por necessidade²²¹. A existência do homem está lançada no nada. A partir do nada, há liberdade absoluta. Não há, pois, uma natureza humana, porque não há Deus que a proteja.

Nesta perspectiva levantamos uma questão candente? Se entender que tudo é absurdo, podemos falar da liberdade? Para que serve a tal liberdade? E, por sua vez, como falar de uma liberdade absoluta? Quando fazemos o somatório das pressões que recai sobre nós e de todas as limitações vinculados aos nossos atos, nos parece mais que estamos sendo feitos do que nos fazendo. Por outro lado, Sartre afirma que nossa liberdade depende da dos outros. A liberdade, para ele, é puro fluxo permanente para o nada. Kierkegaard elaborou uma filosofia da decisão, no entanto recuou diante do engajamento total. Jaspers pensa que o fracasso é o termo necessário de todo projeto

²¹⁹ - MOUNIER Apud MOIX, 1968, p. 210.

²²⁰ - MOUNIER, *Introduction aux existentialismes*, 1947, p.122.

²²¹ - MOUNIER, 1949, p.82.

humano e, para Sartre, a vida é um empreendimento falho. Como poderia ser de outra forma, se tudo é absurdo?

Apesar das críticas de Mounier ao existencialismo de Sartre, devermos entender que o existencialismo sartreano não se esgota na negação de Deus. Antes, quer que o homem volte a encontrar-se a si mesmo e convença de que nada e ninguém poderão salvá-lo, nem uma prova da existência de Deus. Sua posição tem a mesma raiz em Nietzsche, pois, também para ele, o homem se perde a si mesmo quando se entrega a Deus e só se reencontra, quando se afastar de Deus para apoiar-se unicamente em si mesmo. Por isso, Sartre vê o verdadeiro problema não na existência de Deus, mas na liberdade humana. O existencialista tem que se engajar num projeto concreto de dimensão existencial, já que se dá por inteiro em tudo que faz, tendo em vista a realização da humanidade. Para o existencialista o que importa é o engajamento total²²² de sua existência em qualquer projeto que diz respeito ao homem individualmente, não que seja egocêntrico, mas que engaje a humanidade inteira.

Para Marcel, o engajamento só é possível no plano da intersubjetividade ou da fraternidade. Sendo o homem mais livre e mais fraterno, tal homem está ligado ao próximo de maneira que esse vínculo não o escraviza, mas o libera de si mesmo²²³. Mounier observa que falamos tanto de engajamento em nossos dias porque não estamos suficientemente engajados. Uma civilização começa a pregar a existência e a ação quando não se sente seguramente existindo e quando vacilam suas potencialidades de ação. Para ele, nesta perspectiva, o existencialismo parece sofrer do próprio mal que quer combater. Entretanto, é forçoso reconhecer que se sua atitude prática é mais freqüentemente a abstenção do que o engajamento, nenhum pensador existencialista arroga para si a não-ação como princípio de conduta. De forma que uma filosofia da esperança forma, incontestavelmente, mais homens de ação do que qualquer filosofia do desespero. O evangelho do cavaleiro do nada - o herói heideggeriano peregrinando para morte. Uma ética que recusa ao homem esta cota de alegria existencial, que é seu pão e sua carne, só pode ser uma ética aristocrática.

O compromisso (*engagement*) tem representado uma idéia chave para o personalismo e o existencialismo. Estes movimentos denunciam sobretudo o divórcio

²²² - SARTRE, In: Os pensadores, p. 12.

²²³ - ZILLES, 1995. p. 97.

constatado entre o discurso e a prática, entre a filosofia das idéias e das coisas e uma filosofia da vida e da pessoa.

Para o existencialismo cristão, a ação tem um sentido, para o existencialismo ateu tem outro sentido. Para este, a liberdade é um puro estar diante do nada. A intensidade da ação conta mais que seu conteúdo. Lança-se um gritante delírio de ação, a um jogo sem nenhuma finalidade, confusamente inumana, sobre-humana, desumana, sub-humana. Para Mounier, “ninguém saberá a que extremo de loucura pode levar tal delírio sem projeto e a que servidões se lançam àquele que não tem antecipadamente nada a que servir”²²⁴. A ação pela ação é o caminho aberto para o inumano. Principalmente quando se quer negar a existência da natureza humana. É necessário dizer alguma coisa sobre esta questão nuclear.

Na sua reação contra um idealismo estéril, o existencialismo chegou a negar toda essência da natureza humana. Para o personalismo de Mounier, isto equívale a matar o doente, ao invés de eliminar a doença. O existencialismo que elimina todo movimento para a universalidade, toda estrutura essencial, abandona a existência a embriagues. É a própria negação da vida humana. A negação da imagem do homem cedo se transforma na negação do próprio homem.

É um paradoxo, pois já foi dito que na filosofia existencialista atéia o nada ocupa um lugar de destaque. Mounier verifica que o nada sartriano assinala um grande progresso sobre o nada dos que antecederem. Até então se tinha a mania de representar o nada como um objeto. O que para Sartre o nada não é, ele é pura ausência do ser. Mounier não concorda. O que é o ser? É o que sobrevive em si mesmo. Em mim é o que sobrevive. No outro é aquilo de que não posso dispor, completamente. Para mim e para o outro é a plenitude criadora. Sartre separa o ser em dois blocos comunicáveis: o *Em-si* e o *Para-si*. O primeiro não é uma degradação do ser, mas o tecido de toda existência. É imutável. A dimensão interna do ser é recusada profundamente. Não tem segredo, é apenas manifestação. É maciço, estúpido. Mounier nota que o ser sartriano é puramente ininteligível, injustificável. Sem razão, sem causa, sem necessidade de ser o ser. Ele nota ainda, que não se pode ser mais diametralmente contrário à concepção cristã do *Ser Primeiro uma Pessoa*, criadora de pessoas. Estamos ainda nos antípodas do Ser Verbo,

²²⁴

- MOUNIER, *Esprit*, nº 150, novembro, 1948, p.697.

em si mesmo, luz da luz como fonte de iluminação para o universo inteiro. Sartre paralisou o ser, o objetivou. Ele teve por assim dizer, um olhar de Medusa que petrificou o ser. O que para Mounier, o ser da pessoa é inobjetivável. O ser é plenitude e espontaneidade. Do existencialismo escrevia ele:

Na verdade, é por um singular paradoxo que esta doutrina lançou a palavra existencialismo. A falar dela, conviria antes que se falasse de inexistencialismo. Enquanto para Sartre, a experiência do nada se fecha sobre si mesma, a ontologia cristã mostra que pode desembocar no Absoluto²²⁵.

Para Sartre, o ser-para-si, a consciência, é radicalmente diferente, definindo “como sendo aquilo que ele é”²²⁶. A consciência é um poder de “não ser o que se é”, e de ser o que se não é, “é o que não é”, pois a consciência toma consciência de si mesma, quando aponta para o objeto que não é ela mesma; “não é o que é”; no sentido de que, no conhecimento, ela conhece anulando o objeto percebido. É pura intencionalidade para o real, um “absoluto”, a nada se acha vinculada: nem Deus (que não existe), nem a si mesma por ser vazia, nem às coisas que conhece, pois as conhece delas de destacando, anulando-as. Esvai-se na impossível tentativa de coincidir consigo e com os objetos²²⁷.

Segundo Mounier, o nada de Sartre é um incontestável progresso sobre os seus predecessores. Até hoje, quando afirmava a soberania do nada, fazia-se do nada uma espécie de objeto, de universo negativo, como por exemplo, quando se diz absurdamente que o nada é a substância das coisas. Não houve dificuldade em demonstrar que essa substância negativa era ainda uma substância, cuja nadicidade só de má fé podia ser afirmada, por uma ilusão de palavras, que permitem afirmar e negar simultaneamente o ser do que designam [...]. O nada não existe, constrói-se numa defecção, a sua ausência, conduz-nos interminavelmente para o furor de uma destotalização que nunca foi totalizada: dizer que o nada se nadifica, seria necessário empregar esses vergonhosos neutros, que a psicanálise utiliza com vantagem para designar um mundo ao qual foi excluído toda base pessoal. Isso nadifica por todos os

²²⁵ - MOUNIER Apud MOIX, 1968, p. 215.

²²⁶ - SARTRE. Os Pensadores: *O Existencialismo é um humanismo*, 1978, p. 11.

²²⁷ - MOUNIER Apud MARTINS, 1997, p. 85.

lados. Isso nadifica muito mais do que exprime o próprio vocabulário de Sartre, porque este não pode, de modo algum, ter direito de falar do ser²²⁸.

Quanto à noção de transcendência de acordo com a concepção que se tiver de ser, pode conter significações diferentes. Para Mounier, transcender é ultrapassar num movimento. É o que experimenta os pensadores existencialistas quando fala do *salto* do ser humano, ou seja, do *ser-para-diante*. O ser humano pode se ultrapassar, não é unicamente o que um decreto eterno sobre ele decidiu. É também o que ele se faz. Este é o salto que revela *mais-ser* no próprio ser. A transcendência não é um estar fora do nosso alcance, mas um movimento interior que nos eleva, e é por isso que o cristão pode dizer de Deus, o Transcendente por excelência: *intimius intimo meo*. Para Sartre e Heidegger, o homem se projeta constantemente diante de si mesmo, mas como não há de ser superior para o qual poderia tender, é apenas para ele próprio que se projeta. Podemos concluir falando que a transcendência propriamente dita é, no coração da existência, a experiência de um movimento infinito ou indefinido para um *mais-ser* inerente ao ser que aceita-se a si mesmo ou se recusa. Essa transcendência do existencialismo cristão e do personalismo cristão para os quais designa o apelo de Deus à participação na vida divina.

Para Mounier, aceitar o ser é aceitar que haja, perante mim, outro que não eu próprio, e, no ser, outro diferente do ser atual. Considerando-nos nele uma força positiva do movimento: plenitude não atual, movida pela sua super-abundância íntima. A preocupação de objetividade é o sentimento que tem o ser da necessidade de estar fora de si mesmo, de lançar-se para diante. O ser da subjetividade volta-se para o conhecimento do existente humano e tudo o que diferencia do objeto. A tensão entre esse dois aspectos é via necessária para vida de pessoa. O existencialismo tende a depreciar o mundo objetivo e a natureza em geral, em reação contra o materialismo. Este último ignora o caráter humano do mundo. O mundo não é como ele pretende, um puro objeto. É objeto para o homem. O existencialismo exalta a exclusividade o *para-o-homem*, chegando a esquecer o *ser* do mundo. O personalismo reconhece o valor do impessoal. Para ele, o peso do homem sobre a natureza, a rotina das coisas, o trabalho, as mediações sociais, são componentes essenciais da experiência humana total. Escrevia Mounier: “Por mais que nossas perspectivas, muitas vezes se mesclam às do

existencialismo, cristão ou não, comporta certos declives em que recusamos segui-lo”²²⁹.

O que separa o existencialismo do personalismo é distinção entre o trágico e o desespero; o fracasso total da comunicação e a impossibilidade de fundar a comunidade; a interioridade mal compreendida que registra um retorno ao individualismo; negação da natureza humana; a negação da História; a idéia de uma liberdade sem limites e, por vezes, sem finalidade; dissolução da verdade na subjetividade; desconfiança excessiva da razão; o niilismo filosófico; e sobretudo, a recusa da objetividade, que termina na recusa das mediações, da ciência, da técnica, da organização e marca uma volta ao idealismo. O personalismo quer servir ao homem total. Por isso não fica só no universo das idéias. Para ele *o cuidado de fazer* é inseparável do *cuidado do ser*. Não basta, pois, gritar angustiadamente sobre as desgraças da natureza humana. É necessário querer servir ao o homem, não só em palavras, mas em ações, que o personalismo se manifesta definitivamente mais próximo a realidade humana do que o existencialismo.

Nessa perspectiva, o *Introduction aux existentialismes* tem um interesse próprio para a investigação doutrinal. Importante como introdução histórica, esse livro procura manter aberto, com o maior ângulo possível, o leque dos existencialismos, impedindo que ele se reduza ao de Jean-Paul Sartre. É então em ampla tradição existencialista que se recoloca o personalismo. Em termos gerais, poderíamos caracterizar esse pensamento como uma reação da filosofia do homem contra o excesso da filosofia das idéias e da filosofia das coisas.

Segundo Ricoeur, é interessante ver como Mounier é tão zeloso em proceder a uma ruptura na linha da civilização, dedicando-se contrário a sublinhar a continuidade na tradição na qual se apóia. Ele fala que isso não é de se surpreender, já que em 1932, Mounier havia se preocupado com a permanência de valores que se delineava a “Revolução personalista e comunitária”²³⁰, que essa revolução devia proporcionar uma nova realização histórica a antiga exigência. Além do mais, esse desígnio de mostrar a amplidão presente e a carência tradicional dos existencialismos não é estranha às preocupações fundamentais do movimento *Esprit*: aproximando personalismo cristão de uma das grandes tradições existencialistas e ao mostrar, por um lado, uma origem

²²⁹ - MOUNIER, *Esprit*, n° 150, novembro de 1948.

²³⁰ - RICOEUR, 1968, p. 158-159.

comum de situar os problemas os temas comuns continua Mounier a trabalhar por uma união que respeite um pluralismo filosófico, mas conserve uma intenção central²³¹.

O existencialismo, segundo Mounier, apresenta-se geralmente uma imagem crispada do personalismo. Vimos como foi a sua reação ao impersonalismo dos filósofos idealistas ou materialistas e como pareceu, por vezes, encerrar o indivíduo na solidão de sua apaixonada procura²³². Mounier faz crítica ao existencialismo materialista, porque o ramo ateu mesmo quando tentou reencontrar um vínculo entre os existentes, pensou-o sempre como conflito ou sujeição. Para Mounier, esta forma dos existentes existirem é um equívoco porque prevalece a materialidade do existente.

Há de se considerar que quando Mounier faz críticas ao existencialismo de Sartre, não se aplica na sua totalidade. O personalismo tem algo em comum com o existencialismo de Sartre. Pensemos então com Thomas Greening: o existencialismo é, por sua vez, erroneamente concebido como uma posição filosófica solitária e desesperadamente filosófica. É difícil imaginar Kierkegaard ou Sartre procurando uma alegria num grupo de encontro. Mas Sartre, em um de seus enunciados básicos sobre o existencialismo, registra que a verdade sobre o *eu* e a própria existência deve ser descoberta em encontro. “[...] alcançamos o nosso próprio *eu* na presença de outros e os outros são tão reais para nós quanto o nosso próprio *eu*. A fim de obter qualquer verdade sobre mim mesmo, devo ter contato com outra pessoa. A outra é indispensavelmente à minha própria existência, assim como ao meu conhecimento sobre mim mesmo, meu *eu*”²³³.

Acreditamos que Mounier está mais próximo de Martin Buber e Ortega y Gasset do que Sartre no que se refere à relação comunicativa do *eu* com o *outro-tu*. Segundo Buber, o eu se torna eu do outro, mas seu tu não é idêntico ao meu eu. A pessoa do outro eu devo o fato de que eu tenho este tu; porém o meu eu que deve ser entendido como *Eu-Tu*²³⁴. Gasset afirma que viver é *com-viver*, participar de uma rede de relações que nos comunica com tudo que nos rodeia. Mesmo que a vida humana seja radical solidão, dela emerge o desejo não mais radical de “companhia”. Com as coisas co-

²³¹ - IDEM.

²³² - MOUNIER, 1963, p.98.

²³³ - GREENING, 1975, p. 109.

²³⁴ - IDEM, p.49.

existimos, com as pessoas *com-vivemos*²³⁵. Essa aproximação se dá quando Mounier diz que o “*eu* não existe senão para os outros, o *eu* não se conhece senão pelos outros”. Esta é a experiência primitiva da segunda pessoa (tu)”²³⁶. O fato primitivo para Buber é a relação. O escopo último é apresentar uma ontologia da existência humana, explicitando a existência dialógica ou a vida em diálogo. As principais categorias desta vida em diálogo são as seguintes: palavra, relação, diálogo, reciprocidade como ação totalizadora, subjetividade, pessoa, responsabilidade, decisão, liberdade, inter-humana²³⁷. Mounier em toda obra *O Personalismo* trabalha com essas mesmas categorias em defesa da pessoa. Tanto Buber quanto Mounier levam os homens a descobrirem a realidade vital da existência e a abrirem os olhos para situação concreta que estavam vivendo. A filosofia de Buber parte do *Eu-Tu* que é considerada a etapa completa e madura de sua filosofia. Para Mounier, a filosofia parte do *Eu-Tu=Nós* que está enraizado na pessoa como ser de relação. Esses dois filósofos estão afinados na idéia filosófica de uma existência relacional.

Devemos entender que Mounier não se presta a qualquer julgamento sobre Sartre. O próprio Mounier diz que quando nasce uma filosofia nova ou uma política tem-se o hábito de ver o cristão voltar-se a um julgamento, de início, moral, ou antes, moralizante, do tipo: suas idéias vos conduzem a tais e quais conseqüências, incompatíveis com a moral cristã, logo, são condenáveis²³⁸. Para ele, esse comportamento irrita, e o cristão nem sempre compreende por que. Trata-se em princípio, de uma facilidade: uma filosofia, uma política repousa sobre análise de estruturas e fatos que necessariamente precisam ser abordados em território próprio, como o mesmo rigor técnico que coloca em ação, ao invés de envolvê-las em vagas reprovações morais²³⁹. Mas, Mounier, diz que não é, portanto, de forma desprezível a vinculação que Étienne Gilson²⁴⁰ observa que, a maioria dos temas do existencialismo em geral, têm uma origem religiosa e que mesmo em sua forma atéia, por seu clima, seus pressupostos, pode-se quase que dizer, seus costumes, a filosofia do existir é a

²³⁵ - Cf. *A Gratuidade na ética de Ortega Y Gasset*, obra de Leopoldo Jesus Fernández Gonzáles-São Paulo: Annablume, 2001, p. 90.

²³⁶ - MOUNIER, 1950, p. 55.

²³⁷ - BUBER, 1977, p. XLIII.

²³⁸ - MOUNIER, 1972, p. 114.

²³⁹ - IDEM. Essa é uma prática que perdura até hoje nos cristãos. Julgar a filosofia existencialista de Sartre baseado não pela moral cristã foge do âmbito do debate filosófico o que para Mounier é ridículo. Mounier com seu personalismo busca mostrar as falhas do existencialismo sartreano, mas não oculta o valor desta filosofia.

²⁴⁰ - Étienne Gilson (1884-1978). Nascido em Paris, católico, filósofo tomista e historiador de filosofia. Em 1946, ele atingiu a distinção de ser eleito um “Imortal (membro) da Academia Francesa.

única que não descreve um mundo da religião, ainda mais que suas afirmações são as únicas cujo fundamento último é o mesmo que o da religião²⁴¹.

Enfim, Mounier pensa que o personalismo e existencialismo devem trabalhar para a ressurreição da vida pessoal, restaurar o valor das mediações, repor a objetividade no seu lugar [...] ²⁴². Porém quer servir ao homem, não só em palavras, e sim, em atos, que o personalismo se manifesta muito mais perto da realidade humana do que o existencialismo. Acreditamos que essa crítica de Mounier ao existencialismo, pode contribuir para uma proposta para uma política democrática personalista.

²⁴¹ - MOUNIER, 1972, p.119.

²⁴² - MOUNIER, *Esprit*, nº150, novembro de 1948.

CAPÍTULO - III

O SOCIALISMO DEMOCRÁTICO PERSONALISTA DE MOUNIER

Articular a discussão o conceito de pessoa com p pensamento ético-político de Mounier

Neste último capítulo vamos tratar da proposta ético-política de Mounier na tentativa de ultrapassar as ideologias políticas já criticadas por ele neste trabalho, visando o bem da pessoa em seu realismo integral. Mounier tem uma visão de Estado em que a pessoa é a peça mais relevante e originária. Mounier não foi político partidário e nunca pretendeu sê-lo, mas como filósofo praxista (da ação) estava engajado na política do seu tempo. Mounier fez críticas à democracia representativa em favor de uma democracia participativa e de um socialismo democraticamente livre. Ele também procura propor um projeto de retificação da Declaração dos Direitos da Pessoa numa perspectiva personalista.

3.1 - O Estado segundo Mounier

Para viver em sociedade, necessitou o homem de uma entidade com força superior bastante para fazer as regras de conduta, para garantir o Direito. Dessa necessidade nasceu o Estado. Inúmeros estudiosos têm conceituado o Estado, sob diversos aspectos. Aqui vou me deter no conceito sociológico de que “Estado consiste numa associação humana, vivendo sob um governo capaz de assegurar ordem sobre um territorial, e para tanto se utilizando de um poder originário. Por este conceito, a principal finalidade do Estado não é outra coisa senão a manutenção da coexistência social. No personalismo Mounier procura dar um conceito e uma contribuição com filosófica acerca do Estado.

Para Mounier o Estado não é uma comunidade espiritual, uma pessoa coletiva e muito menos uma comunidade de pessoas, mas é um instrumento ao serviço das sociedades, e através delas (das sociedades), se preciso for, ao serviço das pessoas

individualmente. O Estado é um instrumento, artificial e subordinado, para promover o bem comum. Tal Estado tem um papel negativo e um papel positivo. O Estado serve, em última instância, para arbitrar os conflitos das pessoas e dos indivíduos entre si e proteger a segurança da sociedade que manifesta uma vontade nacional. O Estado programa a economia, mas só produz um mínimo vital; o resto da produção deve manter-se em mãos privadas onde valerá a livre criatividade. O Estado não é a autoridade suprema, mas instrumento a serviço dos grupos, com estes a serviço da pessoa. Esses grupos, sociedade, células da Nação, são familiares, educativas, culturais, econômicas: 1º- pátria é a sociedade fundamental; 2º- sociedades econômicas; - sociedades culturais (Nação-Conselho supremo); 3º- espirituais; 4º- espirituais (governos locais).

É importante aqui saber o que significa para Mounier o que vem a ser partidos políticos: são abstrações dominadas pelo dinheiro e preparando o Partido Único do Estatismo. Para Mounier, o Estado não é a nação, nem mesmo é condição necessária para que a nação passe a ser verdadeira.²⁴³ O Estado é a objetivação forte e concentrada do direito que nasce espontaneamente. Diz Mounier: “*O Estado existe para o homem, não o homem para o Estado*”²⁴⁴. Segundo Mounier, a pessoa deve ser protegida contra todos os abusos do poder, e que todo poder não controlado tende para o abuso. Esta proteção exige um estatuto público da pessoa e uma limitação constitucional dos poderes do Estado: equilíbrio do poder central pelos poderes locais, organização do recurso dos cidadãos contra o Estado, habeas corpus, limitação dos poderes da polícia, independência do poder judiciário. Estado articulado é mais do que um simples pluralismo do Estado, onde se dividia o poder para impedir o abuso do poder, Mounier defende um Estado articulado ao serviço de uma sociedade pluralista.

Mounier procura fazer com que o personalismo restaure a autoridade e organize o poder entendido como um esforço - e uma técnica - para apurar em todos os meios sociais o escol espiritual capaz de autoridade. Para ele, não é o direito que nasce do poder, é o poder, elemento estranho ao direito, que deve incorporar no direito para ser transformado em direito.

²⁴³ - MOUNIER, 1950, p.194.

²⁴⁴ - IDEM.

Para Mounier, o cancro do Estado forma-se no próprio seio das nossas democracias, desde o dia em que elas despojaram o indivíduo de todos os seus enraizamentos vivos, de todos os poderes próximos, desde o dia em que proclamaram que entre o “Estado e o indivíduo não há nada” (*Lei de Le Chapelier*), que não devia deixar que os indivíduos se associem, segundo os seus pretensos interesses comum se abriu a via para os estados totalitários modernos. A centralização estende pouco a pouco o seu poder, com a ajuda do racionalismo, ao qual repugna toda a realidade viva.

Segundo Mounier, é na comunidade que a pessoa se realiza como pessoa. Só existe verdadeiramente uma comunidade se for uma comunidade de pessoas. O resto não passa de uma forma anonímato de pessoas. A pessoa e comunidade estão em reciprocidade de perspectivas, não devemos pensar separadamente para entender melhor sua força e fraqueza. Uma civilização comunitária contempla sobretudo o respeito pela pessoa. Se cada um de nós é, o principal responsável por seu destino, é verdade também que nós não nos salvaremos individualmente, mas *com* e *dentro* da comunidade humana²⁴⁵.

Segundo Mounier, os valores econômicos assumiram uma importância grandiosa, anormal, correndo o risco de fazer passar em segundo plano os problemas humanos mais essenciais. É preciso resolver esse problema em prol da pessoa humana. Para isso, a revolução material compreende a luta contra o mundo do dinheiro e as instituições capitalistas. Esta revolução material também compreende a instauração de um novo regime social e econômico baseado nas necessidades humanas. Mounier não produziu uma “economia personalista”²⁴⁶, mas todo seu pensamento político-econômico tinha seu eixo na pessoa. Uma revolução material por si só é insuficiente para o desenvolvimento espiritual do homem; não é coisa alguma, para o cristão sem uma revolução interior. A revolução espiritual baseia-se, sobretudo em restaurar os valores espirituais traídos: trazê-los de volta à sua pureza e engajá-los na reconstrução do mundo. É a reconstrução total da civilização.

²⁴⁵ - LOREZON, 1996, pp. 7-8-9.

²⁴⁶ - A economia personalista é um novo conceito baseado no personalismo de Mounier que tenta ultrapassar a economia clássica de mercado, por ser somente materialista e individualista.

3.2. Crítica à democracia representativa e a proposta da democracia participativa de Mounier

Temos conhecimento que os mecanismos dominadores que enclausuram o exercício da participação devem ser entendidos de forma mais debatida, no contexto institucional em estamos inseridos, que é o da democracia representativa. Mesmo dando uma idéia de igualdade, o exercício da participação não consegue deixar de ter efeitos seletivos e corre o risco de se traduzir em instrumento de desigualdade social, é preciso que nos questionemos sobre o funcionamento do sistema de democracia representativa.

Na democracia representativa todos são iguais, nenhuma pessoa é inferior a outra. Mas cada pessoa tem seus valores, seu modo de ser e seus interesses. Todos têm o direito de participar da política do seu Estado. Nessa perspectiva é importante definir quem estabelece as regras a que todos são obrigados a obedecer. Se todos são iguais, não se justifica que só alguns representantes do povo possam estabelecer certas regras e que os demais só fiquem com a obrigação de obedecê-las. Existe, porém, uma dificuldade de ordem prática, pois não há como reunir todas as pessoas num só lugar, todas às vezes em que for preciso estabelecer as regras ou mudar as já existentes.

Segundo Dalmo Dallari, escolher representantes e representar o povo são formas de participação no governo. Através dessas atividades, as pessoas influem sobre o modo de organização da sociedade, bem como a escolha dos objetivos que são de interesse de todos e sobre a maneira de procurar realizá-los, influenciando, ainda, na definição dos direitos e deveres de cada um. Todas essas tarefas fazem parte do governo de uma sociedade.²⁴⁷ Parece-nos que Dallari é defensor da democracia representativa em que o povo tem sua grande participação na escolha livre dos seus representantes. Parece que Mounier não concorda com Dallari na sua totalidade. A participação de Dallari parece-nos esta resumida quase que uma participação periférica, isto é, não tem poder de decisão, senão através da escolha livre de seus representantes. O ponto crítico de Mounier parece que cai na falta de poder de decisão do representado.

²⁴⁷

- DALLARI, 1985, p.39.

O mecanismo de representação popular nega a participação real do povo nas decisões. Percebemos que Mounier está bem sintonizado com a democracia da Grécia, claro que inserido nas vicissitudes do seu tempo. É na década de 30 com uma política muito acalorada na França que Mounier produz sua posição política. Os anos 30 se encontravam numa encruzilhada e num grave impasse teórico-práticos diante da profunda crise moral e política provocada pelos regimes totalitários, bem como da fragilidade, mais ou menos dramáticas, das experiências de democracia representativa. Aliás, essa crise já havia sido denunciada e diagnosticada, há muito tempo, por diversos teóricos da filosofia e da ciência política. Basta lembrar, entre outros, Rousseau e Marx, Tocqueville e Bakunin.

Segundo Ropellato, numa estrutura da democracia representativa que propõe maior qualidade, o voto eleitoral, ainda que expressa e fortemente a responsabilidade política de cada cidadão perante sua comunidade civil, não pode ser considerado suficiente. Em termos concretos, Schumpeter afirma que o voto não é suficiente. Sustenta que “democracia significa tão-somente que o povo tem a oportunidade de aceitar ou recusar os homens que deverão governá-los”²⁴⁸.

No liberalismo, são imensos os obstáculos à democracia, pois o conflito de interesses é posto pela exploração de uma classe social para outra, mesmo que a ideologia afirme que todos são iguais e livres. Sabemos que as lutas populares nos países capitalistas avançados ampliaram os direitos dos cidadãos e que a exploração dos trabalhadores diminuiu muito, sobretudo com o Estado do bem-estar social²⁴⁹.

Parece-nos que o político da democracia liberal não é outra coisa senão o representante de si mesmo, e em seguida, de sua família. Boa parte dos representantes do povo são homens bem sucedidos, grandes industriais, empresários, fazendeiros, banqueiros que estão politicamente sensibilizados com os problemas dos desempregos, da falta de moradia, falta de alimentação entre outras necessidades básicas. Eles Julgam aptos através do mandato decidir diretamente acima dos interesses reais do povo. Os representados na democracia representativa a participação direta do povo é negada nas decisões responsáveis do Estado. Pode-se pensar nessa ótica que essa é a marca de uma democracia representativa.

²⁴⁸

- SCHUMPETER apud ROPELLATO, 2008, p. 92.

²⁴⁹

- CHAUI, 2003, p. 406.

É surpreendente como as críticas de Mounier à democracia representativa também denominada parlamentar e majoritária, se revelam de uma permanente atualidade em todos os países, em escala maior ou menor, conforme o grau de consciência e de participação políticas dos seus membros:

O homem, que começou a tornar-se politicamente sujeito com a democracia liberal, continua de maneira geral objeto no plano da existência econômica. O poder anônimo do dinheiro e o seu privilégio na distribuição do lucro e das vantagens do mundo separam as classes e alienam o homem real. Este deve poder reencontrar a sua dignidade, seus valores subvertidos pela tirania da produção e do lucro, sua condição descentrada pelos delírios da especulação²⁵⁰.

Somos sabedores que uma exigência por uma democracia participativa não é nova. Segundo Thomas Jefferson (1743-1826), “uma ampla liberdade humana requer a mais completa participação do povo nos negócios do governo”²⁵¹. Para Bobbio, o pai da democracia moderna, Jean-Jacques Rousseau, já tinha afirmado que “a soberania não pode ser representada²⁵²” e portanto, o povo inglês acreditava ser livre, mas se engana redondamente; só o é durante a eleição dos membros do parlamento; uma vez eleito este, ele volta a ser escravo, não é mais nada. Rousseau também estava convencido de que uma verdadeira democracia jamais existiu nem existirá.

Dentre a democracia representativa e a democracia participativa, Mounier opta por esta última. Certamente Mounier teve inspiração tanto na tradição grega quanto em Rousseau. A democracia participativa de Rousseau amplia a todos os cidadãos, ou melhor, à nação como um todo, a competência política e critica qualquer tipo de representação como uma forma de alienação de um poder que é originariamente exclusivo do povo.

Em continuação a essas duras críticas ao modelo da democracia liberal e parlamentar, Mounier nos alerta a respeito das conseqüências pouco ou nada esperançosas em vista da sua transformação para o melhor dessa forma de governo. “A democracia parlamentar, que se mostrou incapaz numa escala nacional e internacional

²⁵⁰ - MOUNIER, 1962, p. 513.

²⁵¹ - JEFFERSON, 1972, p. 62. Filosofia Norte Americana. Democracia e o desejo de liberdade.

²⁵² - BOBBIO, 2006, p. 53.

de empreender reformas econômicas profundas, não deixa nenhuma esperança em uma escala mais vasta”²⁵³.

Em tempos de exportação da democracia, damos-nos conta de quanto é frágil o nosso sistema democrático do Ocidente. Mounier teve o mérito de apontar o dedo contra a democracia formal. Querendo restituir-lhe uma feição ideal, devolver-lhe um conteúdo substancial, contra aquela que considerava um fruto bastardo da ideologia de 1789, ou seja, uma democracia individualista e abstrata, “sufocadora da liberdade” e promotora, do reino do dinheiro. A batalha que Mounier propunha tinha seu ponto forte, em continuidade com o pensamento de Charles Péguy, no fronte espiritual antes que político. Por isso, a potenciação da responsabilidade e da liberdade substancial da pessoa, compreensiva da dimensão espiritual, está na base da Democracia Personalista.

Para Mounier, a responsabilidade e a liberdade são categorias relevantes para democracia. A democracia não é só participação e compartilhamento, mas também serviço à verdade, ou seja, à verdadeira democracia. A tarefa do personalismo mounieriano é fundar a verdade da democracia. Seu pensamento político nesta perspectiva é de grande relevância para refletirmos na atualidade, pois ele vê na democracia uma procura de meios políticos para assegurarem a todas as pessoas o direito ao livre desenvolvimento e ao máximo de responsabilidade. O que importa não são os regimes formais: monarquia, república, mas as estruturas político-sociais. O Estado não é a autoridade suprema, mas um instrumento a serviço dos grupos ao serviço da pessoa²⁵⁴.

Para Mounier, o regime da democracia participativa é um regime que existem efetivos mecanismos de controle sobre a administração pública, não reduzindo o papel democrático participativo apenas ao voto, mas estendendo a democracia para a esfera do social. Numa democracia representativa a escolha dos dirigentes está reduzida, sem participação efetiva da sociedade. É uma democracia fadada ao fracasso por seu esvaziamento de conteúdo democrático da participação do povo.

Segundo Marilena Chauí, a participação política encontra obstáculos. No liberalismo da segunda do século XX, a organização do trabalho foi feita com base em

²⁵³

- IBIDEM, p. 51.

²⁵⁴

- MOUNIER, 1950.

uma divisão social: a separação entre dirigentes e executores. Os primeiros recebem uma educação científica e tecnológica; os segundos só sabem executar tarefas. São considerados incompetentes e destinados a obedecer²⁵⁵. Um outro problema à democracia participativa são os meios de comunicação de massa²⁵⁶ que só podemos participar de decisões políticas se possuímos informações corretas sobre aquilo que vamos discutir e decidir [...]. Os políticos transmitem as informações de acordo com os interesses de seus proprietários e das alianças econômicas e políticas destes com grupos detentores de poder econômico e político²⁵⁷. A representatividade democrática poderia hoje ser comparada a uma pirâmide invertida.

Mounier era muito exigente com todas as pessoas, porque antes era exigente para consigo mesmo. Sua força está em ter realizado entre sua vida e seu pensamento este acordo difícil, sempre a ser retomado certamente, mas que é o único a autorizar crítica impiedosa a desordem estabelecida. Mounier não era um conformista. Mounier foi o primeiro na França a falar de engajamento. Sempre lutou contra o apolitismo e o antipolitismo. Seus apelos aos cristãos eram para convencê-los da necessidade de uma presença efetiva no mundo político. Mounier está atento a desmascarar os erros dos políticos, a ser duro, notadamente para os democratas cristãos, aos quais reprovava as confusões constantes entre o político e o espiritual. Por tudo isso, alguns críticos de Mounier vêem uma contradição no próprio pensamento: fala do engajamento, mas na ação não participa desse engajamento politicamente. Mounier não se via pertencendo a qualquer partido político no seu tempo.

3.3. O Socialismo Democrático personalista de Mounier

É importante salientar que Mounier não tem receitas pré-fabricadas, não propõe nenhuma doutrina política pronta e acabada. A política não se pode reduzir a técnica de satisfazer necessidades, tem de estar impregnada de espiritualidade, porque as necessidades não são unicamente de natureza material. Ele elabora um pensamento

²⁵⁵ - IDEM, p. 407.

²⁵⁶ - IDEM.

²⁵⁷ - IDEM, p. 408.

rigoroso aplicado às condições da ação política ao significado de ser cidadãos. Os seus textos, sempre inseridos numa realidade política precisa, podem oferecer o exemplo de um diálogo propício entre pensamento e ação numa dimensão ética e política numa comunidade de pessoas.

Mounier procura denunciar o mal do seu tempo e propõe alternativas humanistas ético-políticas na perspectiva de refazer uma nova humanidade. Ele estava tentando superar as ideologias do seu tempo. Propondo uma “terceira via” personalista como alternativa ao individualismo e ao coletivismo. Diante do individualismo e do coletivismo, Mounier apresenta a importância da dimensão comunitária para constituição do ser pessoa, deste modo, percebe-se que o ser humano como pessoa é a resposta que Mounier tem diante dessas duas ideologias, tendo em vista, que o destino individual da pessoa é inseparável de seu destino comunitário. A pessoa só se realiza na comunidade e, esta só se realiza na pessoa.

Podemos entender que a proposta de Mounier de um novo humanismo, numa perspectiva de comunhão, tendo como consequência a geração de um novo Estado, de um novo socialismo democrático, de uma democracia participativa em detrimento da democracia representativa, não pautada no individualismo, nem no coletivismo, mas sim, da vivência numa comunidade fraterna e solidária que deve ser aberta à universalidade, para não correr o risco de desviar o caminho rumo à realização última do homem fazendo sua história.

No personalismo de Mounier, a pessoa e comunidade são inseparáveis. Na comunhão a pessoa sai de si mesma e experimenta o outro como pessoa. Mounier não permite que a pessoa seja reduzida a qualquer outra coisa. Indivíduo e sociedade são termos reservados a uma zona parcialmente degradada em objeto do mundo de pessoas; pessoa e comunhão, reservados às relações puramente pessoais, personalidade e comunidade, são destinados a cristalizações intermediárias entre indivíduo-sociedade e pessoa-comunhão. Personalidade-comunidade são cristalizações mais ricas de realidade pessoal do indivíduo e o social, mas, contudo, ainda situadas no mundo da dispersão e da separação. Mounier entendia que a via da comunhão da pessoa com os seres se dá no

acolhimento e na doação de si mesma. Encontramos, portanto a comunhão inserida no próprio coração da pessoa, integrante de sua própria existência²⁵⁸.

O despertar comunitário surge no momento em que o individualismo e as chamadas “tirantias coletivas” (o comunismo, o fascismo, os totalitarismo de toda sorte e toda sorte de opressões sociais) se espalham e se implantam, com o poder de desagregação, em toda parte. O personalismo comunitário propõe nesse enfoque, ser uma terceira via buscando alternativas, apelando para a supremacia e as exigências da pessoa humana como referência nuclear reorientadora da reflexão e do agir humano. A comunidade ultrapassa toda organização de qualquer natureza, porquanto se funda numa relação mais profunda, que são as relações verdadeiramente interpessoais. Não se confunde com multidão, nem qualquer outra entidade abstrata e anônima. Assim como há toda uma permanente aprendizagem de se tornar pessoa, também há toda uma educação comunitária a ser sempre desenvolvida.

A comunidade numa perspectiva de integração das pessoas tem como propósito proporcionar o crescimento e a autenticidade de cada indivíduo, quando estes não são autênticos, a comunidade é inautêntica, ou seja, nem é comunidade. Quando se fala em integração compreende-se que entre pessoas existe reciprocidade e complementaridade. Nesse contexto, é possível pensar num socialismo democrático personalista de Mounier. Para este pensador, a comunidade não nasce de pessoas apagadas, mas que se promovem plenamente. O nós comunitário só se realiza a partir do dia que cada um dos membros descobrir cada um dos outros como pessoa, e começar a tratá-la como tal, a compreendê-la como tal. Seria impossível fundar uma comunidade de pessoa esquivando-se da própria pessoa.

Para Mounier, sociedade, organização social e instituição significam as mediações estruturais, que permitem o funcionamento estável dos grupos. Podemos levantar uma questão como poderia ser uma instituição à altura da pessoa e das comunidades e instituições ditas justas. Segundo Mounier, só poderiam ser consideradas instituições justas aquelas que podem contribuir para o atendimento das múltiplas estruturas do universo pessoal ou das dimensões da pessoa, compreendida em sua

realidade integral, isto é, corpo e espírito, individual e comunitária, com uma liberdade responsável, vocação para o amor e a solidariedade, tendências para o bem e para o mal.

Na obra, *O Princípio Esquecido* (2008), organizado por Antonio Maria Baggio, pode-se encontrar presente algumas propostas éticas e políticas extraídas do personalismo mounieriano. Para Mounier, a identidade humana é “situada”, isto é, constitutivamente inserida no sistema estruturado e solidário das relações sociais, interagindo com um *ethos* que precede o indivíduo e socializa-o. Portanto, seguindo esta ótica antropológica personalista mounieriana, o homem, todo homem, é um ser estruturalmente carente, aberto à relação com o diferente de si. Não são, então, a autonomia e a independência que caracterizam o homem, mas, ao contrário, a dependência estrutural. Pertencer a uma comunidade é constitutivo e estrutural da identidade humana, não um dado necessário ou opção eventual, voluntária²⁵⁹.

Continuando nesta concepção antropológica constitucional de Mounier, o fraco, o carente não representa um “homem menor”, mas constitui um ícone do homem em si. Por manifestar plenamente a abertura estrutural que todo homem tem à relação com os outros, dos quais tem necessário a fim de formar uma identidade para si e a fim de viver. Nenhum indivíduo mais forte e mais independente pode deixar de reconhecer uma dívida para com a comunidade, na qual pode desenvolver sua personalidade.

Nessa perspectiva, pensar numa espécie de dívida antropológica do indivíduo para com a comunidade que se reflete nas formas de reconhecimento e de garantia da liberdade individual. Portanto, antes do indivíduo existe necessariamente uma comunidade, entendida como rede de relacionamentos, tecidos de relações, quadro de solidariedade que sustenta o próprio indivíduo que permite o desenvolvimento.

Nesse sentido, de modo simplificado, começa a se delinear de modo suficiente uma comunidade fraterna. Justamente por ser a fraqueza aquilo que identifica os homens entre si, não existe para solidariedade o caminho paternalista, mas tão somente o da fraternidade. O personalismo não corre o risco, ao menos no campo teórico, de cair no assistencialismo, pois há nele uma separação entre categoria de “fortes” que, maneira paternalista, deve prestar socorro e uma categoria dos “fracos” destinatários do

²⁵⁹ - PIZZOLATO, Filipo. *O Princípio Esquecido*. Subtítulo: Personalismo constitucional. In BaGGIO, 2008, p.115.

socorro. O que há é uma interdependência e uma fraternidade, na qual todo cidadão tem o dever de desenvolver uma atividade ou função que concorra para o progresso material e espiritual da sociedade.

Em nome de uma interdependência estrutural, em razão da qual o individualismo se reconhece radical e estavelmente dependente, que a solidariedade se transforma em fraternidade isto é, numa solidariedade confiada ao próprio sujeito.

O princípio da fraternidade conjugada em sentido paternalista passa pelo reconhecimento e pela valorização institucional de um tecido rico e solidário as comunidades, de um sistema de relações sociais, no qual seja continuamente recriada a interdependência entre sujeitos, a base mais duradoura da solidariedade. A formação desse tecido social interdependente e solidário permite ao Estado buscar o desenvolvimento da pessoa humana sem substituir as formações sociais intermediárias, mas, ao contrário, responsabilizando-os promovendo sua lógica participativa e inserindo-se nelas. Trata-se, portanto, de uma fraternidade que segue o modelo comunitário, de cunho ético, não baseado em improváveis convergências espontâneas de interesses individuais e egoístas, nem na transferência ao Estado das tarefas de socorro as fraquezas humanas.

O pensamento político de Mounier está voltado para questão de ordem moral e espiritual. Sua política é anti-individualista. Mounier tem realizado estudos e críticas demonstrando ser o individualismo muito difundido nas sociedades ocidentais na sociedade burguesa capitalista, excludente e competitiva. Não há necessidade aqui de reproduzir as críticas, constantemente dirigidas por ele ao capitalismo e ao marxismo. A política personalista assumirá um compromisso explícito e declarado com a redução e a eliminação da miséria. Mounier nos adverte: “Quem não sentir em primeiro lugar a miséria como presença e uma queimadura em si nos fará objeções vãs e falsas polêmicas”²⁶⁰. Qual será a opção política de Mounier? Vejamos o que ele diz:

²⁶⁰ - MOUNIER. *Révolution Personalista et communautaire*. Tradução em *Pensamento Atual de Emmanuel Mounier* de Lorenzon1996, p.77. In: *Oeuvres de Mounier*. Tome I, 1931-1939, p. 142.

Meu Evangelho me ensina que ninguém é mais sabido do que Deus, que procura sempre um caminho para o coração dos mais desesperados dos homens. Meu Evangelho, além disso, é o Evangelho dos pobres. Jamais ele me deixará satisfeito a respeito de um único mal-entendido com aqueles que têm a confiança nos pobres, Jamais ele deixará que eu me alegre com o que pode dividir o mundo e a dos pobres. Não é uma política, eu bem o sei. Mas é uma condição prévia a toda política e uma razão suficiente para recusar algumas políticas²⁶¹.

Para Mounier, a democracia representação liberal está nos braços da oligarquia dos ricos: os altos bancos e a alta indústria se apoderaram dos postos de comando da política, da imprensa, da opinião, da cultura, dos representantes do espiritual, a fim de poderem ditar a todos as vontades de uma classe: a democracia capitalista é uma democracia que dá ao homem liberdades. Nela proclamamos igualdade jurídica e, sobretudo, contra ela, a igual oportunidade de todos na correria ao dinheiro: hipocrisia em que, apesar de alguns triunfos muitas vezes nascidos da violência e da usura da democracia capitalista não promovem o valor da pessoa. O ensino e as funções de comando são monopólios de classe. Em todos os domínios, as sanções atingem diferentemente os ricos e os fracos que a soberania do povo, enfim, não passa de um artifício²⁶². Certamente Mounier está querendo dizer que a democracia liberal não é outra coisa senão um artificialismo, uma roupagem, uma máscara de democracia onde a igualdade é uma farsa.

Hoje nos encontramos numa chamada crise de civilização. Podemos dizer, uma civilização que está desordenada. Nessa perspectiva, a política de Mounier é, antes de mais nada, luta contra toda a “desordem estabelecida”. Mounier ilustra que a desordem econômica e político-social que reduz multidões de seres humanos à miséria, à fome e à privação do mínimo exigido pela dignidade efetiva da pessoa humana, é o sintoma e o resultado de outra desordem mais profunda e mais grave. Por isso, Mounier tem proclamado ser a revolução ao mesmo tempo, espiritual, social, econômica e política. Para Mounier, o espírito comanda o político e o econômico²⁶³. Parece que Mounier quer nos dizer que uma política desespiritualizada pode cair numa profunda desordem na trajetória da história da humanidade.

²⁶¹ - MOUNIER, Paulette. *O Compromisso da fé*. 1971, p.197.

²⁶² - MOUNIER, *Les certitudes difficiles*, pp. 35-36, 20 fevereiro, 1934, “A Democracia e a Revolução”.

²⁶³ - MOUNIER, op. Cit. p.142.

A pessoa humana é por essência um ser social. Mounier faz uma advertência nesse contexto na sua obra *Introdução aos Existencialismos*²⁶⁴. Ele afirma ter sido o existencialismo uma reação salutar contra uma filosofia das idéias e dos objetos, propondo ao mesmo tempo uma filosofia da pessoa concreta, em determinada situação, com um passado e um nome, um *status* social: um *ser-aqui-e-agora*, diante dos acontecimentos. Mounier amplia e completa a definição de Heidegger, insistindo em que a pessoa humana não é apenas um *ser-que-está-aí*, mas, originariamente, um *ser-com*, um ser que se origina, se desenvolve e se realiza numa comunidade de pessoa. Nessa comunidade de pessoa Mounier pensa numa democracia social livre, livre daqueles que gozam de privilégios, ou seja, daqueles que se prendem a um modo de vida burguês.

Para Mounier, a experiência demonstra que não há valor que não nasça da luta, desde a ordem política à justiça social, desde o amor sexual à unidade humana²⁶⁵, e, para os cristãos, o Reino de Deus. É preciso combater a violência; mas fugir dela a qualquer preço é renunciar a qualquer grande tarefa humana. Ao valor da comunicação segue-se para pessoa a paz que vem das profundezas²⁶⁶.

Segundo Mounier, uma democracia efetiva deve, com o correr dos tempos, tornar o homem senhor da sua história, pelo menos na medida em que ele pode dominar as suas fatalidades ou suas forças ocultas²⁶⁷. Propunha uma democracia que fosse livre e responsável. Uma democracia participativa, onde o povo não é somente um mero espectador, mas que participe da vida política. Ele busca nessa perspectiva, uma social democracia personalista que contemple em toda sua estrutura a valorização da pessoa humana nas suas diversas modalidades existenciais, que contemple uma participação irrestrita do povo, respeitando todos os valores que contribuem para uma vida de pessoa. Deve-se centralizar a pessoa humana como alvo principal no processo democrático em que vivemos. Se a democracia de Mounier centraliza a pessoa humana nas suas entranhas, não podemos ocultar que está intimamente relacionada com os Direitos Humanos.

²⁶⁴ - MOUNIER, 1962. pp. 59-174.

²⁶⁵ - Podemos entender aqui que Mounier fala de uma luta constante do ser humano. A experiência denuncia que não existe valor que não seja originado da luta em todas as dimensões da vida humana. Nós não devemos ser fracos. É preciso combater a violência e não fugir dela, pois é o grande desafio do homem.

²⁶⁶ - MOUNIER, 1950, p. 133.

²⁶⁷ - COSTA, 1960, pp. 390-391.

Segundo Mounier, o socialismo é um regime social que possui as seguintes características: abolição da condição proletária; substituição duma economia anárquica, fundada no lucro, por uma economia organizada em ordem às perspectivas totais da pessoa; socialização, sem estatização, dos setores de produção que alimentam a alienação econômica²⁶⁸; desenvolvimento da vida sindical; reabilitação do trabalho²⁶⁹; promoção da pessoa do operário contra o paternalismo; primado do trabalho sobre o capital; abolição das classes formadas na divisão de trabalho ou da fortuna; primado da responsabilidade pessoal sobre as estruturas anônimas. Para Mounier, mesmo optando pelo socialismo como direção geral da reorganização social, nem por isso ninguém se deve julgar obrigado a aprovar todas as medidas que em seu nome possam ser propostas²⁷⁰.

A exigência de engajamento fomentou e continua fomentar o dinamismo do apostolado e da ação dos cristãos na esfera sócio-política. Os problemas sociais não podem ser resolvidos sem referência a este outro, que é a pessoa, participante do valor absoluto do Ser.

Mounier indicava as tarefas mais urgentes a cumprir. Primeiramente defender sem espírito de recuo tudo o que faz, em qualquer regime, o valor do homem: segurança material, dignidade social, coragem cívica, honestidade intelectual. Segunda tarefa importante é a luta contra a tirania que as democracias supostamente populares erigiram sistemas de denunciar, em toda parte, os germes de desumanização. A terceira de impedir a ruptura entre o partido comunista com o resto da nação, por que ele agrupa em torno de si uma grande parte do proletariado. Mounier mostrava com exemplo que preciso que era inútil querer edificar o socialismo sem ter força operária por base: fracasso da Pós-Resistência, que sem doutrina sólida, ela está votada à impotência.

Segundo Lorenzon, democracia para Mounier é a procura dos meios políticos para assegurarem a todas as pessoas, em uma Nação, o direito ao livre desenvolvimento e ao máximo de responsabilidade²⁷¹. O que importa não são os regimes formais: monarquia ou república, mas as estruturas político-sociais. É importante aqui registrar a economia socialista de Mounier com alguns postulados: 1- primazia do trabalho sobre o

²⁶⁸ - MOUNIER, “Sobre as nacionalizações”, In: *Esprit*, Abril de 1945 e janeiro de 1946.

²⁶⁹ - MOUNIER, *Le travail et l’homme*, In: *Esprit*, julho, 1933.

²⁷⁰ - MOUNIER, 1950, p.182.

²⁷¹ - LORENZON, 1996, p.117.

capital; 2- primazia da responsabilidade pessoa sobre a estrutura anônima; 3- primazia do serviço social sobre o lucro; 4- primazia dos organizadores sobre os mecanismos (contra a estatização integral e pela descentralização. Acreditamos que esses postulados revelam o interesse, o conhecimento e o apreço que muitos autores tiveram por Mounier, por isso achamos importante retomar suas análises para um debate sobre uma economia personalista. Reiteramos que Mounier não produziu uma economia em vida, mas pensava em produzir uma economia personalista. A morte prematura o impediu de realizar esse projeto econômico.

Mounier era um cristão que, com os instrumentos de análise social, fez uma opção socialista, não a um socialismo cristão, o que seria instrumentalizar a fé e reduzi-la a uma ideologia. Essencialmente, ele pensava em um socialismo que fosse obra dos próprios operários e em uma sociedade onde o Estado existe para o homem e não o homem para o Estado. Pensa em um poder baseado exclusivamente nas finalidades últimas da pessoa total.

Mounier buscava precisamente uma sociedade personalista e comunitária; um tipo de sociedade distante das agregações de indivíduos que correspondem à massa (com sua tirania do anônimo). O que Mounier põe no vértice da socialidade é a sociedade personalista, que se baseia no amor que se realiza na comunhão, quando a pessoa chama a si e assume o destino, o sofrimento, a alegria e o dever dos outros. Esse tipo de sociedade é uma idéia limite de natureza teológica que nunca poderá se realizar em termos políticos, mas que funciona como ideal normativo e critério de juízo para as mudanças políticas reais e possíveis. Sempre com base na idéia de pessoa, Mounier era defensor dos direitos da mulher, adversário de toda forma de racismo e xenofobia, propugnador de uma educação que não fosse apanágio do Estado²⁷².

O socialismo democrático personalista de Mounier é uma “força nova” que deverá se construir na autonomia, sentida, querida, amadurecida, carregado pelo povo, o próprio povo ao qual ela servirá²⁷³. O personalismo mounieriano coloca-se ao serviço da grande revolução socialista, preparar para um novo socialismo²⁷⁴ a fim de que ela sirva ao homem inteiramente. A tarefa principal é de ajudar a encontrar a encarnação num

²⁷²

- MOUNIER,

²⁷³

- MOUNIER, In: *Esprit*, n° 140, dezembro, 1947, p. 941.

²⁷⁴

- MOUNIER, *Qu' est que le personalismo?* 1947.

mundo socialista de valores comprometidos, de engajar-se e elaborar um verdadeiro humanismo. O socialismo de Mounier é a realização do homem integral, a revolução do homem integral, a revolução personalista e comunitária.

Para Mounier, existe de um lado um socialismo adormecido, de outro um socialismo desenfreado e pervertido pelas engrenagens administrativas e policiais. Por este motivo mesmo é que se deve urgentemente engendrar um socialismo renovado, rigoroso e democrático²⁷⁵. Tendo o povo como uma força viva e pulsante na história. Mounier busca através de um socialismo democrático a promoção de um povo que participe de forma livre que venha realmente respeitar os valores necessários para que o próprio povo faça sua história.

O projeto do personalismo como socialista, se insere num movimento histórico muito amplo, de outras grandes propostas, que convergem na utopia de uma civilização mais humana e solidária. Para Mounier, seu socialismo é a realização do humanismo integral, a revolução personalista e comunitária. Ele declarou em 1945:

No momento em que alguns acreditam já ver o conflito do Mundo coletivista, formado na U.R.S.S e do mundo democrático centralizado na América, o personalismo tem diante dele uma grande missão: ele pode, na Europa Ocidental, encontrar no ponto de junção dos dois mundos o meio de fazer girar um em direção do outro e preparar, além das fórmulas adquiridas uma visão nova onde o homem achará inteiramente o que lhe é devido, sem mutilações nem degradações²⁷⁶.

Quando Mounier procurou fazer um exame crítico, foi na perspectiva de solucionar os problemas existentes no seu tempo. Teve da democracia uma visão desconfiada quando essa democracia não é livre para o bem da pessoa humana.

Entendemos que Mounier com o socialismo democrático livre contemplava uma democracia personalista em que o direito da pessoa tem que ser respeitado na íntegra porque ele coloca a pessoa no centro de sua filosofia como valor incomensurável. A potencialização da responsabilidade e da liberdade substancial da pessoa, compreensiva na dimensão espiritual está na base da democracia personalista. Mounier chama de

²⁷⁵ - MOUNIER, Op. cit. p.183.

²⁷⁶ - MOUNIER Apud MOIX, 1967, p. 105.

democracia todo regime que põe o cuidado da pessoa humana na base de todas as instituições públicas. A democracia personalista não é uma democracia neutra, está a serviço da pessoa. A democracia não é só participação e compartilhamento, mas também a serviço da verdade. Essa é uma tarefa do personalismo de fazer com que na democracia o homem seja senhor de sua história.

CONCLUSÃO

Reconhecemos que a democracia personalista se encontra entre duas ideologias, a saber, o liberalismo e o marxismo na tentativa de superá-las. Quando a democracia não é livre não é boa para a pessoa; sem esquecer a dimensão espiritual que é importante para uma política que visa o bem da pessoa integralmente. Na democracia personalista, o povo é que deve escolher democraticamente e livre o que é bom para si mesmo. É necessário encontrar meios para que as pessoas sejam bem informadas sobre os objetivos e as decisões do governo e participar diretamente de suas decisões. Mounier justifica sua opção teórica, adiantando que os ensinamentos de inspiração cristã concernente à propriedade privada é um discurso filosófico. Mounier vai contra esta concepção de propriedade de posseção capitalista que se concentra nas mãos de um Estado absoluto. Por essa razão, Mounier propõe e defende baseado na tradição cristã de uma propriedade, denominada *propriedade humana* que evidencia as relações de amizade e de busca comum de um projeto de sociedade mais justa e mais solidária.

Mounier incansavelmente em toda sua vida vai em defesa da pessoa que está mergulhada na natureza. Toda a maneira da pessoa pensar as coisas está vinculada ao clima, a geografia, a hereditariedade, a situação face ao globo. Mas que a pessoa transcende a natureza. Mounier faz uma importante correlação entre o mundo o interior e mundo exterior. Não é possível uma ruptura do mundo interior com seu segredo, sua intimidade com o exterior. O trabalho de assimilação interior tem contribuições exteriores. A pessoa nunca pode ser reduzida a objeto, é uma realidade que se realiza em três dimensões: a corporal ou de encarnação, a universal ou de comunhão com outras pessoas e a espiritual ou sobrenatural. Nesse ponto, Mounier distancia-se radicalmente do pensamento de Sartre e Heidegger uma vez que, no existencialismo ateu, a pessoa está fadada a ser objeto. A pessoa não é o mais maravilhoso objeto existente no mundo. Ela se realiza no ser com o outro. A descoberta do outro, de maneira lenta e muita vez conflitante, faz emergir a aparecer, como num espelho, a imagem de si mesmo. A relação *eu-tu* na comunidade tem constituído uma tema

permanente de debate, bem como uma aprendizagem, contínua de toda a nossa existência. O *nós*, segundo Mounier, procede do eu, e não existe sem o outro. Não existe respeito à pessoa humana e ao direito de ser pessoa se não for respeitada como pessoa por mais degradada que ela seja, em todos os lugares em todas as situações como integridade física, psíquica e moral da pessoa. É nesse sentido que Mounier procura produzir sua ética personalista. Ele não pretende explicar tudo sobre a pessoa racionalmente, pois ela não pode ser reduzida a objeto e banir dela o sentido do mistério ontológico. Mounier traz contribuições significativas para refletir sobre a noção de pessoa. No tempo de Mounier não havia lugar para pessoa. Seu grande esforço foi propor uma nova renascença, um novo humanismo.

A proposta que Mounier nos dá para o Estado é que ele seja a garantia institucional da pessoa. Ele deve existir para pessoa e não a pessoa para o Estado. O problema do personalismo e o da legitimidade do poder que o homem tem sobre outro homem, poder que parece contraditório com a relação interpessoal. A pessoa deve ser protegida contra todas as formas de abusos de poder, pois todo poder não controlado tende para o abuso. O Estado deve estar baseado no destino último da pessoa, deve respeitá-lo e promovê-lo. Nessa perspectiva, podemos encontrar o despertar comunitário que surge no momento em que o individualismo e as chamadas “tirantias coletivas” (comunismo, os totalitarismos e toda sorte de opressões sociais) se espalham e se implantam, com o poder de desagregação, em toda parte. A comunidade ultrapassa toda organização de qualquer natureza, porquanto se funda numa relação mais profunda, que são as relações verdadeiramente interpessoais.

Como sabemos Mounier não propôs um sistema político; mas há elementos políticos no personalismo que podem contribuir com uma reflexão para uma democracia livre e participativa. Não pretende explicar tudo sobre a pessoa racionalmente, pois ela não pode ser reduzida a objeto e banir dela o sentido do mistério ontológico. Mounier traz contribuições significativas para refletir sobre a noção de pessoa.

Mounier entra no âmago dos problemas de seu tempo, encara-os de forma concreta e operativa, e, ao invés de oferecer fórmulas abstratas, aponta caminhos e sugere estímulos para opções práticas. Não foge da tentativa de elucidar o que seja o homem, como também não se esquivava da tarefa de edificar uma *ética* e uma *política*

personalista. Mounier não foi da idéia à realidade, nem propriamente da realidade à idéia, mas na realidade da pessoa leu a idéia dela, e na luz da idéia viu a realidade como era de fato e como deveria ser de direito. É de profunda importância a forma cristã em que Mounier concebe a pessoa. Por isso, é que sua influência perdura até nossos dias, como horizonte e uma referência significativa para contribuir com seu pensamento na tentativa de dar uma proposta personalista para pessoa humana.

Em Mounier encontramos tentativas de respostas para as problemáticas ético-políticas existentes em nossa atualidade. O personalismo não é a filosofia perfeita, a única via para um debate de uma política justa. Acredito que, num mundo tão injusto para com a pessoa humana, Mounier respalda suficientemente tudo o que foi afirmado neste trabalho: todo aparelho legal, político, social ou econômico não possui outra missão a não ser assegurar as pessoas em formação, proteção e lazer que lhes permitirá reconhecer, em plena liberdade, em seguida ajudá-los, sem constrangimentos, a se desvincular de conformismos, de equívocos ou de erros em formação. Enfim, toda pessoa tem direito a vida na sua dignidade como pessoa humana.

Politicamente Mounier tenta propor ao homem uma nova democracia social e participativa inserida numa comunidade de pessoas que contempla o valor da comunhão com o objetivo de ir contra o conceito de uma civilização individualista, burguesa e totalitarista que imperava e continua imperando em nossa sociedade. Nessa perspectiva, pessoa e comunidade vem caracterizar a proposta personalista para uma civilização ética, para um socialismo democrático livre e participativo.

BIBLIOGRAFIA

Obras de Mounier em Francês

- MOUNIER. *Révolution Personaliste et Communautaire* . Paris: Éd. Montaigne, 1935.
- _____. *De La Propriété Capitaliste à La Propriété Humaine*, Paris: Desclée, 1936.
- _____. *Manifeste au service du personalisme*. Paris: Éd. Montaigne, 1936.
- _____. *Introduction aux existentialismes*. Paris: Ed. Denöel, 1946.
- _____. *Liberté sous conditions*, Paris: Éd, Du Seuil, 1946.
- _____. *Traité du caractère*. Paris: Éd. du Seuil, 1946.
- _____. *Qu'est que le personalisme?* Paris: Le Seuil, 1947.
- _____. *L'Affrontement Chrétien*. Paris Ed. Du Seuil, 1948.
- _____. Emmanuel. *Le Personalisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1949.
- _____. *Feu la Chrétienté*, Paris: Ed Du Seuil, 1950.
- _____. *Mounier et sa generation* (cartas, notas e inéditos). Paris: Éd. Du Seuil, 1956
- _____. *Individualisme et Personalisme: L'affrontement des Paradigmes*.
- (www.Philagora.net/personaliesme/personal1- Acesso em: 02/04/2008)
- _____. *Esprit*, nº 3, dezembro, 1932.
- _____. *Esprit*, nº 6, julho, 1933.
- _____. *Esprit*, nº 37, outubro, 1935.
- _____. *Esprit*, nº 73, outubro, 1938.
- _____. *Esprit*, nº 145, junho, 1945.
- _____. *Esprit*, nº 137, dezembro, 1947.
- _____. *Esprit*, nº 150, novembro 1948.

Obras de Mounier traduzidas em Português

- _____. *Emmanuel Mounier. Textos Escritos*, traduzidos e apresentados por João

Bernard da Costa. *Círculo Humanismo Cristão*. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1960.

_____. *O Personalismo*. Tradução: Vinícius Eduardo Alves. São Paulo: Centauro, 2004.

_____. *O Personalismo*. Tradução: João Bernard da Costa. Lisboa: Martins Fontes, 1950.

_____. *Quando a cristandade morre*. Tradução: Naumi Vasconcelos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

_____. *Sombras de Medo Sobre o Século XX*. Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora, 1958.

_____. *A Esperança dos desesperados*. Tradução Naumi Vasconcelos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

Obra traduzida para o espanhol:

MOUNIER, Emmanuel. *Colección Esprit 26*. Con la colaboración del Instituto Emmanuel Mounier. *Emmanuel e Esprit*. Tradução: Antonio Ruiz. Madrid: Caparrós Editores, 1997.

Outros autores

BOBBIO, Norberto. *O Futuro da Democracia*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

BRUCCULERI, Ângelo. *O capitalismo*. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1956.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Tradução: Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Cortez e Moraes, 1977.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 13º ed. São Paulo: Ática, 2003.

COMBLIN, José. *A profecia da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2008.

DALLARI, Dalmo de Abreu. *Viver em Sociedade*. São Paulo: Ed. Moderna, 1985.

DOMENACH, Roger. *Perspectiva do homem*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1965.

EMERSON, Jefferson. *A Filosofia Americana: uma Introdução de Edwards a Dewey*. Tradução: Jamir Martins, São Paulo: Editora Cultrix, 1972.

GOBRY, Ivan. *La Personne*. Paris: Press Universitaires de France, 1966.

GREENING, Thomas C. *Psicologia Existencial-Humanista*. Organizador: Thomas C. Greening. Tradução: Eduardo de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

- GROCHOLEWSKI, Zenon. *A Filosofia do Direito nos Ensinamentos de João Paulo II e Outros Escritos*. Tradução Com. Martin Girona. São Paulo: Paulinas, 2002.
- LORENZON, Alino. *Atualidade do Pensamento de Emmanuel Mounier*. Ijuí: Ed.UNIJUÍ, 1996.
- _____. *Pessoa Humana e Instituições Justas*. Revista: Presença Filosófica. Vol. XXIV, nº1-2, pp.151-166, Rio de Janeiro, 2002.
- _____. *A Crise da Democracia Representativa e a Proposta de Mounier*. Persona: Revista Iberoamericana de Personalismo Comunitário. Nº 2, Ano I, Agosto-2006.
- KIERKEGAAR, Sören. *Temos e Tremor*. In Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MARITAIN, Jacques. *Por um Humanismo Cristão: Texto seletos*. São Paulo: Paulus, 1999.
- MARX, ENGELS. *O Manifesto Comunista*. Trad. Maria Lucia Como. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- MARTINS, Antônio Colaço. *Metafísica e Ética da pessoa: perspectiva de Emmanuel Mounier*. Fortaleza: UFCE, 1997.
- MOIX, Cândide. *O Pensamento de Emmanuel Mounier*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra. 1968.
- MOUNIER, Paulette. *Compromisso da fé*. São Paulo: Duas Cidades, 1971.
- PAULO II, João. *Evangelium Vitae*. Carta Encíclica de João Paulo II sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana. São Paulo: Paulus, 2004.
- PENHA DA, João. *O que é Existencialismo*. Col. Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.
- PECORARO, Rossano. *Os Filósofos Clássicos da Filosofia: De Ortega Y Gasset a Vattimo*. Vol.III, Petrópolis: RJ: Vozes. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2002.
- PIZZOLATO, Filipo. *Fraternidade no Ordenamento Jurídico Italiano*. Subtítulo: Personalismo constitucional. In: BAGGIO, M.A. (org.). *Princípio Esquecido*. Traduções: Durval Cordas, Iolanda Gaspar, José Maria de Almeida. Vargem Grande Paulista, SP: Ed. Cidade Nova, 2008.
- REALE, Giovanni/ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: Do romantismo até nossos dias*. São Paulo: Paulus: vol III, ed. 2º, 1991.
- RICOUER, Paul. *História e Verdade*. Rio de Janeiro: Ed.Forense, 1948.
- RICOUER, Paul. *Os filósofos clássicos da filosofia. Emmanuel Mounier*. In: ROSSANO Pecorato (Org.). *De Ortega Y Gasset a Vattimo*. Vol. III, Petrópolis: Vozes

Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2009.

ROPELLATO, Daniela. *O Princípio Esquecido. Democracia e participação*. Notas sobre participação e fraternidade. In: BAGGIO, M. A. (Org.) *Princípio Esquecido*. São Paulo: Cidade Nova, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo; A imaginação; Questão de método*. Traduções de Virgulino Ferreira, São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. *O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia fenomenológica*. Tradução Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *A antropologia personalista de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Saraiva, 1974.

SOUZA, Herbert José de, SOUZA, Luiz Alberto Gomes de (Org.). *Cristianismo hoje*. Rio de Janeiro: Ed. Universitária da Une, 1964.

VIER, Frederico. *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1978.

ZILLES, Urbano. O existencialismo de Gabriel Marcel? Está faltando. O professor Deyve vai mandar.

DÌAS. Carlos. *Axiomas diretores para a democracia personalista comunitária*. <http://iemargentina.blogspot.com/2005/12/08/principios>.